

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

GIZELIA MENDES SALIBY

Os impactos do discurso patriarcal na construção do sujeito mulher em *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, de Liv Strömquist: uma investigação linguístico-semiótica

Versão Corrigida

São Paulo
2022

GIZELIA MENDES SALIBY
gizeliasaliby@gmail.com

Os impactos do discurso patriarcal na construção do sujeito mulher em *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, de Liv Strömquist: uma investigação linguístico-semiótica

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral
Orientador: Profº Dr. Antônio Vicente Seraphim
Pietroforte
Bolsa: CNPq

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S165i Saliby, Gizelia Mendes
Os impactos do discurso patriarcal na construção do sujeito mulher em A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, de Liv Strömquist: Uma investigação linguístico-semiótica / Gizelia Mendes Saliby; orientador Antonio Vicente Seraphim Pietroforte - São Paulo, 2022.
174 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Formação discursiva. 2. Impactos do discurso .
3. Sujeito mulher. 4. Liv Strömquist. I. Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim , orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Gizelia Mendes Saliby****Data da defesa: 18/01/2022****Nome do Prof. (a) orientador (a): Antonio Vicente Seraphim Pietroforte**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 03/03/2022

***(Assinatura do orientador)***

Nome: SALIBY, Gizelia Mendes

Título: Os impactos do discurso patriarcal na construção do sujeito mulher em *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, de Liv Strömquist: uma investigação linguístico-semiótica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Aprovada em: 18/ 01 / 2022

Banca Examinadora:

Presidente: Prof^o Dr. Antônio Vicente Seraphim Pietroforte

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Membra: Prof^a. Dr^a. Flávia Karla Ribeiro Santos

Instituição: Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia (IBICT)

Julgamento: Aprovada

Membra: Prof^a. Dr^a. Natália Cipolaro Guirado

Instituição: Sem vínculo institucional, Doutora pela Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: Aprovada

Membra: Prof^a. Dr^a. Letícia Moraes Lima

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Julgamento: Aprovada

Às mulheres que vieram antes de mim, às que vieram após e às que ainda virão.

AGRADECIMENTOS

À todas e a todos os mestres que contribuíram para minha chegada até aqui.

Ao meu companheiro de jornada, Rafael Muto, que esteve presente em parte do processo e que me fortaleceu nos momentos em que pesquisar no Brasil parecia um beco sem saída.

À minha irmã, Flávia Mendes Souza Silva que, mesmo distante, torce por mim.

À Daniela dos Santos, irmã que a pós-graduação me deu, pela força, carinho, generosidade e amor e que tornou esse percurso muito mais fácil e divertido.

À Clarissa Monteiro, grande amiga que a pós-graduação me deu, que me ajudou com as traduções e com as longas conversas de apoio.

Ao Leonardo Reitano, Eduardo Prachedes, Fernando Moreira, Leandro Ribeiro, Renato Albuquerque, Taís de Oliveira, Vanessa Pastorini e Sued Lima pelas trocas inestimáveis tanto para minha formação acadêmica quanto para meu desenvolvimento pessoal.

Aos colegas que formaram a comissão organizadora do 24º ENAPOL, da qual fiz parte.

Ao meu orientador, Profº Antônio Vicente Seraphim Pietroforte, pela confiança, autonomia e apoio investidos a mim.

À Profª Drª Natália Guirado, pela generosidade e carinho desde sempre, pelas trocas durante esse percurso e por compor a banca de defesa desta pesquisa.

À Profª Drª Leticia Moraes Lima, pelas conversas semióticas e não semióticas, pela generosidade e por compor a banca de defesa desta pesquisa.

À Profª Drª Flávia Karla Ribeiro Santos pela arguição da qualificação, pelas trocas teóricas, pelas conversas de conforto e por aceitar o convite de estar presente também na arguição da defesa.

Ao Profº Drº Thiago Moreira Corrêa, pela arguição da qualificação, pelas correções teóricas, pelas recomendações de leitura, pelas conversas estimulantes, que me abriram os olhos para outras possibilidades de análise e pela amizade que surgiu durante esse processo de pesquisa.

À professora Norma Discini de Campos, pelas aulas estimulantes e pelo incentivo para o ingresso na pós-graduação.

À professora Eliane Soares de Lima, pelas trocas teóricas, pelo carinho e generosidade.

Ao Grupo de Estudos de Poéticas Experimentais da Universidade de São Paulo (GEPOEX) ao qual sou membra e contribui para a minha formação.

Ao Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES), por ampliar meu ponto de vista e promover discussões teóricas estimulantes.

À Érica, pelo constante auxílio e paciência.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela formação de excelência.

Ao Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo por impulsionar a minha pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que financiou este projeto de pesquisa – processo nº 130434/2020-5.

“Muitas vezes estar preso é quase imperceptível.”

Virginia Woolf

RESUMO

SALIBY, Gizelia Mendes. Os impactos do discurso patriarcal na construção do sujeito mulher em *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, de Liv Strömquist: Uma investigação linguístico-semiótica. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Essa pesquisa analisa os impactos do discurso patriarcal na construção do sujeito mulher e tem como corpus a HQ *A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado* (2018), de Liv Strömquist. Amparada pela Semiótica discursiva e por estudos dedicados a pensar a questão da mulher na sociedade, como a teoria feminista e alguns estudiosos da antropologia, nos baseamos nos conceitos expostos por Fiorin (1995, 2008, 2016) e Barros (2002, 2005) para investigar as estratégias discursivas da enunciação, como a alternância de debreagens e embreagens para promover o efeito de sentido de verdade, o processo de construção das relações argumentativas e os recobrimentos semânticos que compõem a coerência temática dos temas opressão feminina e inferioridade feminina. Tratamos nesse último aspecto do controle de corpos e da sexualidade feminina, do apagamento semiótico daquilo que se costuma chamar de genitália feminina e da menstruação colocada socialmente enquanto um símbolo de vergonha. Abstraímos, durante o estudo, as formações discursivas e ideológicas que acompanham as isotopias temáticas trazidas na obra e os papéis temáticos que recaem sobre as mulheres. Por último, a partir das ideias de Bakhtin (1988), nos interessamos pelas relações intertextuais e interdiscursivas presentes no *corpus*.

Ao analisar a história das mulheres por meio de recortes da história da humanidade, e a partir dos estudos de Bourdieu (2020), Blikstein (2018, 2020) e Schaff (1974) obtivemos como resultado alguns dos mecanismos utilizados pelo sistema patriarcal para a manutenção da opressão das mulheres: a construção social da diferenciação biológica dos corpos do homem e da mulher serviram de base para uma diferenciação social que coloca o homem enquanto um ser absoluto e a mulher, enquanto o outro; verificamos que a sociedade procura moldar a mulher para que esta atenda a uma demanda social, por isso falamos na pesquisa, com suporte de Beauvoir (2008) sobre tornar-se mulher, pois sua condição social está sempre em construção; inferimos que as violências simbólicas nos discursos sobre a mulher e a forma

como a mulher é definida formam os corredores isotópicos dos sujeitos resultando em uma imagem distorcida e estereotipada, reforçando a ideia de superioridade masculina.

Palavras-chave: discurso patriarcal; mulher; quadrinho

ABSTRACT

SALIBY, Gizelia Mendes. The impacts of patriarchal discourse on the construction of the womanly subject in *The fruit of knowledge*, by Liv Strömquist: A linguistic-semiotic investigation. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

This research investigates the impact of patriarchal discourse on the construction of the subject 'woman', and our corpus is the graphic novel "Fruit of Knowledge: The Vulva vs. The Patriarchy", by Liv Strömquist (2018). The foundation for this analysis are discourse semiotics and studies that explore the role of women in society, in the fields of feminist theory and anthropology. From concepts presented by Fiorin (1995, 2008, 2016) and Barros (2002, 2005), we examine the discursive mechanisms that build the effect of meaning of truth and also explore the development of argumentative relations and semantic covers that create the thematic coherence of the narrative's themes of women's oppression and inferiority. In this last aspect, of women's bodies and sexuality, we address the semiotic erasure of what is commonly known as feminine genitalia and menstruation, socially considered as symbols of shame. During this study, we abstracted the discursive and ideological formations that follow thematic isotopies present in the text, as for the thematic roles that fall upon women. Lastly, based on the ideas of Bakhtin (1988), our interest resides on the intertextual and interdiscursive relations present in the corpus. From the analysis of the women's History through excerpts of humanity's History, and also from studies by Bourdieu (2020), Blikstein (2018, 2020) and Schaff (1974), we have found as a result some of the mechanisms employed by the patriarchal system to perpetuate women's oppression, such as: how the social construction of biological differentiations of male and female bodies serves as the foundation for a social differentiation that places the man as an absolute being and the woman as 'the other'; how society shapes women to serve a social demand, a notion we take from Beauvoir (2008), that one becomes a woman, for their social status is always in development; how the symbolic violence present in discourse about women and the manner in which they are characterized create the isotopical frames of subjects, drawing a distorted and stereotypical picture, reinforcing the idea of male superiority.

Key-words: patriarchal discourse; woman; graphic novel

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| PARTE 1 | 17 |
| FORMAÇÃO DISCURSIVA E IDEOLÓGICA DO SUJEITO MULHER NA SOCIEDADE | 17 |
| 1. PINCELADAS TEÓRICAS | 19 |
| 2. SINTAXE DISCURSIVA | 22 |
| 2.1. Enunciação | 22 |
| 2.2. Relações argumentativas entre enunciador e enunciatário | 29 |
| 3. SEMÂNTICA DISCURSIVA | 36 |
| 3.1. O discurso opressor e a construção do sujeito mulher | 37 |
| 3.2. O controle de corpos e a sexualidade feminina | 56 |
| 3.3. O apagamento semiótico daquilo que se costuma chamar de genitália feminina | 87 |
| 3.4. Menstruação como símbolo de vergonha | 105 |
| 3.5. Papéis temáticos | 115 |
| PARTE 2 | 123 |
| RELAÇÕES INTERTEXTUAIS E INTERDISCURSIVAS | 123 |
| 1. ALGUNS APONTAMENTOS INICIAIS | 125 |
| 2. INTERTEXTUALIDADE | 126 |
| 3. INTERDISCURSIVIDADE | 143 |
| 3.1. Discurso objetivado | 152 |
| 3.2. Discurso bivocal | 158 |
| CONCLUSÃO | 162 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 168 |

INTRODUÇÃO

“Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem.”

Rosa Luxemburgo

Estudar a construção do sujeito mulher enquanto mulher é deparar-se com dores e indignações ao mesmo tempo em que o sentimento de apropriação da própria história emerge. Há os impasses da vivência na pele que muitas vezes transcendem o inteligível em prol do sensível. Se, de certa forma, essa experiência promovida a partir do gênero pode tornar a análise tendenciosa, Aristóteles já nos dizia que “nada está no intelecto que não tenha estado primeiro nos sentidos¹”.

A história das mulheres foi contada por muito tempo pelos homens, que a contaram com suas palavras e a partir de sua visão sobre elas, mas mesmo que houvesse um homem bem intencionado², faltar-lhe-ia a vivência, a experiência pelo sentido. Lola Aronovich, no prefácio do livro *A criação do patriarcado*, de Gerda Lerner (2020, p.6), sugere o seguinte exercício:

Imagine viver em um mundo em que as mulheres são consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que as mulheres não são dignas de ter sua história contada. Assustador, não é? Pois vivíamos exatamente nesse mundo até poucas décadas atrás. E, se essa condição tem mudado, é graças a luta feminista.

O fenômeno androcêntrico, que distorce a realidade e nos dá um mundo moldado apenas sob a perspectiva masculina, ignora o ponto de vista das mulheres. O patriarcado enquanto organização sociopolítica, econômica e por vezes religiosa se baseia na ideia da autoridade masculina, que permite a liderança, o controle e o domínio dos homens sobre as mulheres.

Apropriar-se dos discursos que envolvem a vivência da mulher, fazer com eles uma relação interdiscursiva polêmica faz-se necessário num mundo onde a mulher foi historicamente silenciada. Fiorin (1995, p. 11) nos diz que: “Os discursos são combinações de elementos linguísticos usados pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo.” Assim, é importante que as mulheres tomem a palavra e ajam sobre o mundo e contem suas próprias histórias a partir da linguagem, que é o instrumento basilar da experiência social humana.

É nesta perspectiva que Liv Strömquist nos convida, então, a um passeio pela *História cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, contada pelos olhos de uma mulher. A autora,

¹ Original em latim: “Nihil est in intellectu quod non sit prius in sensu.” AQUINO, Tomás de Aquino, *De veritate*, q. 2 a. 3 arg. 19. *Quaestiones disputatae de Veritate*. Ed. A. Dondaine. Ed. Leon., vol. XXII.1-3. Roma: Editori di san Tommaso, 1972-1976.

² Stuart Mill, por exemplo, escreveu sobre a sujeição das mulheres em 1869.

formada em Ciência Política, brinca com a estrutura tradicional do quadrinho e apresenta uma perspectiva feminista em torno da história da sexualidade feminina.

Sabemos que os sujeitos sociais são construídos culturalmente e a forma como a cultura irá influenciar na formação dos indivíduos em sociedade está relacionada diretamente com os discursos que são veiculados por ela. Numa sociedade onde o discurso dominante é o patriarcal, a construção do sujeito mulher sofrerá impactos decorrentes dele. O que se busca investigar neste estudo são os impactos dos discursos patriarcais na construção do sujeito mulher e concentra-se na área de estudos linguísticos, utilizando como referencial teórico a Semiótica proposta por Algirdas Julien Greimas. A escolha deu-se por esta se propor a analisar o texto, sua produção de sentido e dos discursos que articula, o que traz pertinência aos nossos objetivos. Ademais, a metodologia proposta pela Semiótica greimasiana possibilita a abordagem das isotopias temáticas e papéis temáticos inscritos na obra, sobre os quais nos debruçaremos detidamente.

O *corpus* deste estudo é a novela gráfica *Kunskapens Frukt*, da quadrinista sueca Liv Strömquist. O estudo em questão considerará a edição brasileira - *A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado* -, publicada em 2018 pela editora Quadrinhos na Cia. Optamos pelo uso da versão brasileira, uma vez que a pesquisa pretende dialogar com o leitor e pesquisador brasileiro e por ter contado com o financiamento do governo brasileiro. Por se tratar de uma obra escrita originalmente em sueco, haverá distanciamentos e aproximações com relação à experiência social da mulher brasileira e sueca; no entanto, acreditamos que, na obra, buscou-se chegar a um corpo coletivo³, sem as marcas de um recorte cultural e racial que abarcasse todas as mulheres do mundo. Acreditamos, ainda, que esta não era a pretensão da obra. Assim sendo, não serão contempladas na análise questões específicas da mulher pelos recortes geográfico/racial/social. Sabemos que as mulheres não sofrem opressão da mesma forma, pois a própria opressão é interseccionada por fatores como classe /raça / etarismo / sexualidade e assim por diante, mas olharemos para as opressões comuns a todas elas, por sua condição de mulher na sociedade.

A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado é uma novela gráfica experimental que explora a relação da sociedade em torno da sexualidade

³ A autora seleciona como recorte a condição da mulher cisgênero e não aborda assuntos referentes a outras configurações de mulher, como as mulheres transexuais. Por se tratar de uma pesquisa que usa a obra de Strömquist enquanto *corpus*, nossa pesquisa estará restrita a essa configuração de mulher.

feminina: a forma como o corpo da mulher foi ignorado pela Ciência, o tabu em torno da menstruação e do prazer sexual feminino, bem como os papéis de gênero que recaem sobre a mulher, são alguns dos assuntos trazidos por Strömquist.

A condição de ser mulher determina como esses sujeitos deverão operar seu modo de ser-no-mundo e perpassa as estruturas do texto proposto por Strömquist, que utiliza recursos intertextuais e interdiscursivos, ou insere referências bibliográficas incorporadas ao fluxo de leitura, convidando, assim, o leitor, a continuar a sua reflexão para além do quadrinho. A análise partirá da construção do sentido produzido na obra, visando recuperar o contexto a partir das marcas deixadas no enunciado. Desta forma, faremos uma análise imanente do texto, considerando os intertextos e as relações dialógicas entre discursos que o circundam para chegarmos ao cerne de nossa questão: Como o discurso patriarcal, que construiu uma linguagem que submete a mulher ao lugar de *outro* na sociedade, é apreendido na obra?

Nossa pesquisa parte das seguintes hipóteses: (i) tentativa de estabelecer uma narrativa a partir do estabelecimento das isotopias temáticas que remonta a opressão feminina em diversos âmbitos da vida social, ao passo que confronta o pouco que se conhece a respeito da temática da história da genitália feminina e de sua íntima relação com as políticas de controle do corpo feminino; (ii) a partir das relações intertextuais e interdiscursivas, estabelecer uma relação polêmica entre os discursos. O produto final da pesquisa visará responder se e qual(is) da(s) hipótese(s) formulada(s) apresenta(m)-se como verdadeira(s).

Isso posto, para se fazer a análise circundante entre literatura e seu meio social extra-artístico, algumas autoras da teoria feminista, filosofia e sociologia incorporam e endossam a análise semiótica, Judith Butler (2018 [1990]) e Simone de Beauvoir (2008 [1949]), bem como o trabalho do filósofo Michel Foucault (1976) e do sociólogo Pierre Bourdieu (2019). Para analisar as questões discursivas e ideológicas, nos pautaremos nos conceitos de José Luiz Fiorin (1989, 1995), Izidoro Blikstein (2018, 2020), Diana Luz Pessoa de Barros (2002, 2005, 2009), Louis Hjelmslev (2018 [1961]) e Mikhail Bakhtin, expostos por Fiorin (2020).

Na primeira parte do estudo, partiremos do nível discursivo do percurso gerativo do sentido, onde analisaremos a partir da sintaxe e da semântica, a formação discursiva e ideológica em torno da construção do sujeito mulher na lógica patriarcal; as marcas culturais presentes no discurso opressor, por vezes punitivo, em torno da sexualidade feminina; os mecanismos sociais e culturais que moldam o modo de vida das mulheres e que aparecem

cristalizados em isotopias temáticas no quadrinho. Ainda nesta parte, analisaremos os papéis temáticos que recaem sobre a mulher, a partir de sua construção cultural, apontados na obra.

Na segunda parte do estudo, continuaremos a investigação da construção do sentido na obra, partindo das relações intertextuais e interdiscursivas, onde analisaremos os mecanismos dialógicos empregados pela enunciativa para estabelecer a relação polêmica entre o discurso patriarcal e o que ela propõe na obra. Os principais autores utilizados serão Bakhtin (1988), Fiorin (2020) e Barros (2003).

Analisar o discurso de uma obra que se propõe a discutir estruturas sociais opressoras, em um país onde o discurso conservador tem aflorado nos últimos tempos, é também semiotizar a sociedade, as relações de poder introduzidas em sua estrutura, o modo como a construção dos sujeitos molda seus afetos e determina suas oportunidades, pulsões, interesses etc.

Utilizar o ferramental teórico da semiótica para promover esse diálogo com outros campos do conhecimento se mostra de grande importância não apenas no âmbito acadêmico, mas também para que esses questionamentos acerca dos impactos de um discurso que não contempla as mulheres enquanto seres humanos livres possa contribuir para outras reflexões e ações coletivas e individuais.

PARTE 1

FORMAÇÃO DISCURSIVA E IDEOLÓGICA DO SUJEITO MULHER NA SOCIEDADE

“Cada formação ideológica corresponde a uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo.”

1. PINCELADAS TEÓRICAS

A semiótica discursiva toma por objeto o sentido, encarregando-se de examinar a construção dos sentidos nos textos. Assim, analisar a construção do sentido dos textos é examinar de que forma as estruturas fundamentais, narrativas, discursivas e plásticas constroem o que o texto diz. Além disso, a semiótica greimasiana se estabelece como uma teoria gerativa, sintagmática e geral. Geral porque se interessa pelos textos, independente do tipo de manifestação que assumem: gesticular, sonora, verbal, visual, por uma combinação de planos de expressão etc.; sintagmática porque estuda a produção e a interpretação dos discursos e por fim, gerativa porque concebe o processo de produção de sentido do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, homologando categorias entre os patamares de análise.

Em *Semântica estrutural* (1966), Greimas nos apresentou seu método de análise, que investiga os textos por meio de um percurso que prevê três níveis, sendo eles: o fundamental, o narrativo e o discursivo, que, nesta ordem, partem do mais abstrato e profundo ao mais concreto e superficial, por meio da enunciação.

Em cada nível do percurso gerativo de sentido há uma sintaxe e uma semântica. De acordo com Barros (2002, p. 14):

A sintaxe e a semântica complementam-se na gramática semiótica. A sintaxe semiótica deve ser considerada uma sintaxe conceptual, em que as relações, ainda que reconhecidamente abstratas, são significantes, e a semântica, uma semântica gerativa — ‘concebida sob a forma de investimentos sucessivos, dos mais abstratos aos mais concretos e figurativos’ —, sintagmática, e não apenas taxionômica, e geral (GREIMAS & COURTÉS, s.d., p. 431 e 396).

O verbete *gerativo* (*percurso ~*) do dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 232-237) nos diz que “podendo todo objeto semiótico ser definido segundo o modo de sua produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um ‘percurso’ que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto.” Em outras palavras, os três patamares do percurso gerativo de sentido se articulam para a formação do sentido dos textos e podem ser analisados de forma autônoma. Ele é então a base da teoria semiótica, uma vez que alicerça os níveis de apreensão da

compreensão que o leitor faz dos textos e possibilita ao analista o estudo dos mecanismos internos que o texto utiliza para dizer o que se propõe.

Conforme expõe Barros:

O percurso gerativo de sentido é, assim, o simulacro das abstrações que um leitor faz ao ler um texto. Ele é fundamental para a teoria semiótica. Prevê-se a apreensão do texto em diferentes instâncias de abstração e, em decorrência, determinam-se etapas entre a imanência e a aparência e elaboram-se descrições autônomas de cada um dos patamares de profundidade estabelecidos no percurso gerativo. (2001, p. 15).

O patamar mais concreto e complexo de análise no percurso gerativo de sentido, proposto por Greimas, é o nível discursivo. Ele prevê, como os demais, uma sintaxe e uma semântica que lhes são próprias. De acordo com Barros (2005, p. 53):

O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual. As estruturas discursivas são mais específicas, mas também mais complexas e ‘enriquecidas’ semanticamente, que as estruturas narrativas e fundamentais. Pelo exame da sintaxe e da semântica do discurso, serão explicadas a especificidade e a complexidade das organizações discursivas.

Em nosso estudo, optamos por privilegiar o nível discursivo, uma vez que é neste patamar de análise onde se afloram as formações discursivas⁴ e ideológicas, foco da nossa análise. A escolha se justifica porque, conforme atesta Fiorin (1995, p. 18), “A sintaxe discursiva goza de certa autonomia em relação às formações sociais, enquanto a semântica depende mais diretamente de fatores sociais.” Enquanto estrutura discursiva, a sintaxe estabelece os mecanismos que viabilizam a produção dos discursos - que exprimem certas estratégias do enunciador em criar efeito de verdade, aproximação ou distanciamento do discurso - visando estabelecer um contrato de veridicção com o enunciatário, mas é na semântica discursiva onde se afloram as visões de mundo de dada sociedade, a que chamaremos, em linhas gerais, de ideologia. Barros (2009, p. 355) nos diz que “o tema e as coberturas figurativas da semântica discursiva mostram que, nesse lugar discursivo, ocorrem, fortemente, as determinações ideológicas de linguagem.”

⁴ *Formação discursiva* é um termo da Análise do discurso de linha francesa, definido como “uma noção fundamental na medida em que mostra a condição do sujeito falante determinado por uma situação social e histórica definida e que não é a fonte do sentido, uma vez que este deriva exatamente dessas posições sociais que ocupa.” Neste estudo usamos este conceito com o olhar semiótico que enxerga a formação discursiva como o conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo, apreendida a partir de elementos da enunciação e sua relação dialógica com outros discursos que fazem parte da composição do repertório cultural e social dos enunciadores.

A linguagem sendo a base social, é também veículo de ideologias. Os discursos que veiculam socialmente são um reflexo da forma como o mundo é enxergado em dado tempo histórico e refletem seus ideais, pensamentos, conceitos e valores. Há de se considerar que a linguística, enquanto ciência da linguagem, não deve apenas estudar seu funcionamento estrutural, mas também levar em consideração as transformações sociais a que está submetida.

Como foi dito na introdução deste estudo, “o discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo.” (FIORIN, 1995, p.11) Sendo no nível discursivo, onde o discurso se aflora e transparece as ideologias que carrega, procuraremos analisar os mecanismos presentes na sintaxe discursiva para a construção da enunciação, os efeitos de sentido que se procurou arquitetar, a relação entre enunciador e enunciatário, que visam argumentação e, por fim, a forma como tais estruturas tematizam e figurativizam o texto na semântica discursiva.

Embora a teoria feminista e os estudos sociais se mostrem aliados potentes para a análise semiótica de tal objeto, a análise recuperará no próprio enunciado as suas condições históricas, uma vez que “o texto-enunciado recupera estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico.” (BARROS, 2003, p.1).

Segundo Fiorin:

A semiótica francesa, embora não ignore que o texto seja um objeto histórico, dá ênfase ao conceito de texto como objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se fundamentalmente em estudar os mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido. (1995, p. 166)

Começaremos a nossa análise pela sintaxe discursiva, investigando a enunciação, qual o efeito de sentido produzido pelas estratégias enunciativas escolhidas pela enunciadora e, na sequência, veremos a relação entre enunciador e enunciatário.

2. SINTAXE DISCURSIVA

2.1. Enunciação

Ao produzir discursos, o sujeito da enunciação lança mão de estratégias discursivas ao alocar ‘pessoas’ em dado ‘tempo’ e ‘espaço’, marcando o modo como a enunciação se relaciona com o discurso. Essas escolhas não são aleatórias, mas sim mecanismos que se inscrevem no interior dos discursos produzindo sentido.

Falar em sintaxe discursiva é abordar as condições de produção do discurso e as escolhas para a manifestação da enunciação; em outros termos, é analisar como a língua passa da virtualização para a realização da fala. Para a teoria semiótica, todo enunciado pressupõe uma enunciação, uma vez que se considera a enunciação como sendo a práxis da produção do discurso.

As escolhas de produção, como pessoa, tempo e espaço, transparecem a relação entre enunciação e discurso enunciado. Barros (2005, p. 54) define enunciação como “a instância de mediação entre estruturas narrativas e discursivas”. Benveniste, linguista cujo trabalho debruça-se sobre a enunciação, a descreve como a “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1974, p. 80) Pela definição benvenistiana, a enunciação é a instância responsável pela passagem da língua à fala⁵.

A enunciação, por sua vez, deixa marcas no enunciado e estas, por conseguinte, revelam a intencionalidade do enunciador inscrito no texto. Os procedimentos para análise da projeção da enunciação no enunciado são três, a saber: actorialização, espacialização e temporalização.

As projeções de pessoa, tempo e espaço da enunciação vão variar de acordo com os objetivos do enunciador. São considerados dois os mecanismos utilizados para o fazer persuasivo do ato de comunicar-se, a saber: *debreagem* e *embreagem*. Quando a instância da enunciação mostra-se como *eu-aqui-agora*, temos o enunciador colocado no interior do texto e a ocorrência da *debreagem enunciativa*. Esse procedimento confere ao texto subjetividade, visto que o enunciador coloca-se na posição de actante da enunciação, conferindo proximidade com o discurso. Segundo Fiorin (2017, p. 971-972):

⁵ Sua investigação partiu do conceito da dicotomia Língua e Fala (*langue et parole*) do linguista Ferdinand de Saussure.

Quando produz um ato de fala, o enunciador apropria-se do conhecimento linguístico e, ao fazê-lo, institui-se como ‘eu’. ‘Eu’ é quem diz ‘eu’, quem toma a palavra. Então, o ato de dizer estabelece um ‘eu’ e, ao mesmo tempo, como esse ‘eu’ fala para alguém, ele constitui simultaneamente um ‘tu’. Esse ‘eu’ fala num determinado espaço, que é o ‘aqui’, o lugar do ‘eu’. A partir desse marco espacial, são estabelecidas todas as diferenças de espaço: por exemplo, em português, aqui, ali, lá, acolá, etc. Além de falar num dado espaço, o ‘eu’ fala num certo tempo, o ‘agora’. O ‘agora’ é o momento da fala. ‘Agora’ é o momento em que o ‘eu’ toma a palavra. Benveniste vai dizer que o tempo linguístico é radicalmente diferente do tempo físico e do tempo cronológico, porque o tempo linguístico se constitui na e pela linguagem, ou seja, o ‘agora’ é o momento em que se toma a palavra, não importando em qual momento do tempo físico ele esteja colocado (BENVENISTE, 1974, p. 73). (...) A enunciação é a instância do ego, hic et nunc, ou seja, do eu, aqui e agora, porque, nela, alguém, num espaço e num tempo criados pela linguagem, toma a palavra e, ao fazê-lo, institui-se como ‘eu’, e dirige-se a outrem, que é instaurado como um ‘tu’.

Quando há um distanciamento do discurso, a enunciação instaura um *ele-alhures-então*, o que confere o sentido de objetividade ao discurso, estabelecendo uma *debreagem enunciativa*.

A escolha pela debreagem enunciativa ou enunciativa vai depender da estratégia adotada por quem produz o discurso. Numa narrativa, pode ocorrer uma debreagem interna, que é a passagem do turno de fala, onde o narrador dá voz a uma personagem, tornando-a um interlocutor, que “assume papel de porta-voz, do enunciador, responsável pela produção do discurso.” (BARROS, 2005, p.56). Importante destacar que “o discurso direto cria um efeito de sentido de ‘verdade’, uma vez que o narrador parece repetir palavra por palavra o discurso do outro.” (FIORIN, 1995, p. 18).

Fiorin (2016, p.56) reforça ainda que “é preciso distinguir duas instâncias: o *eu* pressuposto e o *eu* projetado no interior do enunciado. (...) a instância do eu pressuposto é a do enunciador e a do eu projetado no interior do enunciado é a do narrador.” O enunciador e o enunciatário são a imagem do autor e leitor construída no texto. Quando nos referimos, neste estudo, às estratégias discursivas na construção da obra, nos referimos à figura da enunciativa construída pelo texto, e quando nos referimos à enunciação, falamos da figura narradora.

Barros (2005, p. 57) mostra, em seu trabalho intitulado *Teoria semiótica do texto*, a hierarquia na delegação de vozes no discurso, eis:

enunciador [narrador [interlocutor - interlocutário] narratário] enunciatário

O narrador é o delegado da enunciação no discurso em primeira pessoa. O sujeito da enunciação (enunciador pressuposto) atribui ao narrador a voz, isto é, o dever e o

poder narrar o discurso em seu lugar. Assim instalado, o narrador pode, por sua vez, ceder internamente a palavra aos interlocutores. A delegação interna de voz é outro dos recursos discursivos da produção de efeitos de sentido. Utiliza-se, muitas vezes, para atribuir ao outro a responsabilidade discursiva. (BARROS, 2005, p. 57 - 58) parênteses nossos

Já o mecanismo de *embreagem* suspende os procedimentos de discursivização da enunciação; logo as projeções de pessoa, tempo e espaço são apagadas. Essa supressão é utilizada para conferir efeitos de sentido específicos. Ao se usar a terceira pessoa no lugar da primeira para falar de si, por exemplo, cria-se um efeito de objetividade; ao utilizar o lá no lugar do aí ou aqui, pode-se experimentar (ou querer imputar) uma distância entre quem fala e com quem se fala; já ao utilizar o agora no lugar de então, o que se pretende é criar uma aproximação do que se disse (ou aconteceu) ao momento da enunciação.

No texto em análise, ocorrem dois tipos de *debreagem* interna. Na *debreagem* de primeiro grau, ocorre uma *debreagem* enunciativa e o enunciador pressuposto dá voz à narradora, instaurando-a no discurso e permitindo que esta narre a história em seu lugar, que por sua vez, a conta em primeira pessoa. Importante mencionar que a enunciativa pressuposta, projeta um narrador com dêiticos femininos e esta narradora, ao contar a história da sexualidade feminina, se inclui no discurso enunciado, se projeta como narrador-personagem. Os dêiticos femininos podem ser encontrados tanto na ilustração de uma personagem identificável como mulher, quanto na verbalização, como podemos observar nos exemplos abaixo:



Figura 1: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 17



Figura 2: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 101

O uso do pronome possessivo *nossas*, apresentado na figura 2, projeta a narradora enquanto personagem da história que conta e não apenas enquanto uma narradora observadora.

A partir dessa debreagem de primeiro grau, ocorre o uso de diversas debreagens de segundo grau, algumas enunciativas e outras enuncivas ou híbridas. Observemos os exemplos abaixo:



Figura 3: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 14



Figura 4: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 13

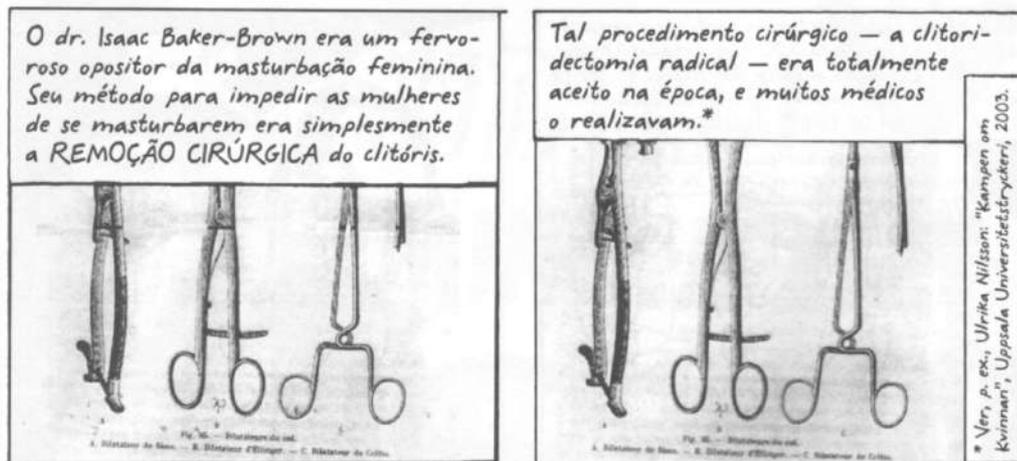


Figura 5: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 9



Figura 6: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 8

Os exemplos acima mostram como estratégia da enunciativa a oscilação entre a debreagem enunciativa e enunciativa. Tem-se o recurso de debreagens internas que viabilizam à narradora dar voz à personagem, permitindo-a tornar-se o actante da enunciação, sendo o interlocutor.

O próprio suporte do quadrinho possibilita a inserção do discurso direto, por meio dos balões de fala, mas aqui vemos que a narradora enuncia exatamente (ou com pouquíssima alteração frástica) o que o interlocutor dirá na sequência, como é o caso das figuras 3 e 6, produzindo uma debreagem interna que provoca um distanciamento do discurso e preza pela objetividade narrativa, ao passo que transfere a subjetividade ao interlocutor, lhe conferindo responsabilidade por sua fala. Tal estratégia, além de criar um efeito de sentido de ‘verdade’, tira dos ombros da narradora a responsabilidade pela fala proferida. Na figura 3, a figura é ilustrativa e não complementar, uma vez que apenas ilustra, ou reforça o que o segmento verbal da narradora nos diz.

Na figura 4, ao relatar o que Arnóbio de Sica coloca sobre o corpo da mulher, o discurso direto também se estabelece, o que nos leva a inferir que a estratégia discursiva é a mesma: conferir objetividade e promover o efeito de sentido de ‘verdade’.

Já no exemplo da figura 5, temos outra estratégia, que embora não se relacione com o discurso verbal, também cria o efeito de sentido de verdade. Ao optar pela fotografia, que é tida como mais próxima do real se comparada à ilustração, ao invés de desenhar os aparatos cirúrgicos utilizados na remoção do clitóris, a enunciativa também provoca um distanciamento do discurso, reforçando a construção de sentido de objetividade.

O exemplo da figura 6 é o que consideramos, portanto, híbrido. Há a inserção do discurso direto do interlocutor, que repete o que diz a narradora, mas há também a fotografia do periódico onde os estudos do Dr. John Harvey Kellogg foram publicados. O efeito de objetividade obtido a partir de tal estratégia aproxima o discurso da novela gráfica de um texto informativo-científico, quase histórico, afastando a subjetividade que advém com frequência deste gênero textual. Olhemos o próximo caso:



Figura 7: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 25

Na figura 7, não havendo no enunciado o discurso direto, o texto projeta uma debreagem enunciativa, onde um ele-alhures-então pode ser apreendido. Neste caso, também é assegurada a objetividade discursiva, uma vez que não há a projeção do actante da enunciação, mas sim dos actantes do enunciado.

COMO VOCÊS TALVEZ TENHAM PERCEBIDO, AS AUTORIDADES, AS ORGANIZAÇÕES, OS JORNAIS, OS ESPECIALISTAS MÉDICOS E OUTROS DA NOSSA SOCIEDADE PRODUZEM INFORMAÇÃO SOBRE SEXO.

NESSA INFORMAÇÃO, OU SEJA, NA NARRATIVA DA SOCIEDADE SOBRE O ORGASMO, CERTAS AFIRMAÇÕES SE REPETEM, POR EXEMPLO:

Para algumas mulheres, curtir sexo *não* é sinônimo de ter orgasmo, já que certas mulheres tiram mais proveito de outras coisas que não o orgasmo.*

* Web4Health, atualizado em 28 de dezembro de 2012.

Existem mulheres que são incapazes de atingir o orgasmo, não importando as ferramentas e os truques a que recorram.

Nem o melhor amante do mundo pode dar orgasmo a uma mulher se ela bem no fundo de sua consciência genital não tiver coragem de se soltar.*

* IFORM, "Orgasmens hemligheter".

Figura 8: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 58

Nos quadros da figura 8, há ainda outro recurso que assegura a objetividade do discurso. Para além da debreagem enunciativa na fala da narradora, a enunciadora aproxima a produção artística do quadrinho a um discurso científico, ao retomar as citações e incorporar as referências bibliográficas ao fluxo de leitura. Há ainda recursos plásticos que marcam essa passagem do discurso formulado pela narradora para a intertextualidade citada no enunciado, como a alteração da fonte, o uso do esquema de cores *branco vs. preto*, dando a ideia de recorte, alicerçando a objetividade do que é dito. Os elementos plásticos costumam, conseqüentemente, o sentido junto com o segmento verbal.

2.2. Relações argumentativas entre enunciador e enunciatário

Além de analisar as projeções da instância da enunciação no enunciado, a sintaxe discursiva também se encarrega da investigação das relações entre enunciador e enunciatário, ou seja, a argumentação. Segundo Fiorin (2016, p.75):

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação, com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. Por isso, ele é sempre persuasão.

Todo ato de comunicação tem por finalidade um fazer-creer em sua verdade, por isso dizemos que os discursos são em essência persuasivos; nessa relação argumentativa entre enunciador e enunciatário, cada um exerce um papel: o enunciador exerce a função de destinador-manipulador, cujo fazer persuasivo caracteriza-se pela manipulação do enunciatário a entrar em conjunção com seus valores, veiculados por meio do discurso; já ao enunciatário, enquanto destinatário, cabe o fazer interpretativo e a ação seguinte (entrar em conjunção ou não com o discurso e realizar alguma ação a partir daí). Barros reforça que: “tanto a persuasão do enunciador quanto a interpretação do enunciatário se realizam no e pelo discurso.” (2005, p.62)

De acordo com Fiorin:

Nesse jogo de persuasão, o enunciador utiliza-se de certos procedimentos argumentativos visando levar o enunciatário a admitir como certo, como válido o sentido produzido. A argumentação consiste no conjunto de procedimentos

linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário. (2016, p.75)

Um dos recursos argumentativos à disposição do enunciador é a ilustração, que consiste em enunciar uma afirmação e embasá-la com exemplos. Vemos este recurso sendo explorado pela enunciativa ao longo de toda a obra, conforme alguns exemplos dispostos a seguir.

Vocês podem ver como um problema na nossa cultura que o que se costuma chamar de ‘genitália feminina’ seja algo ignorado e motivo de vergonha...
 ... Algo de que não se deve falar... e que em geral é silenciado, abafado, tido como vergonhoso... E que nem nome próprio tem! Vocês talvez pensem que isso tem a ver com o poder dos homens na sociedade e como eles, de diversas maneiras, criaram uma cultura de constrangimento e segredo!!! Mas NOSSA CULTURA tem um PROBLEMA MUITO, mas MUITO maior e MAIS SÉRIO! O problema dos homens que se intrometeram de maneira totalmente EXAGERADA em assuntos relacionados ao que se costuma chamar de ‘genitália feminina’! Os homens que se interessaram/ se interessam DEMAIS por aquilo que se costuma chamar de ‘genitália feminina’ causaram problemas ENORMES na sociedade! (...) Existe em muitos meios, uma ENERGIA EXAGERADA focada em colonizar - com diversos métodos - o corpo feminino até o último cantinho escuro e úmido!!! E com certeza é legal que as pessoas ‘insistam nas coisas’, mas eu, e muitos concordo comigo, recomendo um procedimento um POUCO menos insistente e determinado por parte daqueles homens que investiram tempo DEMAIS em se intrometer nisto que se costuma chamar de ‘genitália feminina’. Olhando para a história e a atualidade, somos muitos que teriam apreciado uma atitude um pouco mais relaxada de ‘deixa pra lá’ em relação àquilo que se costuma chamar de ‘genitália feminina’! E a fim de incentivar isso, vou agora apresentar A LISTA COMPLETA DE: HOMENS que se interessaram um pouco DEMAIS por aquilo que se costuma chamar de ‘GENITÁLIA FEMININA’. (STRÖMQUIST, 2018, p.5-7)

Após colocar a sua afirmação, como recurso argumentativo para persuadir o enunciatário a entrar em conjunção com suas ideias, a narradora apresenta uma lista com sete exemplos que embasam a sua afirmação. Os exemplos, além da exposição *per se*, contam com as referências bibliográficas, por se tratarem de momentos históricos, bem como através do uso de fotografias e citações, como assinalado nos exemplos anteriores. O uso de tais estratégias visam firmar um contrato de veridicção com o enunciatário. Vejamos mais alguns deles:



Figura 9: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 8

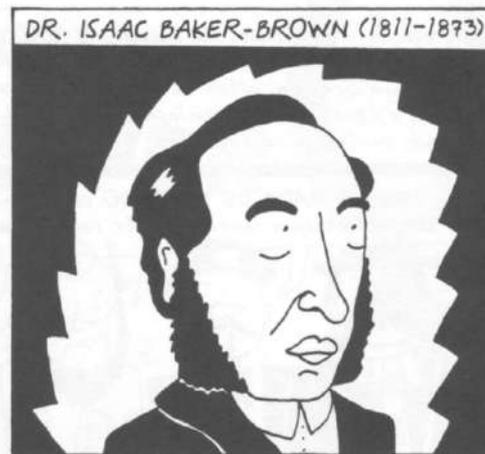


Figura 10: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 9



Figura 11: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 11

Este procedimento visa estabelecer o discurso enquanto verdadeiro, uma vez que, ao apresentar exemplos de homens que se interessaram demais por aquilo que se costuma chamar de ‘genitália feminina’, a enunciativa não pressupõe que todos os homens tiveram / têm essa postura, portanto nenhum contraexemplo pode derrubar a afirmação inicial.

Segundo Barros:

Dois aspectos principais da manipulação precisam ser examinados: o contrato que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário e os meios empregados na persuasão e na interpretação. Pelo contrato, o enunciador determina como o enunciatário deve interpretar o discurso, deve ler a ‘verdade’. O enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Para escolher as pistas a serem oferecidas, o enunciador considera a relatividade cultural e social, da ‘verdade’, sua variação em função do tipo de discurso, além das crenças do enunciatário que vai interpretá-las. O enunciatário, por sua vez, para entender o texto, precisa descobrir as pistas, compará-las com seus conhecimentos e convicções e, finalmente, crer ou não no discurso. (2005, p. 63)

A partir do que expõe Barros, analisaremos a estratégia enunciativa utilizada para construir a verdade no discurso. O dispositivo veridictório a que a enunciativa recorre, conforme demonstrado anteriormente, é a inserção das referências bibliográficas incorporadas ao fluxo de leitura. Esse procedimento visa a diminuição da subjetividade de um discurso no qual ela está diretamente implicada, enquanto narradora-personagem, objetivando-o a partir do discurso do outro. Além do efeito de sentido de objetividade, recorrer a um discurso de autoridade infere a legitimidade do próprio discurso.

A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado é um quadrinho experimental, pois é construído de forma que se assemelha ao discurso científico. O plano da expressão apresenta no formante topológico de várias páginas - na verticalidade, em sua maioria, embora algumas vezes também ocorra na horizontalidade - informações do plano de conteúdo que indicam as referências bibliográficas acerca da informação trazida pela narradora. Como podemos ver nos exemplos a seguir:



Figura 12: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 18

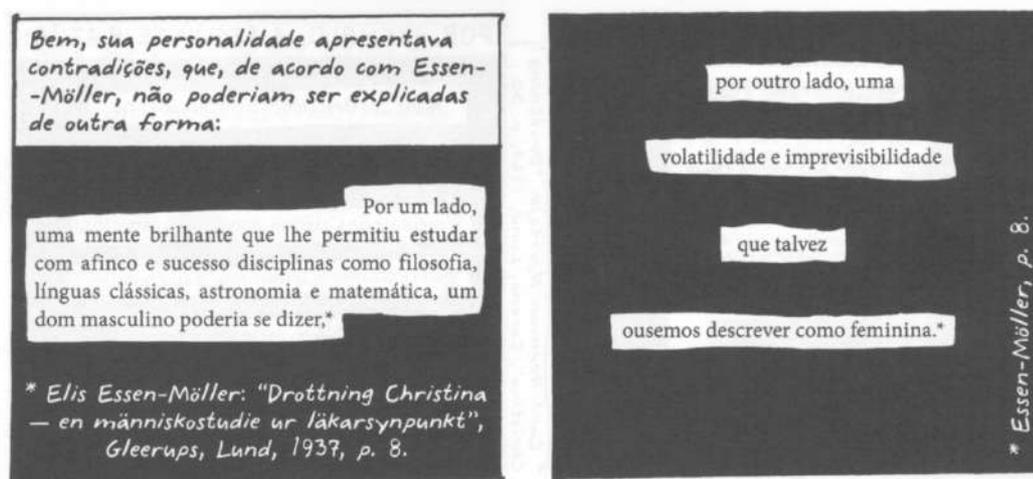


Figura 13: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 26

Segundo Barros:

o discurso constrói a sua verdade. Em outras palavras, o enunciado não produz discursos verdadeiros ou falsos, mas fabrica discursos que criam efeitos de verdade ou de falsidade, que *parecem* verdadeiros ou falsos e como tais são interpretados. Por isso, empregamos o termo 'veridicção' ou 'dizer-verdadeiro', já que um discurso será verdadeiro quando for interpretado como verdadeiro, quando for dito verdadeiro. (2005, p. 64)

O verbete *veridicção* do dicionário de semiótica explica que a teoria clássica da comunicação nutre interesse pela transmissão correta das mensagens, que contempla a relação entre produção da mensagem e a interpretação de quem a recebe. A teoria saussuriana, no entanto, "ao postular autonomia, o caráter imanente de qualquer linguagem e, pela mesma

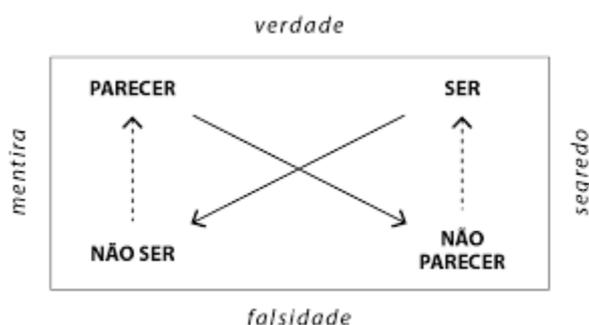
razão, a impossibilidade de recorrer a um referente externo” forçou a semiótica a “inscrever entre suas preocupações não o problema da verdade, mas o do dizer-verdadeiro, da veridicção.” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 530)

Dito isso, nosso interesse é justamente o mecanismo argumentativo utilizado pela enunciativa para construir as marcas de veridicção ao longo do discurso, cujo intuito consiste em passar da instância do enunciador para a do enunciatário. Isso porque “a produção da verdade corresponde ao exercício de um fazer cognitivo particular, de um *fazer parecer verdadeiro* que se pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo.” (IDEM; p. 531)

Uma vez que tanto a persuasão do enunciador quanto o fazer interpretativo do enunciatário constroem-se no e pelo discurso, a finalidade da persuasão é firmar o contrato de veridicção com o enunciatário. Em outras palavras, é fazê-lo aderir ao que é dito. Esse processo, por depender do fazer interpretativo do enunciatário, envolve o choque dos universos axiológicos tanto do enunciador, quanto do seu enunciatário proposto. A leitura que o enunciador faz do universo axiológico do enunciatário mostra-se, conseqüentemente, fundamental para a construção do simulacro da verdade.

Segundo Greimas e Courtés, “a categoria de veridicção é constituída pela colocação em relação a dois esquemas: o esquema *parecer/não parecer* é chamado de manifestação, o do *ser/não ser*, de imanência.” (IDEM, p.533)

A partir desses esquemas, constrói-se as seguintes relações:



Acervo pessoal

A partir dos procedimentos de análise das modalidades de veridicção, podemos inferir duas conclusões:

I. Na manifestação do discurso, muitos dos exemplos trazidos pela enunciativa *não parecem* verdadeiros, seja pelo grau de absurdo comparado ao conhecimento disponível hoje,

seja pelo nível de desumanização que recaiu sobre a mulher em alguns períodos históricos. Ao incorporar as referências bibliográficas ao fluxo de leitura, a enunciativa passa da esfera da manifestação e condensa-se na imanência, afirmando que *são* verdadeiros. Logo, a relação que temos ao homologar a manifestação (*não parecer*) com a imanência (*ser*) é a do *segredo*. Dessa forma, a enunciativa joga luz a um discurso esquecido ao longo da história, que estando no domínio do segredo, não permite remontar a gênese da opressão feminina, contribuindo para a perpetuação da opressão como um fator natural, inerente às relações entre homens e mulheres, como veremos mais adiante.

II. As mulheres foram e ainda são culturalmente silenciadas ou tiveram/têm seus discursos desacreditados; portanto, ao inserir as referências bibliográficas ao fluxo de leitura, a enunciativa evidencia a verdade de seu discurso, recorrendo a discursos de autoridade como estratégia de argumentação a fim de firmar, com essas marcas veridictórias, um contrato de veridicção com o enunciatário pressuposto, levando-o a crer em suas palavras, haja visto que não são apenas suas, mas estão apoiadas em outros discursos. Dessa forma, ela articula e mobiliza diferentes discursos para compor o seu, que firmam com estes uma relação polêmica, colocada contrariamente a eles.

Desta forma, como nem sempre o campo do universo axiológico é compartilhado entre enunciatário e enunciatário, ao recorrer a esse dispositivo veridictório, a enunciativa, em seu fazer persuasivo, direciona-se para o fazer-interpretativo do enunciatário, apresentando-lhe evidências para caso em seu repertório axiológico, construído a partir do seu conhecimento de mundo, esteja embutido a desconfiança nos discursos femininos.

Uma vez analisada a enunciação, que é a instância entre a língua e o discurso, bem como as relações argumentativas entre enunciatário e enunciatário, passemos para a análise da semântica discursiva, onde mostraremos como a ideologia é apreendida e a sua relação com a temática central da obra, cujas isotopias temáticas desvelam os papéis temáticos que recaem sobre o sujeito mulher.

3. SEMÂNTICA DISCURSIVA

Antes de falarmos sobre temas e figuras inscritas na obra, comecemos por distinguir os termos. Em primeiro lugar, tem-se que “tema é o elemento semântico que designa um elemento não-presente no mundo natural, mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis.” Por outro lado, “figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural.” (Fiorin, 1995, p. 24) Fiorin sintetiza o funcionamento desses mecanismos, afirmando que:

Dependendo do grau de concretude dos elementos semânticos que revestem os esquemas narrativos, há dois tipos de textos: os *figurativos* e os *temáticos*. Os primeiros criam efeito de sentido de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, desta forma, o mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significativa, estabelecendo relações e dependências. (...) Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-lo. (2016, p.91)

São dois os temas apreendidos em *A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, sendo o central a opressão feminina e o subordinado, a inferioridade feminina.

O quadrinho manifesta as determinações ideológicas em sua relação entre temas, onde recebem recobrimentos semânticos, que vão se manifestar em um ou mais papéis temáticos, e, em alguns casos, ser mais concretizado por um recobrimento figurativo.

Ao falarmos em textos figurativos ou temáticos, nos referimos à predominância entre um e outro. *Tema* e *figura* estão relacionados semanticamente à oposição *abstrato vs. concreto*; porém não como categorias estanques, mas fluidas que vão do mais abstrato ao mais concreto. Dito de outra forma, “a classificação decorre assim da dominância de elementos abstratos ou concretos e não de sua exclusividade.” (FIORIN, 2016, p. 92)

Barros elucida a questão ao levantar que:

Os discursos científicos ou os discursos políticos, entre outros, considerados como discursos não-figurativos, são, na realidade, discursos de figuração esporádica, que não chegam a constituir percursos figurativos completos. Dessa forma, a coerência dos discursos de figuração esparsa é garantida pela recorrência temática. Tais discursos são, por isso mesmo, denominados discursos temáticos. (2005, p. 71)

Já dissemos na análise da sintaxe discursiva que a enunciativa, ao utilizar o quadrinho de forma experimental, incorpora ao fluxo de leitura as referências bibliográficas, assim como citações de estudos e documentos históricos, o que aproxima o quadrinho, em alguns momentos, mais de um discurso científico do que ficcional. Observa-se o afastamento da subjetividade enunciativa graças ao recurso de debreagens internas e enuncivas, produzindo o que a Semiótica assume ser um efeito de sentido de verdade. O texto, produto de uma pesquisa sagaz, visa não simular o mundo, mas explicá-lo, apresentando-o sob o ponto de vista de uma mulher. Desta forma, trata-se de um texto majoritariamente temático, com figuratividade esparsa, manifestada a partir de recobrimentos semânticos. O uso da figuratividade visa simular o mundo para argumentar, com vistas a promover um efeito de sentido de realidade e, conseqüentemente, a persuadir o enunciatário a entrar em conjunção com os valores apresentados.

Esta primeira parte da pesquisa visa mostrar as formações discursivas e ideológicas, condensadas no nível discursivo, em torno do sujeito mulher e mostrar como a visão de mundo é moldada para atender aos interesses sociais da classe dominante.

As questões de ordem ideológica manifestam-se no *corpus* na relação entre temas, pois a própria ideia de dominação de um gênero em relação a outro já apresenta uma ideologia marcada (a da soberania masculina). O tema da inferioridade feminina está atrelado ao da opressão feminina, pois a partir da ideia de um corpo biológico inferior a opressão feminina começa a ganhar corpo no patriarcado, invadindo as esferas psíquica e intelectual, como veremos ao analisar alguns dos recobrimentos semânticos que compõem essa coerência temática.

Antes de passarmos para a análise das coberturas semânticas temáticas, optamos por colocar alguns apontamentos basilares a respeito da construção dos discursos e a relação destes com a vivência feminina.

3.1. O discurso opressor e a construção do sujeito mulher

O mundo se constrói a partir da linguagem, e é ela que nos torna humanos, sendo este, portanto, o instrumento pelo qual a humanidade se molda e se constrói em sociedade. Uma vez que a relação entre os sujeitos é pautada pela linguagem, os discursos que circundam a vida social servem como um mecanismo opressor de sujeitos, indicando-lhes papéis temáticos

para a vida social. Partiremos de duas citações para o início da nossa análise. Hjelmslev (2018, p.1) nos diz que:

A linguagem - a fala humana - é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana (...).

E de acordo com Fiorin (1995, p. 15):

Pode ser que o surgimento de uma categoria, como o gênero, seja determinado por fatores sociais. (...) Talvez o fato de o masculino ser, numa série de línguas, o genérico, isto é, o termo que indica conjuntamente nomes masculinos e femininos, deva-se ao prestígio do homem nas sociedades patriarcais.

Fazendo um paralelo entre as ideias de Hjelmslev e Fiorin, podemos dizer que a linguagem é o fator primordial e basilar da atuação da vida social e as categorias sintáticas, semânticas e discursivas, vão na direção dos interesses construídos pela sociedade. Desta forma, os discursos são construídos para atender aos interesses de uma classe de indivíduos que estão em situação de poder, a que chamamos de *classe dominante*. Nas sociedades patriarcais, a classe dominante é representada pela figura do homem, em geral branco e heterossexual. Os indivíduos que estão diametralmente opostos nessa lógica, são denominados *classe dominada*. Diametralmente oposta à figura do homem temos a figura da mulher. Começaremos a nossa investigação na tentativa de entender os impactos do discurso patriarcal na construção do sujeito mulher.

Segundo Fiorin (1995, p. 32):

Uma formação ideológica deve ser vista como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora do quadro da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. É com a formação discursiva assimilada socialmente que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos.

A afirmação de Fiorin coloca as questões ideológicas no campo da linguagem e a isso relaciona-se a forma como o discurso opressor que determina a visão de mundo das

sociedades patriarcais constrói a identidade da mulher. Ainda segundo Fiorin, “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos.” (IDEM, p. 33)

Uma vez que a cultura, por meio da linguagem e da produção de discursos, cria uma imagem do mundo que determina nossa forma de percebê-lo, as ideologias presentes nos discursos também moldam como o homem apreende seu lugar de superioridade perante a mulher.

Ainda conforme Fiorin:

Os filósofos idealistas sempre afirmaram que a linguagem cria uma imagem do mundo. (...) A linguagem contém uma visão de mundo, que determina nossa maneira de perceber e conceber a realidade, e impõe-nos essa visão. A linguagem é como um molde, que ordena o caos, que é a realidade em si. Como a linguagem dá forma a esse caos, determinando o que é uma coisa, um acontecimento etc., cria uma imagem ordenada do mundo. (1995, p. 52)

O linguista Saussure (2012, p.37) nos apresentou a ideia de que “um signo se define em relação a outro”, considerando os signos linguísticos, mas seu pensamento pode atravessar a esfera da linguagem pura e simplesmente, se condensando também nas estruturas sociais que advém a partir dela. A moral existencialista hegeliana trabalha com a ideia de dualidade entre o mesmo e o outro. Desta forma, “o sujeito só se põe, em se opondo ao outro: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto.” (BEAUVOIR, 1949, p.14). Só quando o outro indivíduo o reconhece como alguém autônomo, cria-se a autoconsciência e essa consciência só é possível a partir do reconhecimento do outro. Nesta lógica patriarcal, o homem se afirma como o *um* e coloca a mulher como o *outro*. A mulher não é definida em relação a si mesma, mas pela oposição ao homem. Tal oposição surge inicialmente por fatores biologizantes, mas se condensa em outras ordens, como comportamento, gostos, aptidões etc. que não são naturais a si, mas construídas socialmente.

Se as relações humanas se dão a partir da linguagem, então é a partir dela que as opressões se estabelecem. Dentro do cenário patriarcal, a linguagem e o discurso submetem o sujeito mulher a uma condição de *outro*. Beauvoir (2016;11) nos chama a atenção para o fato de que:

Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma como a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *outro*.

Ao falar de *tornar-se mulher* na sociedade, ou a condição de ser mulher, a que certos seres humanos estão destinados, Beauvoir engloba aspectos psíquicos, morais, sociais e antropológicos para reforçar a ideia de que o destino biológico não é uma condição naturalmente dada, mas sim construída sob aspectos de servidão, submissão e opressão, pois a fêmea assume um papel que vai de encontro aos interesses econômicos e sociais.

Essa ideia pode levantar a questão de que ser homem também é uma construção e que ninguém nasce homem, por assim dizer. Evidentemente que aos homens também recaem papéis temáticos, pois o patriarcado também limita seu desenvolvimento, sobretudo emocional e criativo, limitando também as possibilidades de exploração da própria sexualidade; no entanto, a eles é dada maior possibilidade de escolha em seu destino na vida adulta - trabalho, carreira, construção (ou não) de família, ser (ou não) pai, liberdade sexual para ter várias parceiras sem ter sua moral questionada etc. -; a eles também é dada maior possibilidade de acessos sociais; a eles é oferecida a possibilidade de errar, ao longo de toda a sua vida e o direito à imaturidade. A exemplo disso, podemos assimilar o fato de que os homens são tratados como meninos, enquanto que as meninas já são tratadas como mulheres. A eles é assegurada maior segurança física e moral fora da vida privada. Eles também não sofrem opressões apenas por serem lidos como homens na sociedade, o que é diferente do que ocorre com as mulheres, como veremos ao longo deste estudo. Isso porque mesmo um homem que não se encaixe no modelo de homem ideal dominante, pode performar masculinidade - pois possui os atributos biológicos e sociais para tanto - para usufruir dos privilégios que lhe são assegurados pela sua condição de ser homem; já as mulheres não possuem as mesmas possibilidades.

Se a mulher é o *outro* comparado ao homem, então ela está em posição de submissão dentro de um sistema que privilegia o masculino. O que se observa é que tal subordinação ao longo da História é trazido pela narradora na forma de negligência médica, de procedimentos de caráter punitivo que visavam colonizar o corpo feminino e na sugestão de papéis temáticos para a atuação da figura feminina em sociedade.

Ao negar por tanto tempo a autonomia sexual da mulher, colocando-a quase como uma figura mitológica, possuínte de uma ‘essência feminina’, firmou-se esse posicionamento de *outro*. Tal movimento resultou na falta de estudos no campo da sexualidade feminina, na imposição de um padrão de beleza e comportamentos femininos, e a colocou num contexto onde o principal objetivo é o controle regulador de sua vida, em que as possibilidades sociais e o desenvolvimento da própria subjetividade são menos possíveis.

Postas estas questões basilares sobre a linguagem e seu potencial opressor, passemos à análise de como esses discursos constroem isotopias temáticas que garantem a coerência temática da obra.

Social e culturalmente, os sujeitos são categorizados a partir de seu gênero. Nas sociedades modernas, essa categorização é binária: masculino e feminino. A categoria gênero é também uma construção cultural e social. Segundo o dicionário Aurélio, gênero, pela perspectiva antropológica, é definido como: “a forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos”.

Uma das grandes discussões acerca de gênero é a distinção entre *gênero* e *sexo*; enquanto a visão médica e social avaliam que sexo é algo fisiológico, biologicamente dado, enquanto que o gênero assume um papel de construção cultural, algumas teóricas acreditam que é impossível desassociar ambos conceitos, uma vez que o próprio caráter imutável do sexo é passível de contestação, sendo o sexo também uma construção cultural. (BUTLER, BEAUVOIR, FAUSTO-STERLING, por exemplo). Essa oposição de ideias abre espaço para o debate da oposição semântica *masculinidade X feminilidade* enquanto uma estrutura cultural. Vejamos esses trechos:



Figura 14: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 14



Figura 15: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 14



Figura 16: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 15

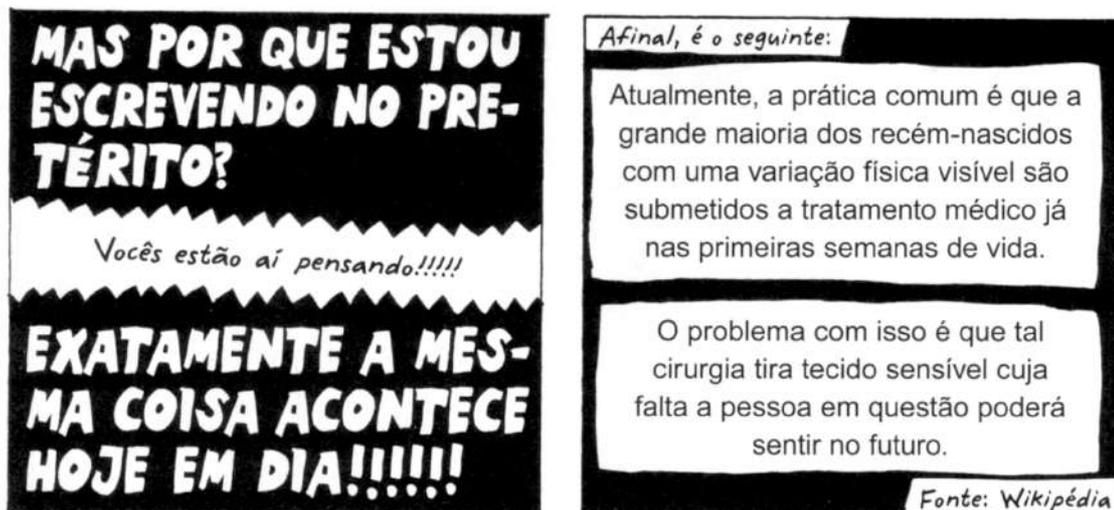


Figura 17: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 15

O sistema binário de gêneros que surgiu como uma preocupação no início do século XIX estava atrelado a novas formas de governar e, conseqüentemente, de controlar os corpos. Ao designar que toda criança deve ser encaixada em uma das polaridades - masculino ou feminino, o Estado passa a ter poder de decisão sobre o corpo do indivíduo, não importando a subjetividade, a particularidade daquele corpo, o quão saudável ele é, tampouco o efeito que tal procedimento poderá acarretar em sua sexualidade no futuro. Ao enquadrar todo e qualquer sujeito na lógica binária, constrói-se culturalmente o sexo biológico e constrói-se ainda um discurso excludente, onde qualquer desvio dessa lógica é passivo de intervenção médica - e estatal.



Figura 18: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 42

O termo 'biopolítica' designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica - por meio dos biopoderes locais - se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas. (REVEL, 2002, p.26)

Embora o texto traga como justificativa a escolha da intervenção cirúrgica em bebês ser a da criação da vulva pela maior facilidade - se trata apenas da retirada de tecido 'extra', apontamos outra possível razão para esta escolha. O controle dos corpos femininos é mais viável para o Estado. As mulheres tinham, no século XIX, seus espaços mais controlados e seus papéis temáticos mais bem limitados socialmente. A biopolítica, como mencionado acima, designa as formas de poder que datam do fim do século XVIII e começo do século XIX, período que coincide com a mudança de visão dos corpos feminino e masculino, que deixaram de ser vistos como iguais para serem vistos como opostos, como veremos mais adiante.

Essa mudança buscava suprir uma necessidade sociopolítica da época: o poder da igreja diminuía em relação à ciência e toda a sociedade passava por grandes mudanças, logo as diferenças entre homens e mulheres eram um fator a ser explorado para a dominação masculina. Com o enfraquecimento do poder religioso, argumentos bíblicos, como "a mulher deve ser submissa ao homem" (Efésios 5:22-33) não eram mais vistos como verossímeis. Logo, as diferenças entre homens e mulheres começaram a ser investigadas no campo da biologia e se estenderam até as mais ínfimas subjetividades, que não eram consideradas como construções sociais, mas sim como categorias inerentes aos sujeitos a partir do sexo biológico.

Desta forma, ao optar por transformar em meninas bebês que não se enquadravam no sistema binário de gênero, o Estado garantia um sujeito de maior controle; também era benéfico para atender aos interesses do Estado a possível anulação da sexualidade desse indivíduo. Uma vez que a concepção de que homens e mulheres eram opostos, a sexualidade feminina também deixava de ser vista como eufórica e passava a ser enxergada como inexistente, sendo a frigilidade vista, no começo do século XIX, como expressão de caráter e boa educação. Ainda sobre a biopolítica:

A população é um conjunto de seres vivos e coexistentes que apresentam traços biológicos e patológicos particulares e cuja própria vida é suscetível de ser controlada a fim de assegurar uma melhor gestão da força de trabalho: 'A descoberta da população é, ao mesmo tempo que a descoberta do indivíduo e do corpo

modelável, o outro grande nó tecnológico ao redor do qual os procedimentos políticos do Ocidente são transformados. Inventou-se, nesse momento, o que eu chamarei, por oposição à anátomo-política, de biopolítica'. Enquanto a disciplina se dá como anátomo-política dos corpos e se aplica essencialmente aos indivíduos, a biopolítica representa uma 'grande medicina social' que se aplica à população a fim de governar a vida: a vida faz, portanto, parte do campo do poder. (REVEL, 2002, p.27)

As formações discursivas em torno da ideia do controle dos corpos, colocando a vida como parte do campo do poder, servem tanto para homens como para mulheres. Entretanto, às mulheres a oferta de possibilidades para se desenvolverem enquanto sujeitos autônomos é infinitamente menor e mais pautada em um controle regulador de suas vidas.

No cenário patriarcal, o gênero feminino - homologado culturalmente à mulher - é submetido a normas e condutas determinadas que reforçam o papel de superioridade do homem. O quadrinho apresenta diversos momentos históricos onde o discurso patriarcal é utilizado como mecanismo de opressão das mulheres, regulando ainda a sua participação na sociedade e atribuindo-lhes papéis temáticos imperativos até o século XIX, e sugestionando-os nos séculos XX e XXI. Conforme a luta feminista foi avançando e as diferenças sociais entre homens e mulheres foram sendo dissuadidas, outros mecanismos foram empregados para que o lugar da mulher como o *outro* fosse assegurado dentro da estrutura patriarcal.

Para revelar o pensamento ideológico da sociedade e os mecanismos discursivos com relação às mulheres, a narradora vai traçar uma linha do tempo mostrando que as mudanças pelas quais a figura feminina foi sendo construída visavam atender a uma demanda social diferente a cada época. Cada uma dessas demandas sociais foi crucial para a construção e perpetuação de discursos que aprisionavam a mulher dentro de estereótipos ou que tiravam de si a possibilidade de decidir por seu próprio destino. Ou seja, a construção do sujeito mulher na sociedade não é randômico nem estável, ele é um projeto que visa atender aos interesses de uma classe dominante, que neste caso é a classe identificada e identificável como masculina e heterossexual, e que se transforma a medida que novas demandas são criadas ou surgem na sociedade.

Embora nos propomos a investigar a construção do sujeito mulher, reconhecemos que falar em *sujeito mulher* já é por si só um desafio, uma vez que segundo a lógica patriarcal, onde o homem é o sujeito absoluto e a mulher é seu outro referencial, ela não se torna um

sujeito autônomo, mas um outro objetal, inessencial, não sendo destinadora de si, mas tendo, na cultura, a destinação dos limites onde pode desenvolver-se.

De acordo com Butler: “os domínios da ‘representação’ política e linguística estabelecem *a priori* o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, como o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito.” (BUTLER, 2019, p.18). O reconhecimento como sujeito social, com direitos e deveres, que ocupa os espaços públicos e toma decisões acerca da própria vida, com sua segurança física e moral assegurada, não é algo naturalmente dado às mulheres, como mostrará a narradora ao longo da obra. É preciso performar um sujeito, por isso falamos em sujeitos identificáveis. Não basta que se nasça mulher, pois a condição de mulher não está no ser, mas no tornar-se, como apontado anteriormente. Para ser reconhecida como mulher, é preciso primeiro que este indivíduo seja reconhecido enquanto mulher, com a performance de feminilidade, em conformidade com os papéis temáticos esperados, ao menos em partes. Butler (1999, p. 111) elucida que:

A performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. (...) as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Desta forma, uma mulher que não performa de acordo com o esperado para a categoria mulher, fica ainda mais vulnerável à violência de gênero e tem seus acessos públicos ainda mais dificultados. Barros nos traz uma reflexão sobre como os discursos intolerantes excluem o indivíduo que não performa o esperado socialmente:

Os discursos intolerantes consideram o ‘diferente’ como aquele que rompe pactos e acordos sociais, que profana o grupo em que está ‘misturado’, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente, feio e imoral, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido com a triagem por exclusão. (2019, p.15)

As estratégias de dominação destes sujeitos torna insustentável que se desenvolvam enquanto seres humanos autônomos, ao mesmo tempo em que tenta tornar inviável qualquer ação para fugir dessa lógica e isso está impregnado na obra, com relatos de diferentes épocas e momentos históricos.

O *corpus* deste estudo nos introduz a uma lista de homens que se interessaram demais por aquilo que se costuma chamar de genitália feminina. Logo na primeira página já emergem as construções sociais em torno do sujeito mulher. Tomemos, como exemplos, as pranchas a seguir:



Figura 19: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 5



Figura 20: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 6⁶

⁶ "Homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de genitália feminina" lê-se na página seguinte, página não numerada.

A narradora, ao passear pela lista de homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de genitália feminina, nos apresenta como primeiro lugar um grupo de homens que abriu o túmulo da rainha Cristina da Suécia.

Segundo o texto, no ano de 1965, foi lançado um projeto para abrir o sarcófago da rainha Cristina, que havia falecido em 1689. O que motivou o grupo de homens a investigar um esqueleto de mais de 200 anos foram razões, como por exemplo: “à luz das descrições mencionadas na literatura sobre as características físicas e mentais de Cristina, sob alguns aspectos não tipicamente femininos, e sua possível intersexualidade, seria interessante averiguar se a estrutura de seu esqueleto apresenta algum atributo masculino.” (STRÖMQUIST, 2018, p. 25). As indicações de características físicas e mentais da rainha estão descritas em dois estudos:

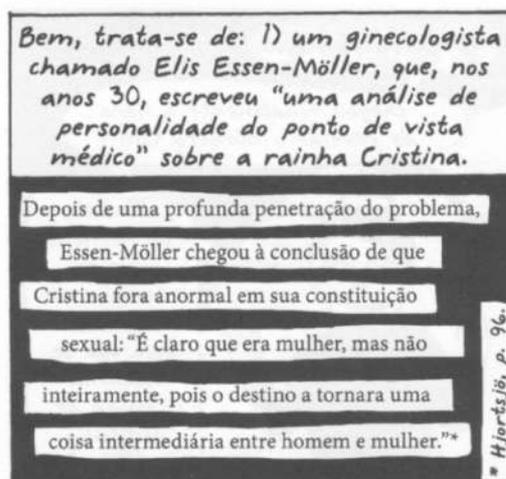


Figura 21: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 26

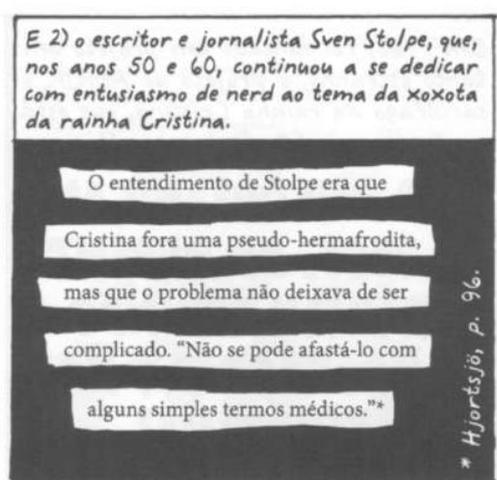


Figura 22: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 26

Olhemos agora para as justificativas para se classificar a rainha Cristina como uma ‘pseudo-hermafrodita’⁷.

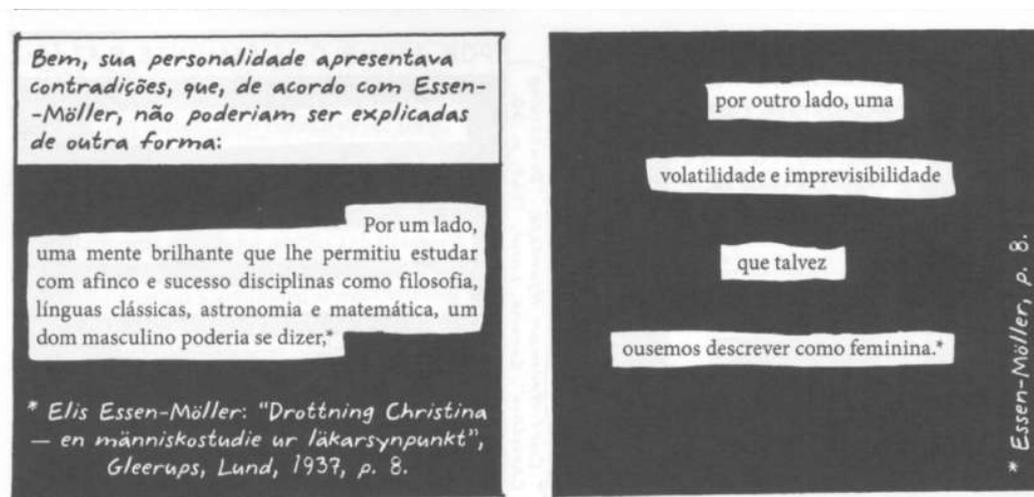


Figura 23: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 26

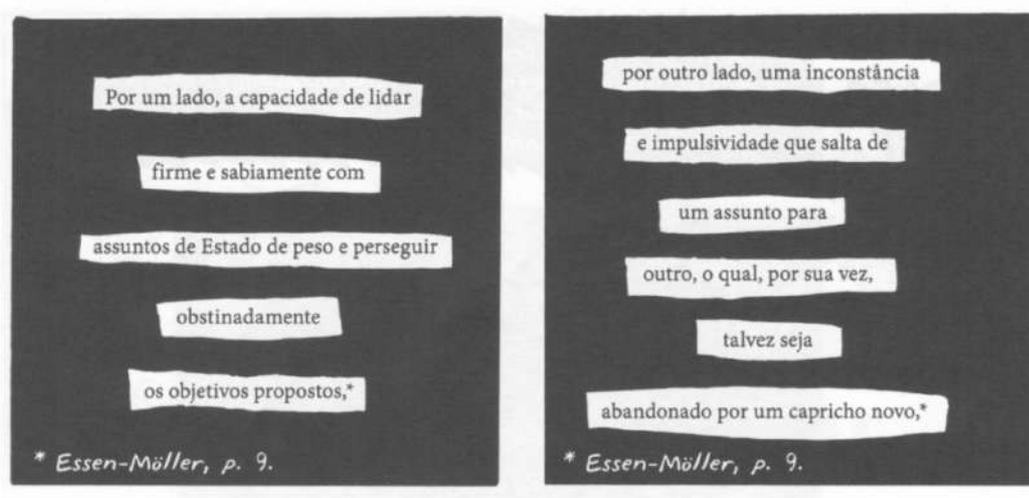


Figura 24: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 27

⁷ Hoje o termo grego hermafrodita não é mais utilizado para se referir à pessoa; no entanto, no livro, a enunciatória optou por utilizar o termo vigente à época.



Figura 25: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 27

Os comportamentos adotados pela rainha Cristina, e que compunham a sua subjetividade enquanto indivíduo, iam em desacordo com o papel temático⁸ esperado para uma mulher de sua época (vaidosa, não ultrapassar o domínio do privado, desejar o casamento, não ter aptidões ou interesses para estudos). Ao se interessar por estudos e assuntos de Estado, não ser vaidosa e rejeitar a ideia de casamento, mas ao mesmo tempo apresentar características lidas como femininas, tais quais imprevisibilidade, impulsividade e volatilidade, levantou dúvidas sobre seu sexo/gênero.

⁸ Usamos o termo *papel temático* como termo semiótico. Culturalmente esse termo é homologado a *papel de gênero*.



Figura 26: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 28

Ao analisarmos o plano da expressão do quadro que traz a fotografia do grupo com o corpo exumado de Cristina, vemos na plasticidade elementos topológicos que compõem o sentido daquilo que nos é transmitido. A fotografia, colocada na página fora de quadro, sem bordas e calhas, com o segmento verbal em letras grandes, nos diz que a exumação do corpo de Cristina foi tão violenta, tão invasiva, que transpassa os limites do quadro, não existindo assim bordas, calhas ou contornos que desassociam o verbal do visual, ou a opressão do corpo (e das ideias) de uma mulher viva ou morta.

Neste ponto da narrativa, temos a confirmação de que a construção do sujeito mulher sugere papéis temáticos a serem desempenhados pelas mulheres e que a fuga dessa expectativa, além de ser vista disfóricamente, pode trazer consequências. No caso da rainha Cristina, a consequência trazida no texto é póstuma. No entanto, analisaremos outros trechos onde as consequências são ainda em vida. Vemos ainda que certas características subjetivas e traços de personalidade são homologados às mulheres como algo inerente e se olharmos para os exemplos trazidos no texto, vemos que tais características são lidas de forma disfórica na sociedade.

Isso posto, o estudo da linguagem enquanto mecanismo de apresentação dos padrões sociais aplicados sobre as mulheres se mostra como um processo de validação do discurso feminino em torno da própria história.

A forma como o corpo da mulher é submetido a experimentos e violências, muitas vezes, veladas, é apresentada no quadrinho com exemplos de pessoas reais, o que se mostra como uma figuratividade esparsa, como é o caso da rainha Cristina, ou com exemplos genéricos, o que constrói a isotopia temática.

Uma vez que a linguagem é o mecanismo pelo qual os sujeitos são construídos socialmente, cabe aqui elencarmos algumas definições do que seria entendido como mulher. Sendo o dicionário o texto que imprime o conceito das coisas do mundo numa sociedade, olhemos como é apresentado o verbete *mulher* no dicionário Houaiss e consideremos para a análise as que se seguem:

1. Indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica, época etc. 1.1. 1.1. Na fase núbil, pronta para casar-se; moça, mocinha. 1.1.2. Quando deixa de ser virgem. 2.2. Por sua experiência inerente e cultural. 5. Companheira conjugal; esposa. 5.1. Companheira, geralmente constante; amante, concubina, a outra. 6. Fêmea humana como parceira sexual. 6.1. Namorada. 7. Na tradição, como indivíduo e ou coletivamente, representação de um ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo: 7.1. Cujas principais funções são cuidar da família, dos afazeres domésticos etc. Devotado do lar e da família. 7.2. Fraco fisicamente, sem defesa, dito o “sexo frágil”. 7.2.1. Idealmente belo; dito o “sexo belo”. 7.2.2. Sensível, delicado, afetivo, intuitivo. 7.2.3. Insensato, superficial, volúvel. 7.2.4. Intrigante e ou sedutor. 7.3. Cujas principais funções são censurar a linguagem masculina (ex. baixo calão). 8. Pessoa indeterminada do sexo feminino ou com tipologia feminina. 8.1. Serviçal ou empregada que trabalha para alguém ou em determinada tarefa. 10. Homem homossexual, ou que é o parceiro passivo numa relação sexual com outro homem. m.fálica: mulher autoritária, com traços de personalidade pretendidamente masculinos.

O dicionário tem o papel social de definir a forma como cada sociedade vê o mundo, como essa sociedade enxerga e identifica as coisas presentes no seu entorno. Ele funciona como uma espécie de quadro, cuja pintura é o retrato de como uma comunidade linguística define o mundo. Posto isso, podemos passar para a forma como a mulher é definida socialmente na comunidade linguística da língua portuguesa, falada no Brasil.

Dado que “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam” (FIORIN, 2020, p. 22), a definição do verbete encontrada no dicionário Houaiss fundamenta como biológico, essencial, inerente à mulher características culturais que são ensinadas às meninas, desde a primeira infância e esse discurso busca determinar ou menos suggestionar um destino para o indivíduo cuja concepção biológica, *a priori*, se enquadra como sexo feminino. Concordamos com as teorias que colocam a própria noção de sexo como uma construção social, e em termos de discurso que legitima o homem enquanto o sujeito absoluto, é a mulher cisgênero que é colocada primeiramente como o *outro*.

Dessa forma, constrói-se um estereótipo que vai traçar os limites do que é uma mulher em termos comportamentais. Cria-se, com isso, repertórios isotópicos que vão moldar a forma como uma sociedade enxerga a mulher, estabelecendo relações simbólicas que visam traçar oposições semânticas que ressaltam a construção da superioridade masculina. (alto/baixo, duro/mole, reto/curvo, seco/úmido, ativo/passivo, em cima/embaixo, quente/frio), sendo os termos vistos como disfóricos socialmente os atrelados à figura da mulher.

Blikstein define isotopia como:

A complexa e vastíssima rede de referências (que um indivíduo tem contato ao longo de toda a sua vida) vai organizando-se em eixos semânticos que condicionam e conduzem nossa percepção, a fim de que possamos reconhecer aquilo que estamos sentindo, vendo ou ouvindo. (2020, pg. 60-61)

Essas isotopias de belo, frágil, do lar, por exemplo, que são associadas à figura da mulher pintam um imaginário de que toda mulher deve naturalmente - ou biologicamente - possuir tais atributos e aptidões. Esse repertório isotópico é definido por Schaff (1974) e Blikstein (2018) como “óculos sociais”. Segundo este conceito, nós, enquanto sociedade, “não vemos a realidade tal como ela deve ser: na verdade, percebemos a ‘realidade’ já filtrada pelos ‘óculos’ de nosso repertório.” Sendo esse repertório a construção de referências de uma

vida inteira, os discursos patriarcais desempenham um papel fundamental na composição desses estereótipos da figura feminina.

A imposição e a fixação de determinados significados é o método para a construção de ideias fixas, clichês ou, melhor ainda, estereótipos. Os estereótipos vão incorporando-se ao repertório desde a primeira infância e contribuem para a formação dos *óculos sociais* que estão no trajeto entre a nossa percepção e a realidade. Assim, não percebemos a realidade diretamente, mas sim uma imagem já estereotipada. (BLIKSTEIN, IDEM, p. 69)

Em *Problema de gênero* (2019), Judith Butler levanta a questão sobre a definição do termo, afirmando que:

Além das ficções “fundacionistas” que sustentam a noção de sujeito, há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo *mulheres* denota uma identidade comum. Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daqueles a quem pretende descrever e representar, *mulheres* - mesmo no plural - tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade. (...) Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a palavra específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (Idem, p. 20 - 21)

A autora traça um percurso que vai na direção contrária ao verbete, ao dizer que não se pode falar em mulher e supor uma identidade coletiva, uma vez que a própria experiência em ‘ser’ mulher passa por interseções de outras ordens e que a constituição social do que é ser mulher não é estável. O que se quer dizer é que não se pode falar na construção de um sujeito, mesmo que um sujeito objetual, o outro, sem levar em consideração outros fatores que impactam a sujeição destes indivíduos.

Embora já mencionado na introdução deste estudo, o *corpus* buscou coletivizar o corpo feminino, visando chegar a um aspecto comum de opressão a todas elas: a condição de ser mulher. No entanto, cabe aqui uma rápida observação acerca dos outros fatores que impactam a opressão feminina e que se relacionam com o performar um gênero, trabalhado anteriormente. Falando em um corpo coletivo, todas as mulheres são oprimidas no seio do patriarcado, mas as mulheres não são oprimidas da mesma forma. Beauvoir (2008 [1949]), logo na introdução do segundo sexo, nos diz que “ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua

liberdade e se constituir em coisa”. (p. 17-18). Isso porque “recusar ser o *Outro*, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode lhes conferir.” (IDEM;IBIDEM). O que se observa socialmente sobre essa aliança com os homens, é que essa não é uma opção para todas as mulheres. Isso porque uma mulher negra, periférica, lésbica sofrerá opressões por seu gênero, raça, classe, orientação sexual e etc. Enquanto que uma mulher branca, classe média, heterossexual não sentirá na pele o peso da opressão da primeira. O pensamento de Beauvoir sobre a tentação em se construir enquanto coisa serve a uma parcela das mulheres, que estando em posição privilegiada na sociedade, seja por *status* ou por classe social, se beneficiam do sistema capitalista e patriarcal e da servidão das demais. O que se pode inferir a partir da obra da teórica feminista é que enquanto movimento, enquanto uma mulher for oprimida, nenhuma mulher será livre. A liberdade autônoma a que se refere a moral existencialista ou virá para todas ou para nenhuma.

O discurso opressor que impacta na construção da mulher em sociedade está instaurado em vários níveis que englobam a vida social. Outra isotopia temática apresentada na obra é a sexualidade e o controle de corpos, como veremos adiante.

3.2. O controle de corpos e a sexualidade feminina

A construção do sujeito mulher na sociedade passa pela questão de sua sexualidade. Sendo a mulher colocada no lugar de *outro*, ela é, segundo Beauvoir, o que o homem decide que ela seja. “Para o Um, a mulher enquanto Outro, é sexo. E sendo sexo, ela o é absolutamente”. (BEAUVOIR, 2018, p.12)

Patiremos da etimologia: palavra de origem latina, sexual + -i- + -dade. que vem de sexo, do Latim SEXUS, relacionado a SECARE, “dividir, cortar”, pois ele define a espécie humana em duas partes.

A sexualidade é um campo da vida humana com grande potencial de opressão, portanto a enunciativa dedica grande parte da obra para tratar desse aspecto. Isso porque nela se afloram não só a orientação sexual como outros aspectos da subjetividade humana, portanto mostra-se enquanto um mecanismo de opressão de indivíduos, proposto pelo sistema patriarcal. Lhomond, no dicionário crítico do feminismo (2009, p.231) a define como:

A sexualidade humana diz respeito aos usos do corpo e, em particular – mas não exclusivamente – dos órgãos genitais, a fim de obter prazer físico e mental, e cujo ponto mais alto é chamado por alguns de orgasmo. Fala-se de conduta, comportamento, relações, práticas e atos sexuais.

A narradora vai nos mostrar ao longo da obra que nas várias sociedades e nos mais diferentes tempos, a visão acerca da sexualidade humana moldou-se aos interesses do sistema dominante. Podemos pensar em sexualidade enquanto uma construção cultural dos usos do corpo, de modo que tais sistemas empenharam-se - e ainda vemos traços desse empenho - no controle de corpos, ditando uma série de regras e condutas, que proíbem certos atos sexuais ou determinam com quem esses atos podem ou não ser praticados. Portanto, a sexualidade é construída nos espaços públicos e culturais para fortalecer uma ideologia dominante, e como veremos neste estudo, justificar a submissão das mulheres.

Um dos mecanismos da opressão pela sexualidade é a heteronormatividade que engendra que o normal, o comum, é ser heterossexual. Logo, fugir dessa orientação sexual é errado, incomum ou pecaminoso, como pregam algumas religiões. A heterossexualidade compulsória acredita que, *a priori*, todas as pessoas são heterossexuais e que não há a descoberta da sexualidade, o que, por oposição, coloca qualquer fuga dessa orientação como uma escolha pessoal e não uma orientação sexual.

A narradora nos conta que no século XIX, Otto Adler fez uma pesquisa cujo resultado apontou que 40% de todas as mulheres sofrem de insensibilidade sexual. No entanto, ao analisarmos a pesquisa de Adler, vemos que ele considerava frígida toda mulher que não conseguisse atingir o orgasmo durante a penetração peniana⁹, não importando se a mesma mulher conseguisse facilmente atingir o orgasmo a partir de estimulação direta no clitóris.

⁹ Como há outras formas de penetração que não envolve o pênis, como a utilização de vibradores e dildos, por exemplo, ao falarmos de penetração, daqui para frente, estamos nos referindo ao ato sexual entre pessoas com pênis e vagina, que pressuponha a penetração peniana.



Figura 27: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 72



Figura 28: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 72

Desta forma, vemos que a visão cultural do que é ato sexual é a relação heteronormativa e, segundo essa visão, o único orgasmo legítimo que uma mulher pode atingir é por meio da penetração com um homem. Este já é um mecanismo que constrói o sujeito mulher limitando a sua subjetividade e a possibilidade de se firmar enquanto um sujeito autônomo, pois além de limitar as suas possibilidades afetivas, como também ocorre com os homens nessa mesma lógica, ainda reprime a exploração de seus prazeres sexuais e

deslegitima outras formas de atingir o orgasmo que não estejam englobadas em uma relação sexual envolvendo penetração.

A PROCLAMAÇÃO DA SUPERIORIDADE DO ORGASMO VAGINAL CONSEGUIU DESTRUIR A CONFIANÇA DE GERAÇÕES DE MULHERES, CONVENCENDO-AS DE QUE SUA SEXUALIDADE ERA INEXISTENTE OU DEFICIENTE PORQUE "SÓ" TINHAM ORGASMOS CLITORIANOS.

Figura 29: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 74

Esse mesmo pensamento de que o orgasmo feminino precisa ser atingido por meio de uma relação sexual que pressupõe a penetração está presente nos escritos de Freud que categoriza o orgasmo entre ‘orgasmo clitoriano’ e ‘orgasmo vaginal’.



Figura 30: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 73 / 74



**ISSO SE TORNA-
RIA O INÍCIO DE
UMA NOVA ERA
EXTREMAMEN-
TE DEPRIMENTE
PARA A SEXUALI-
DADE FEMININA.**

Figura 31: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 73

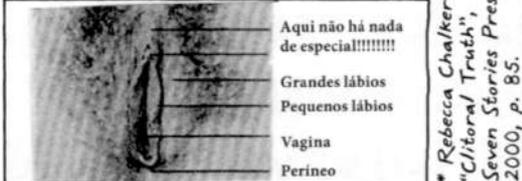
Sob essa perspectiva de que o orgasmo feminino está atrelado à penetração, os estudos acerca da anatomia do clitóris e sua função no orgasmo feminino foi declinada e o órgão começou a sumir da literatura médica, deixando muitas vezes de ser citado.

O clitóris, que “durante dois milênios era considerado uma joia preciosa”*, agora foi relegado a uma existência obscura.

ANÁLISES DE TEXTOS DE 1900 A 1950 MOSTRAM QUE A MENÇÃO DA PALAVRA “CLITÓRIS” É MUITO RARA NESSE PERÍODO →

* Lagqueur, p. 279.

Na literatura médica, era muito comum deixar de indicar ou designar o clitóris em imagens informativas da genitália. Até a edição de 1981 da “Taber’s Cyclopedic Medical Dictionary” (enciclopédia americana supergrande), o clitóris não era designado nas imagens dos órgãos genitais.*



* Rebecca Chalker: “Clitoral Truth”, Seven Stories Press, 2000, p. 85.

O clitóris como centro sexual foi simplesmente relegado sob a suposição de que seria substituído pela vagina.

ISSO TAMBÉM tem a ver com a construção cultural heteronormativa dos sexos e dos órgãos sexuais como OPOSTOS e CONTRASTANTES. O pênis e a vagina eram configurados como um par de opostos por natureza, criados um para o outro — e nesse par de opostos naturais o clitóris não se encaixava!



Figura 32: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 74

O último quadro da figura 32 retrata a oposição semântica que é culturalmente atrelada aos órgãos sexuais vagina e pênis. Para a vagina, temos os elementos luva, ou seja, que recebe a mão, homologada ao pênis; macio, em contraponto a duro, visto de forma eufórica socialmente; buraco, algo vazio, oco, que recebe o taco (pênis); yin, o escuro, o desconhecido, que se complementa com a luz, yang, o pênis. Nessa lógica, são relacionados à genitália feminina, que metonimicamente remete a mulher, os elementos que são visto disforicamente na nossa sociedade em comparação aos elementos eufóricos, que são atrelados ao masculino. Sobre essa relação de oposição entre os órgãos culturalmente associados à mulher e ao homem, Bourdieu diz “a vagina deve, sem dúvida, seu caráter funesto, maléfico, ao fato de que não só é vista como vazia, mas também como o *inverso*, o negativo do falo.” (2020, p.37)

Ainda sobre o que culturalmente é entendido como sexo, há vários discursos veiculados socialmente que reforçam essa ideia de que sexo envolve a penetração, o que privilegia a visão das relações heteronormativas para as mulheres como a única possibilidade. Bourdieu (2020) diz que “o próprio ato sexual é pensando em função do princípio do primado da masculinidade” (IDEM, p.36) e que por isso mesmo, o ato sexual pressupõe que a posição natural é aquela cujo homem fica por cima, numa demonstração de dominação. A posição onde a mulher fica por cima do homem, em contrapartida, é explicitamente condenada em algumas civilizações, mas que para além disso “em cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alterações paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou ‘possuir’.” (IDEM, p.39).

Nesse aspecto, constrói-se um sujeito que se vê socialmente excluído em termos sexuais de duas formas distintas: se não compartilha da orientação heterossexual ou se não atinge o orgasmo por meio da penetração, mesmo relacionando-se com um homem. Para essas mulheres que têm relações sexuais envolvendo penetração, mas não atingem o orgasmo dessa forma, há o entendimento de que são frígidas. Ao entrar em contato com tais discursos, a mulher, que se vê em uma sociedade onde a masturbação é um tabu, acaba por entrar em conjunção com essas ideias.

A forma metonímica como as sociedades modernas definem sexo privilegia o masculino, tomando a penetração pelo todo da relação sexual, onde todo o resto é visto como preliminar, sendo quase ‘opcional’, já que não constitui o sexo, propriamente dito.



Figura 33: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 77



Figura 34: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 77

De qualquer forma!!!!!!!

PODEMOS ENTÃO DIZER QUE A VISÃO MODERNA DOS SEXOS NASCEU DURANTE O SÉCULO XIX, OU SEJA: A IDENTIDADE SEXUAL É ESTRITAMENTE LIGADA À BIOLOGIA E EXISTEM DOIS SEXOS, OS QUAIS SE CARACTERIZAM POR SEREM OPOSTOS/ CONTRASTANTES/COMPLEMENTARES.

Há muitos exemplos de como a linguagem relativa à sexualidade constrói oposição/complementaridade em vez de construir semelhança. Um exemplo é a ereção do clitóris/pênis. Em muitos livros de biologia comumente usados hoje, a excitação sexual é descrita assim:

| | |
|--|--|
| <p>Durante as preliminares, o desejo aumenta, e o pênis do homem endurece.</p> <p>Ao mesmo tempo, a vagina da mulher fica molhada, facilitando a entrada do pênis.*</p> <p>* Livro de biologia, Almqvist & Wiksell, 2001.</p> | <p>Durante essas preliminares, o corpo se prepara para a relação sexual.</p> <p>O homem tem ereção, e a vagina da mulher se dilata e fica molhada e lisa.*</p> <p>* Livro de biologia, Glycerups, 2002.</p> |
| <p>Quando um rapaz está sexualmente excitado, o pênis fica duro e ele pode ter relação sexual.</p> <p>Para uma menina, a excitação sexual significa que a vagina se lubrifica e dilata.*</p> <p>* Livro de biologia, Bonnier utbildning, 2005.</p> | <h3>AFINAL, PODERIAM MUITO BEM TER DITO O SEGUINTE:</h3> <p>Quando um rapaz fica sexualmente excitado, o pênis endurece e ele pode ter relação sexual. Quando uma menina fica sexualmente excitada, o clitóris endurece e ela pode ter relação sexual.</p> <p>OU:</p> <p>Quando uma pessoa fica sexualmente excitada, as genitálias endurecem.</p> <p><i>Ou algo totalmente diferente!!!!, que meu condicionamento às normas não me permite inventar!!!</i></p> |

Figura 35: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 81

Embora a heteronormatividade compulsória seja um mecanismo opressor bastante presente nas sociedades, ela não é o único instrumento de opressão por meio da sexualidade. Na página 8 do quadrinho, temos os seguintes quadros:



Figura 36: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 8

O interesse de John Harvey Kellogg (1852-1943) por “aquilo que se costuma chamar de genitália feminina” estava relacionado com o impedimento da autoerotização feminina e, para atingir seu objetivo, aplicava ácido carbólico puro no clitóris. Tal discurso estava em concordância com o discurso científico médico da época, como a enunciativa mostra no quadro abaixo.



Figura 37: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 8

Há na construção do discurso do médico um alinhamento com as questões sociais vigentes, que desestimulavam a masturbação tanto feminina quanto masculina, sob o prisma religioso, ao considerá-los como onanismo ou pecado abominável da autopoluição. Kellogg, no entanto, interessou-se excessivamente em formas de evitar a autoerotização das mulheres e, ao sugerir a aplicação de ácido carbólico em seus clitóris, não só impedia que elas se masturbassem, como destruía a função sensível do órgão.

O que se observa na construção desse discurso é que a aplicação do ácido nas mulheres não era sugerido apenas em casos de masturbação, mas para toda e qualquer queixa apresentada pela mulher, como forma de controle destes corpos. Na mesma direção de pensamento, o Dr. Isaac Baker-Brown (1811-1873) também queria abolir a masturbação feminina, mas seu método era o da remoção cirúrgica do clitóris. Na página 10, lemos “O dr. Baker-Brown tinha uma relação afetuosa, para não dizer outra coisa, com a clitoridectomia, vendo-a como solução para os mais diversos problemas. Ele fazia a cirurgia por motivos como histeria¹⁰, dor de cabeça, depressão, perda de apetite e desobediência.” (STROMQÛIST, 2018)

Consideremos o quadro abaixo:



Figura 38: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 10

¹⁰Até o final do século XIX, a histeria era vista como uma expressão das fragilidades e das carências exclusivamente femininas. Por sinal, a palavra histeria vem do grego hystera, que significa útero, de onde viria o sangue contaminado que, chegando ao cérebro, levaria às convulsões. (FIORAVANTI, Carlos. **As máscaras da histeria**. Pesquisa FAPESP, edição 117, nov. 2005. Disponível online em <<https://revistapesquisa.fapesp.br/as-mascaras-da-histeria/>> Acesso em 16 de agosto de 2021.

Tanto na forma como no conteúdo do quadro que apresenta o diálogo do casal, a fala do marido, que interrompe a esposa quando esta demonstra a intenção de divorciar-se, revela na forma agressiva e autoritária - o marido está segurando a esposa pelo braço, ela está com feição assustada, enquanto se esquivava - certo direito de decidir pelo corpo, pela sexualidade e pela história das mulheres. Ela é sua esposa, portanto sua mulher, sua propriedade e cabe a ele, e não a ela, a decisão por manter seu casamento e seu clitóris.

A clitoridectomia era prescrita como forma de controle do corpo da mulher e de mantê-la presa ao matrimônio. A mulher que ‘desobedecesse’ os preceitos do marido ou que resolvesse agir em desconformidade com o esperado, ou seja, que agisse em desacordo com o contrato social esperado, seu papel temático (submissa, obediente etc.), poderia ter seu clitóris removido cirurgicamente como forma de ‘tratamento’.

Essa intervenção de caráter unicamente punitivo era bastante popular na medicina do século XIX e os médicos não viam nela nenhuma objeção, exceto o desconhecimento ou não consentimento do marido. Nas figuras a seguir vemos o relato de outra prescrição cirúrgica e um grupo de médicos apoiadores da prática que tratam da questão do consentimento marital.



Figura 39: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 10



Figura 40: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 10

Valer-se da remoção do clitóris para garantir a obediência feminina ou para tratar de outros sintomas não relacionados com o clitóris, como dores de cabeça, falta de apetite e histeria, ou aplicar ácido em seu clitóris, removê-lo para impedir a masturbação, além de anular o prazer feminino, poda a sua sexualidade e contribui para a construção de um sujeito que será visto na sociedade como frígido, sem conhecimento próprio da sua anatomia. Tem-se o imperativo dos tabus em torno das funções naturais do seu próprio corpo, como com a menstruação. Todo esse movimento contribuiu ainda para o descaso com os estudos do clitóris, que só em 1998 foi conhecido sua real extensão, e para a desvalorização do prazer feminino, com discursos como “é difícilimo fazer uma mulher gozar”, “elas não gozam por natureza”, “elas não se interessam por orgasmos, querem apenas sentir intimidade com o homem”. São apontamentos trazidos pela enunciadora nas figuras abaixo:

NESSA INFORMAÇÃO, OU SEJA, NA NARRATIVA DA SOCIEDADE SOBRE O ORGASMO, CERTAS AFIRMAÇÕES SE REPETEM, POR EXEMPLO:

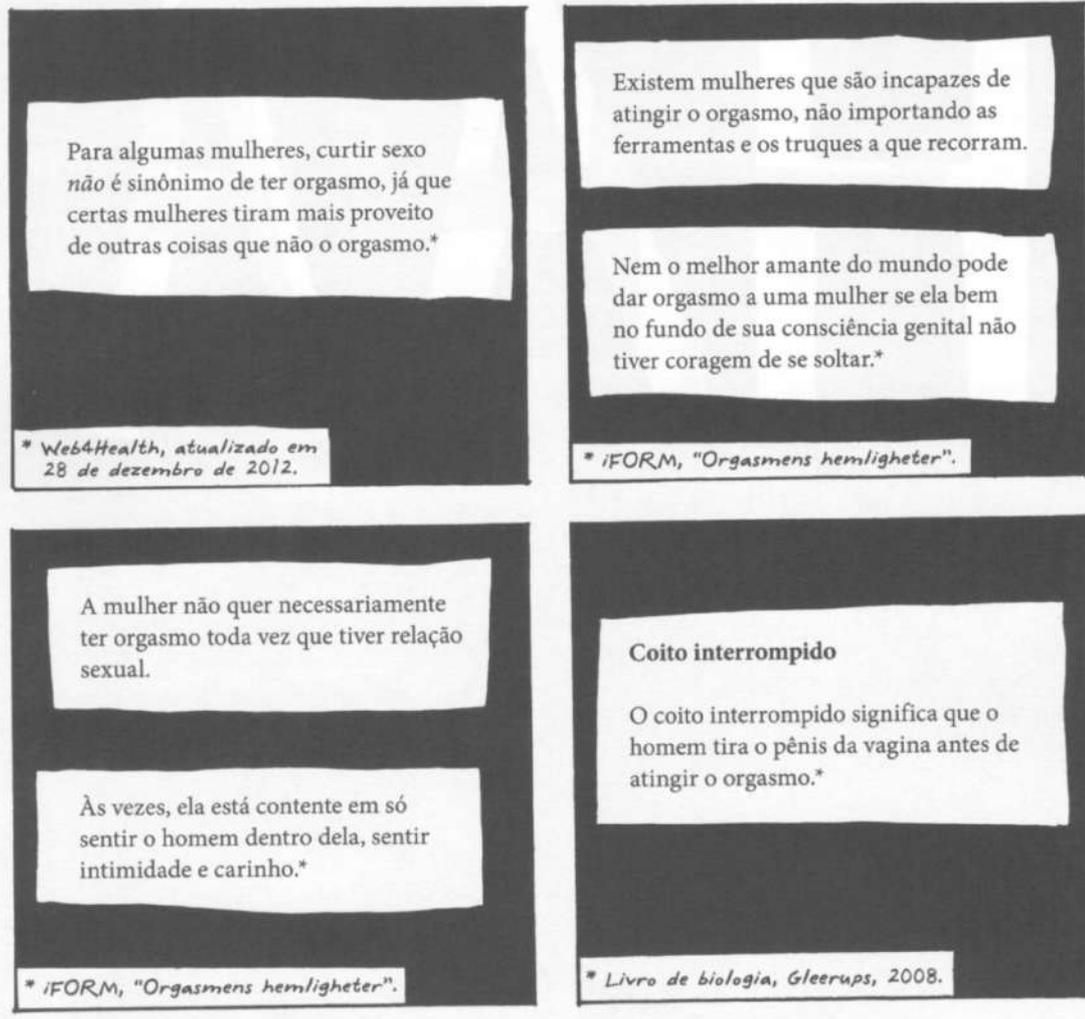


Figura 41: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 58

Em outro ponto da narrativa, a narradora nos conta que antes do Iluminismo, o orgasmo feminino e o orgasmo masculino eram vistos igualmente importantes e desejáveis. Havia sobretudo crenças de que o orgasmo feminino era necessário para que a mulher engravidasse. Os manuais de parteiras traziam em suas páginas dicas de como estimular o clitóris da mulher. Entretanto, este posicionamento se altera no final do Iluminismo, pois a ciência médica parou de acreditar que o orgasmo feminino era parte do processo reprodutivo. No entanto, a narradora reforça que:

Isso não tinha NADA a ver com os avanços científicos na área da biologia reprodutiva do século XIX. No século XIX eles ainda estavam totalmente perdidos no que dizia respeito à biologia reprodutiva!!! Por exemplo, para evitar a gravidez, era padrão nos manuais de reprodução da época aconselhar as mulheres a terem relação sexual tipo uma semana depois do fim da menstruação (ou seja, o momento que hoje em dia é conhecido por ser o período MAIS fértil). Grifos da autora. (STROMQÜIST, 2018, p. 62)



Figura 42: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 62

A narradora nos conta que a eliminação do orgasmo feminino do processo reprodutivo dependia de uma mudança social muito maior:

A maneira como se via o corpo feminino e o corpo masculino. Pois durante milênios, ANTES DO ILUMINISMO, o corpo da mulher e o corpo do homem tinham sido vistos como iguais. Até as genitálias eram consideradas a mesma coisa - só viradas para lados diferentes. Eles simplesmente pensavam na vagina como um pênis ao contrário, os lábios como prepúcio, o útero como escroto e os ovários como os testículos. (IDEM; IBIDEM) - grifos da autora.

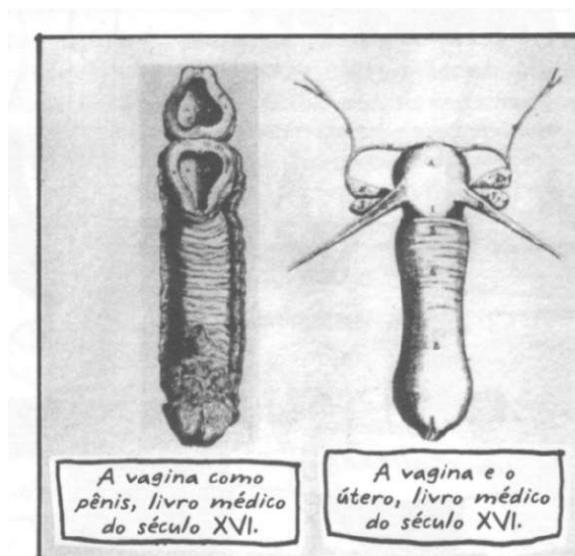


Figura 43: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 62

Segundo Bourdieu (2020, p.31):

A representação da vagina como um falo invertido, que Marie-Christine Pouchelle descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média, obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas. Sabendo, assim, que o homem e a mulher são vistos como duas variantes, superior e inferior, da mesma fisiologia, compreendemos por que, até o Renascimento, não se dispusesse de terminologia anatômica para descrever em detalhes o sexo da mulher, que é representado como composto dos mesmos órgãos que o do homem, apenas dispostos de maneira diversa.

Com essa mudança de visão sobre os corpos feminino e masculino, discursos como os de Cláudio Galeno (129-199), que comparava os órgãos genitais femininos aos olhos de uma toupeira, começaram a se difundir, contribuindo para uma visão da mulher como um ser biologicamente inferior. Para o pesquisador: “a vagina é um pênis eternamente por nascer e o útero é um escroto cujo desenvolvimento ficou parado”. (STROMQÛIST, 2018, p. 63) Outros discursos também endossaram essa visão acerca da inferioridade dos órgãos genitais femininos comparados aos masculinos, demonstrando o profundo desconhecimento acerca da anatomia feminina. Ideia que remonta desde a afirmação de Aristóteles, que acreditava que: “elas (as mulheres) têm um tubo, como o pênis do homem, porém dentro do corpo. A abertura do tubo é posicionada logo acima do lugar por onde a mulher urina.” (STROMQÛIST, 2018, p. 64)

Os discursos de Galeno e Aristóteles não podem ser vistos como discursos isolados ou como visões pessoais. Primeiramente porque trata-se de pessoas em posição de destaque na sociedade da época, portanto seus discursos alcançavam um número maior de pessoas e, por isso mostravam-se mais persuasivos, mas também porque:

O enunciado é o suporte da ideologia, vale dizer, de discursos, que constituem a matéria-prima com que elabora seu discurso. Seu dizer é reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social. Não é livre para dizer, mas coagido a dizer o que seu grupo diz. (...) Enquanto o discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas, o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão a sua disposição para veicular seu discurso. O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social. Há um nível grande de liberdade no âmbito da textualização, enquanto, no nível discursivo, o homem está preso aos temas e às figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido. (...) Como diz Edward Lopes: combinando uma simulação com uma dissimulação, o discurso é uma trapaça: ele simula ser meu para dissimular que é do outro. Essa dissimulação ocorre porque um plano de manifestação individual é que veicula um plano de conteúdo social. Assim, o discurso simula ser individual para ocultar que é social. (FIORIN, 1995, p. 41-42)

Dessa forma, a metáfora de Galeno poderia ser outra e a definição do órgão sexual feminino ser diferente para Aristóteles, ainda assim, ambos produziam discursos que dialogavam com outros discursos - os discursos dominantes daquela sociedade -, portanto que mostravam “a visão de mundo e o ponto de vista de uma classe social que ordena, justifica e explica a ordem do mundo.” (FIORIN, idem, p. 29)

Tanto Galeno quanto Aristóteles, ou qualquer outro que se propusesse a falar a respeito da sexualidade ou anatomia feminina alinhado a essas ideias era, neste contexto, um enunciador que agia como suporte de um discurso que ele reproduzia, mas não um agente discursivo que produz suas próprias ideias. Isso porque esses enunciadores não poderiam ser vistos como livres das coerções sociais a que estavam expostos e que contribuiriam para suas formações sociais. “Por ser produto de relações sociais, assimila uma ou várias formações discursivas, que existem em sua formação social, e as reproduz em seu discurso. (...) O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (FIORIN, idem, p.43)

Ao continuar traçando a linha histórica dos estudos sobre “o que se costuma chamar de genitália feminina”, a narradora traz o relato de 1559, quando o anatomista italiano Realdo Colombo alegou a descoberta do clitóris. A repercussão foi a seguinte:



Figura 44: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 64

Embora a ideia de não separar a sexualidade em dois polos, feminina e masculina, possa demonstrar certa equidade na visão da importância do orgasmo no sexo, considerar que o clitóris seja o pênis feminino atrasou e muito as descobertas efetivas sobre o órgão. Nesta perspectiva histórica trazida na narrativa, onde ainda se reivindicava a descoberta do clitóris, os esforços eram em maior medida em compará-lo ao pênis, “o clitóris é o pênis da mulher” (figura 32) - só que menor e sem função penetrante - e pouco em conhecer a totalidade da estrutura e função do órgão. Ao contrário, logo o clitóris passou a ser visto como “pau feminino” e “desprezador de homens” na França, assumindo uma esfera misteriosa - “mesmo que as mulheres não queiram, elas gozam com estímulo vigoroso nele” ou ainda ares místicos - “o clitóris é o lugar onde o autor da Natureza colocou a sede da voluptuosidade (...) e a origem da lascívia nas mulheres.”



Figura 45: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 65



Figura 46: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 65

Esses discursos contribuíram não só para o atraso nos estudos do clitóris, como construiu uma visão distorcida da mulher, ao não contemplar as diferenças anatômicas de seu corpo e o real funcionamento do seu aparelho reprodutivo e seus órgãos sexuais.

No entanto, como já mencionamos, a construção do sujeito mulher na sociedade está em conformidade com os interesses sociais das classes dominantes. No final do século XVIII, o discurso igualitário sobre órgãos sexuais e sexualidade humana se transforma radicalmente, e não porque neste ponto da história os estudos acerca dos órgãos sexuais femininos tiveram avanços, mas para atender aos interesses sociais vigentes na época. A narradora nos conta que “por volta do ano de 1800, toda sorte de escritores de repente está de acordo de que a base decisiva para tudo é a diferença entre homens e mulheres. Por isso as pessoas dessa época ficam obcecadas por descobrir as diferenças biológicas entre homens e mulheres.” (STROMQUÏST, 2018, p.66)



Figura 47: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 66

A narradora nos lança a pergunta provocativa “mas por que essa ideia surgiu justamente naquela época” (STROMQÛIST, 2018, p.66) e a resposta vem na sequência:



Figura 48: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 67



Figura 49: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 67

Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina* diz que:

O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios dessa visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em *gêneros relacionais*, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, do ponto de honra caracteristicamente masculino, e instituir a diferença entre os corpos biológicos

em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências socialmente hierarquizadas. (2020, p.44)

Ou seja, as diferenças entre os corpos feminino e masculino serviram de pretexto para uma hierarquização dos indivíduos, colocando o falo como um símbolo de superioridade e poder, enquanto que a visão sobre a sexualidade feminina se alterou para atender a uma demanda social. Seu imaginário social passou de lasciva demais e dominada pela libido excessiva do clitóris, portanto irracional e não confiável, logo passível de dominação, (ver imagem 57) para frígida demais se comparada ao homem. Tem-se, conseqüentemente, a ideia de uma mulher feita para o lar e para o casamento, assim também passiva de dominação, pois seu lugar é o privado e ao homem é reservado o domínio público. A partir desse ponto da história, temos a seguinte configuração cultural acerca a sexualidade feminina e masculina:



Figura 50: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 67



Figura 51: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 68

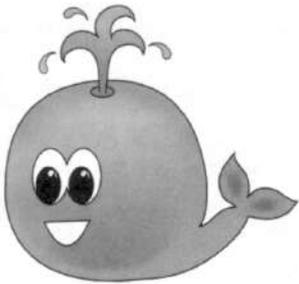


Figura 52: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 69



Figura 53: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 69

O foco bicentenário na **DIFERENÇA** quando se trata da construção dos sexos também fez com que certas semelhanças entre a sexualidade masculina e feminina fossem ignoradas, por exemplo, a ejaculação feminina.



Os livros médicos do século XVII a descreviam em todos os detalhes, mas depois ela desapareceu da literatura, basicamente não sendo mencionada até a década de 1980, quando a enfermeira Beverly Whipple começou a investigar e escrever sobre o assunto.



Durante grande parte do século XX, a ejaculação era tratada como incontinência urinária, o que ainda é o caso.



Meu ponto é que **TODO** discurso sobre "sexualidade feminina" e "orgasmo feminino" **SEMPRE** foi construído em relação ao corpo masculino/a sexualidade masculina/o orgasmo masculino.



Por exemplo, a legislação de censura do Reino Unido ainda proíbe mostrar a ejaculação feminina em filmes, a lógica sendo que o líquido ejaculado é urina, e, nos termos da lei, urina associada a sexo é uma obscenidade.

Primeiro — vocês devem se lembrar — como uma versão inferior e depois como seu OPOSTO.

MAS NUNCA POR MÉRITO PRÓPRIO.

Figura 54: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 82

Ao definir o corpo e a sexualidade feminina não *per se*, mas em oposição ao corpo e sexualidade masculina, as mulheres se viram em uma condição onde as diferenças biológicas foram usadas para fins políticos e sociais, em que as semelhanças foram apagadas para marcar uma diferenciação não biológica, mas de castas, onde o homem é o superior e a mulher, sua

submissa. Este exemplo insere-se fortemente com a determinação temática da inferioridade feminina.

Com essa ideia de uma sexualidade mais fraca, menos visceral, as mulheres passaram a serem vistas como inferiores em termos sexuais - não têm libido, não se importam em ter prazer no sexo, não têm orgasmo - e mais interessadas em compromisso e constituição familiar. O que embora vá contra a natureza masculina, (via figura 51) faz com que os homens acabassem cedendo, pois para conseguir o que almejavam (sexo) era necessário o compromisso (relacionamento), uma vez que fazia parte dos valores morais vigentes que a mulher cumprisse o papel temático de virgem e se guardasse 'pura' até o casamento.

Dessa forma, o sistema vigente, que precisava da instituição casamento para manutenção dos 'bons costumes' e *status quo*, conseguia manter a mulher em seu domínio para colonizar seu corpo e a mantinha no domínio privado, decidindo quais acessos no âmbito público ela teria e como deveria comportar-se socialmente.



Figura 55: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 69

A partir da proposta da narrativa do texto, ou seja, de acordo com a ideologia da classe dominante da época, ser boa esposa pressupunha ter pouco desejo sexual e isso estava atrelado a ter recebido uma boa educação e ser física e mentalmente normal. Ter uma libido mais intensa já colocava a mulher como anormal ou mal-educada, portanto uma quebra de expectativa para a vida familiar e matrimonial.

Nos conta a narradora que essa ideia da mulher frígida é uma inversão total do que havia existido até então:



Figura 56: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 68



Figura 57: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 68

Estes estereótipos acerca da sexualidade, e consequentemente da moral feminina, contribuíram para a estruturação de sua dominação, levando à sua opressão. Segundo Blikstein (2020, p.71), “os estereótipos criados no repertório¹¹ geram pressupostos e significados implícitos que são aceitos como “normais” ou “naturais”, quando, na verdade, constituem estratégias discursivas que visam justificar preconceitos.”

Os discursos sociais, embora representem a ideologia das classes dominantes, precisam atingir o seu objetivo primário: persuadir. Como vimos, todo discurso pressupõe uma persuasão, um “fazer-crer” em sua verdade. Blikstein (2020, p.130) nos diz que “a função do discurso, além de informar, é gerar um efeito positivo nos destinatários e proteger o *ethos* (ou a imagem moral) do comunicador e da organização.”

¹¹ repertório individual que é composto por toda a vivência de um indivíduo e que molda seu modo de ver o mundo, não pela realidade, mas pelos ‘óculos sociais’, como já mencionado no tópico anterior.

A mudança da visão da sexualidade imoral para a sexualidade inexistente foi recebida como ‘um alívio’ para as mulheres da época, que pararam de ser vistas como traiçoeiras e sedutoras. Ao distinguir-se do homem por sua falta de desejo, a mulher passou a ser vista como moralmente superior ao homem, por não se entregar aos prazeres da carne, o que foi tido como um pseudo poder.

Pseudo, uma vez que as mulheres continuavam por não serem destinadoras de si e a cultura ainda determinar os seus destinos. Logo, a essa suposta superioridade moral que elas recebiam, nada mais era do que uma estratégia manipulativa para persuadi-las a entrar em conjunção com esses valores, pois o poder (decidir por sua vida, explorar sua individualidade) ainda não estava ao alcance de suas mãos.

NESSA ÉPOCA, A FALTA DE DESEJO SEXUAL FEMININO SIMPLEMENTE SE TORNOU UM POSSÍVEL INDICADOR PARA DISTINGUIR A MULHER DO HOMEM.

Mas havia outros motivos por que a ideia da mulher assexuada ficou tão popular! Para as mulheres, a possibilidade de se livrar da antiga imagem cristã da mulher como pouco confiável e sexualmente traiçoeira também representou um alívio. Por isso, muitas mulheres saudaram a ideia da falta total de desejo erótico.

Não somos sedutoras depravadas de forma alguma!!

Pelo contrário! Não queremos JAMAIS FAZER SEXO!!!



A construção da mulher sem desejo fez com que a mulher passasse a ser percebida como moralmente superior ao homem, dando-lhe uma espécie de pseudopoder.* Por exemplo, a feminista socialista Anna Wheeler (1780-1848) disse:



A feminista liberal Mary Wollstonecraft (1759-1797), autora de um dos primeiros textos feministas ("Reivindicação dos direitos da mulher"), escreveu:



NO ENTANTO, O REQUISITO/PREÇO DESTA ELEVAÇÃO PARCIAL NA SOCIEDADE ERA A ANIQUILAÇÃO TOTAL DA PRÓPRIA SEXUALIDADE.

Figura 58: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 70

A partir dessa visão da mulher com uma moral superior por conta da sua falta de desejo sexual, todo e qualquer comportamento considerado desviante, ou qualquer desacordo com a visão/opinião masculina, era lido socialmente como um desvio da sexualidade. Isso

permitia que a mulher fosse agredida verbalmente com ofensas acerca de sua sexualidade pelos mais diversos motivos, como vemos em:



Figura 59: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 71

O resultado foi uma total anulação da sexualidade feminina e nas determinações dos seus papéis temáticos, como analisaremos mais adiante. Vemos aqui a sexualidade usada não

apenas para oprimir o indivíduo mulher em termos sexuais, mas também sendo usada como um modelo regulador de toda a vida social da mulher.

É importante perceber que a visão da mulher acerca de sua sexualidade - frígida ou lasciva - mudou de acordo com as demandas sociais. Na visão da mulher lasciva, seu comportamento sexual era usado como justificativa para afastá-la da vida social - estudos, decisões políticas, acesso ao dinheiro familiar etc. - e como medida paliativa, a dominação física por meio de práticas punitivas era adotado, assim como a colonização de sua vida, com a limitação do espaço destinado a elas socialmente: o lar. Já em sua versão frígida, temos uma figura feminina que conquistou seu direito ao acesso a espaços públicos, como trabalho, universidades, dinheiro etc. Percebe-se que até mesmo as táticas para dominação precisam passar por transformações.

Considerando a visão frígida trazida no texto e a versão dessa visão na contemporaneidade, podemos elencar duas estratégias sobressalentes: a primeira diz respeito à anulação da sexualidade feminina propriamente dita, pois ao colocar a mulher como frígida, incapaz de ter orgasmos, desestimular o autoconhecimento por meio da masturbação, produzir pílulas contraceptivas cujos efeitos colaterais são (também) a considerável diminuição da libido, desprezar a importância do orgasmo feminino e assim por diante, há um projeto que visa a anulação de sua sexualidade. A mulher passa então a depender que o homem a ensine explorar seu corpo, visto que o toque próprio segue um tabu, ao contrário do homem, que tem o direito e o incentivo a explorar o próprio corpo e o corpo do *outro*, colocado numa posição de detentor do prazer feminino. Na percepção de Bourdieu (2020, p.41) “o gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar, (resultado da) interação entre os sexos ocorrer de acordo com a visão dos homens, que esperam do orgasmo feminino uma prova de virilidade deles.”; a segunda é utilizar-se da moral em torno das práticas sexuais para agir como um modelo regulador da vida da mulher. A mulher que de algum modo vir a se expressar de uma forma considerada desviante ou inapropriada - usar roupas curtas, explorar a sua sensualidade nos gestos ou apresentação pessoal, falar ou rir alto demais, expressar ideias etc. - é considerada vulgar. Retomando Bourdieu, o autor diz que:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo mantém indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual - defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. - que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (2020, p.27)

Tais episódios trazidos pela narradora anunciam que, de acordo com as ideias dominantes que circulavam o pós Iluminismo, havia um sexo biológico, o masculino, e a mulher representava uma versão imperfeita dele. Essas ideias contribuíram para que as diferenças anatômicas entre homens e mulheres cisgênero servissem como base para que o homem fosse colocado em uma posição de privilégio; uma vez que era o detentor do ‘sexo biológico’, era evidente que era superior à mulher e se era biologicamente superior, intelectualmente também o haveria de ser.

A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural de diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho. (...) A construção social dos órgãos sexuais registra e ratifica simbolicamente certas propriedades naturais indiscutíveis; ela contribui, assim - juntamente com outros mecanismos, dos quais o mais importante é, sem dúvida, a inserção de cada relação (cheio/vazio, por exemplo) em um sistema de relações homólogas e interconectadas -, para converter a arbitrariedade do *nomos* social em necessidade da natureza (*physis*). (BOURDIEU, IDEM, p.26-29)

Tendo em vista que as diferenças anatômicas são construídas a partir da visão social e instalam-se na sociedade como sendo naturais, tal ideia se torna fundamental para a manutenção desse aparato discursivo. Conforme ressalta Bourdieu:

Caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, ordenam a percepção das divisões objetivas. (IDEM; IBIDEM)

A violência simbólica ao qual a mulher está submetida nas sociedades patriarcais é construída a partir desses discursos que visam servir de base para a dominação masculina. Ao construir culturalmente uma natureza, determina-se características, predileções, aptidões que servem como alicerce para a manutenção desse *status quo*. Os símbolos mole, frio, úmido, passivo, imóvel, interno, avesso, interior (espaço, em contraponto a exterior), impulsiva, inconstante, imprevisível, volátil etc. homologadas à figura da mulher constroem corredores isotópicos (BLIKSTEIN, 1983) que construídos pelos discursos sociais se estabelecem como naturais e, tidos enquanto naturais, sustentam, conseqüentemente, essa construção.

3.3. O apagamento semiótico daquilo que se costuma chamar de genitália feminina

A questão do apagamento semiótico da genitália feminina relaciona-se simultaneamente com os temas *opressão feminina* e *inferioridade feminina*. O tema da Inferioridade feminina é visto no próprio ato do apagamento, porque apaga-se o que não é importante, o que é preciso ocultar, esconder. A partir da análise trazida no tópico anterior, podemos inferir que o apagamento é um reflexo da visão social de uma inferioridade feminina.

Ao longo do livro, a narradora reforça o apagamento da anatomia genital feminina, descrita, muitas vezes até em livros didáticos, em oposição aos órgãos genitais masculinos. O termo "o que se costuma chamar de genitália feminina" aparece em vários trechos do livro, (STRÖMQUIST, 2018, p. 5, 6, 7, 8, 9, 34...) ressaltando que um dos problema se concentra no que culturalmente se habituou chamar de genitália feminina, uma vez que há um nome para o conjunto das partes externas desse órgão: *vulva*, mas este nome não é culturalmente usado, é um substantivo desconhecido, causa estranhamento até para muitas mulheres.

Nomear toda a genitália feminina de vagina, que representa apenas o canal interno, é contribuir para o apagamento da anatomia feminina e para o desconhecimento científico da história da sexualidade da mulher, contribuindo para a opressão de seus corpos. Nesse ponto, temos uma intensa possibilidade de discussão Linguístico-Semiótica a respeito de conhecimentos cristalizados que um sema pode carregar e representar para uma cultura, o que pode ser pensado sob perspectivas simbólicas.

Já falamos em nosso estudo sobre a violência simbólica ao homologar signos vistos como disfóricos à figura feminina. No entanto, o silenciamento a respeito da vulva e, por consequência, das partes que a compõem, é também um tipo de violência simbólica, visto que contribui para o apagamento da sexualidade feminina e também para a dominação masculina.

A resposta para aquilo que se costuma chamar de genitália feminina é apresentado pela narradora da seguinte forma:

Primeiro, é preciso responder à pergunta:

O QUE É AQUILO QUE COSTUMA SER CHAMADO DE "GENITÁLIA FEMININA"?

DE VERDADE, O QUE É MESMO????

Então, se dermos uma olhada no que se costuma chamar de "genitália feminina", vemos que ela inclui as seguintes partes:

1. A parte externa e visível: a vulva.
2. O orifício que liga a parte externa e a parte interna: a vagina.
3. As partes internas, não visíveis: o colo do útero, o útero e os ovários.

Uma coisa estranha na nossa cultura é que as partes externas e visíveis desse órgão raramente são retratadas ou mencionadas no domínio público. A palavra "vulva" tampouco é usada na linguagem do dia a dia.

Figura 60: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 34

Bourdieu assinala que:

A definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. (2020, p.31)

A construção do que socialmente se entende por genitália feminina está diretamente atrelada ao apagamento das formas externas e à ênfase que é dada à ideia de complementaridade com a genitália masculina. Mencionado como *interno*, o órgão sexual é visto apenas como um artefato para deleite do pênis. As partes externas do órgão sexual feminino, que inclusive é a que detém o órgão cuja única função no corpo é ser fonte de prazer, o clitóris, são excluídas, apagadas, não mencionadas, não nomeadas, gerando uma

violência simbólica a seu respeito. Se algo não tem nome, deixa de existir socialmente. Tal apagamento semiótico deixa marcas que evidenciam que o prazer sexual da mulher deve ser silenciado, escondido, não mencionado e por fim, não existir.

A narradora nos apresenta alguns exemplos deste apagamento semiótico presentes na nossa sociedade. Vejamos alguns deles:

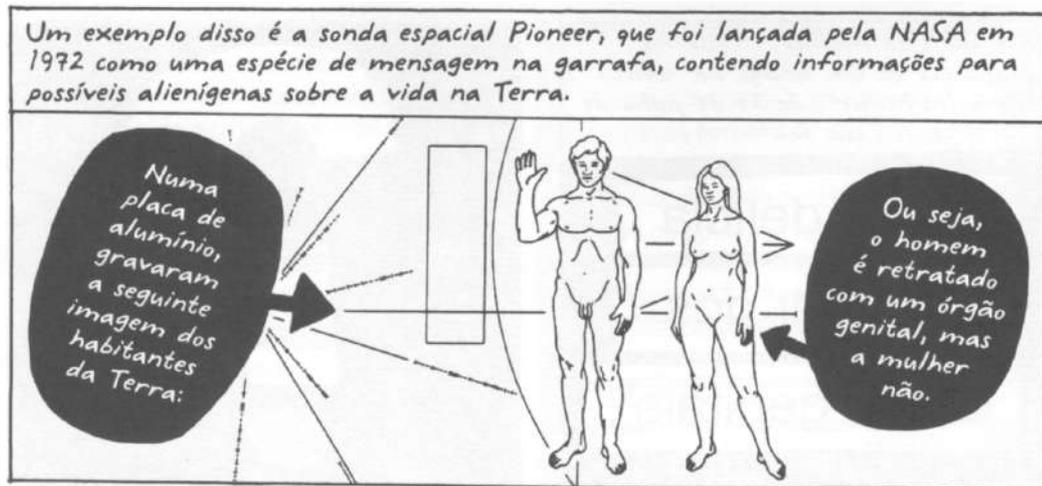


Figura 61: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 34



Figura 62: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 35



Figura 63: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 40



Figura 64: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 42

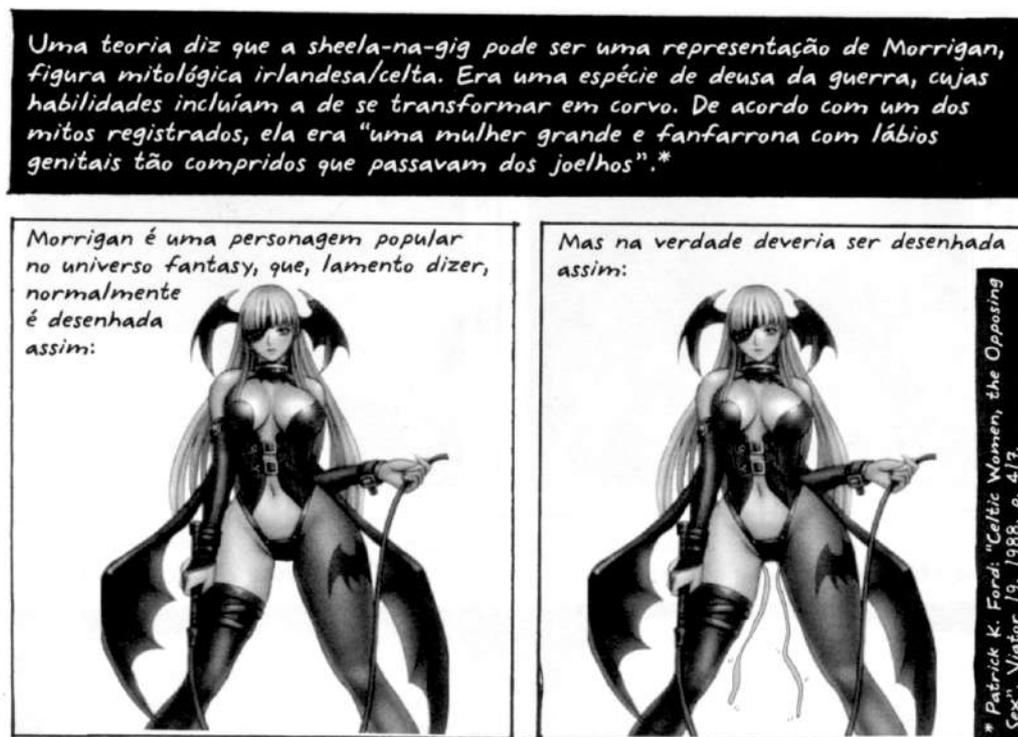


Figura 65: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 49

No tópico anterior, vimos a isotopia temática dos discursos acerca da sexualidade feminina e a forma como eles impactam na construção do estereótipo de mulher que perpassa a esfera sexual, condensando-se em toda a forma de vivência social e privada da vida das mulheres. No entanto, como disse certa vez Oscar Wilde: “tudo nesse mundo é sobre sexo, exceto sexo. Sexo é sobre poder”. Ao falarmos da forma como a genitália feminina é descrita, inevitavelmente retornaremos ao assunto das relações sexuais e, por conseguinte, da sexualidade feminina. Isso porque “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica.” (BOURDIEU, 2020, p.26)

A narradora nos mostra algumas formas como a genitália é socialmente e cientificamente definida em livros didáticos e literatura médica.

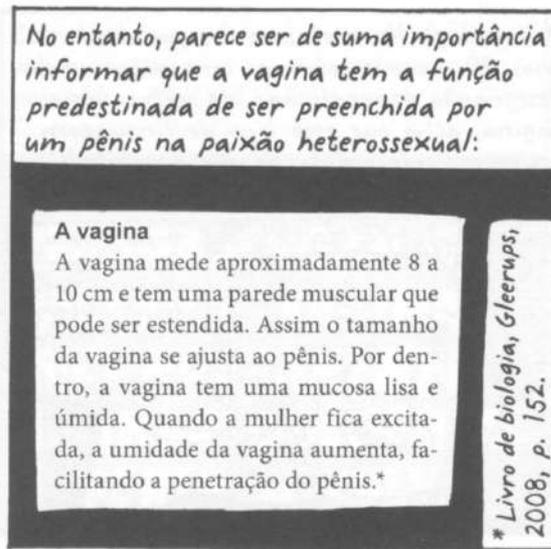


Figura 66: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 40



Figura 67: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 35



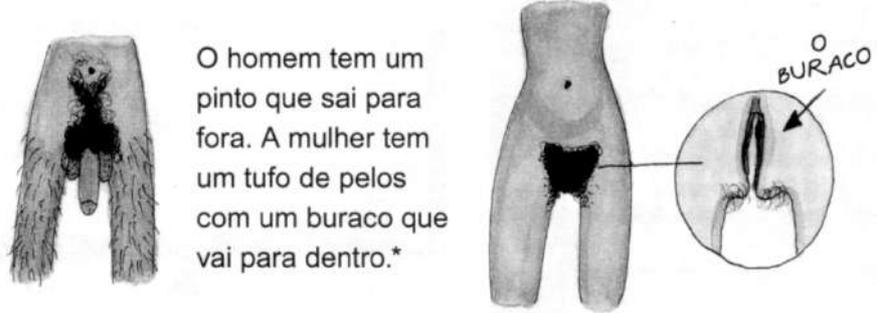
Figura 68: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 36



ENFIM, A MULHER TEM BAIXA AUTOESTIMA PORQUE ELA É DESPROVIDA DE SEXO, ELA É OCA E PRECISA SUPLICAR PARA QUE UM PÊNIS POSSA PREENCHER SUAS DEFICIÊNCIAS (O LUGAR VAZIO ONDE DEVERIA HAVER UM ÓRGÃO GENITAL).

Figura 69: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 36

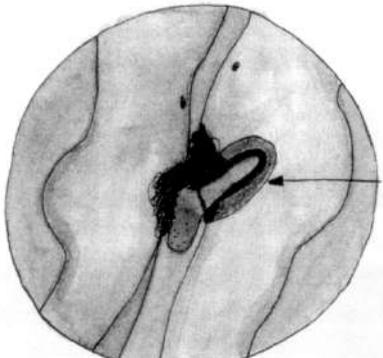
Sem dúvida fortemente inspirada por Sartre, a autora do livro infantil "Kärlekoken" ("O livro do amor") descreve os órgãos genitais assim:



O homem tem um pinto que sai para fora. A mulher tem um tufo de pelos com um buraco que vai para dentro.*

* Pernilla Stalfelt: "Kärlekoken", Rabén & Sjögren, impresso em 2011.

O pinto se encaixa no buraco do tufo de pelos.



Em muitas partes da cultura, a genitália externa é eliminada. Os eufemismos e metáforas para a "genitália feminina" frequentemente usam comparações como a seguinte, da música "Det e dej jag vill ha" ("É você que eu quero") da banda Latin Kings:



Entra e sai, entra e sai...

Você com seu buraco e eu com meu taco.

Figura 70: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 37

Como já comentei, o nome coletivo para designar as partes externas da genitália, VULVA, não é usado na linguagem do dia a dia.

EM VEZ DISSO, AS PESSOAS USAM A PALAVRA "VAGINA" INCORRETAMENTE QUANDO QUEREM SE REFERIR À VULVA.

POR EXEMPLO: Esse "colar vagina" de que fala um artigo da revista "QX", de janeiro de 2012...

"VIKTOR FAZ BIJUTERIA EM FORMA DE VAGINA"

A ideia para o colar vagina começou como uma piada ruim, mas acabou se tornando um dos produtos que hoje lhe dá mais orgulho. - É um verdadeiro sucesso de venda, conta Viktor Erlandsson feliz.



Colar vagina

... na verdade, representa uma vulva e deveria ser chamado de "colar vulva".

Figura 71: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 38

E o empresário, por trás desse produto, Vagina whiten cream, cujo objetivo é dar uma coloração mais ariana ao órgão genital, deveria...



Vagina whiten cream
Clareamento vaginal

Use continuamente de 5 a 7 dias. A cor da região sexual vai clarear, ficar mais rosa e macia. É adequado para uso prolongado.

... para ser correto, ter usado o nome "Vulva whiten cream".

No fórum on-line Flashback, o usuário "Humbug", que nesse thread discute a cantora Jasmine Kara, escreve o seguinte:

02/11/2013, 14h48
Humbug
Moderador



Prestei atenção na calça que ela usou no programa de ontem, tentando espiar um capô de fusca, mas ela conseguiu escondê-lo bem, não havia sinal de vagina.

Registrado: abril de 2002
Postagens: 7924

Para usar a terminologia certa, ele deveria ter escrito que não havia sinal da VULVA de Jasmine Kara.

Figura 72: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 38

Quando o escritor Stieg Larsson apareceu no programa de entrevistas de Malou von Sivers (18 de novembro de 2012) com o músico e escritor Plura Jonsson, perguntaram a ele sobre um trecho de sua biografia, onde diz que o sabor da boceta de mulheres mais novas é mais doce



- ao que ele respondeu:

Então, o pH da vagina das meninas muda drasticamente 5 anos depois de elas atingirem a puberdade.

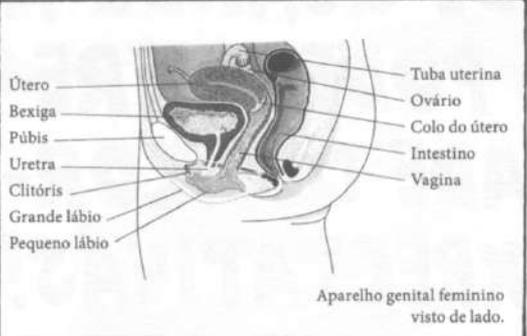
É por isso que elas têm um gosto mais ácido, né?

STIEG LARSSON
escritor e dramaturgo

Com grande probabilidade, ELE TAMBÉM está se referindo sobretudo às partes externas da genitália, e, portanto, deveria ter usado a palavra VULVA.

Figura 73: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 38

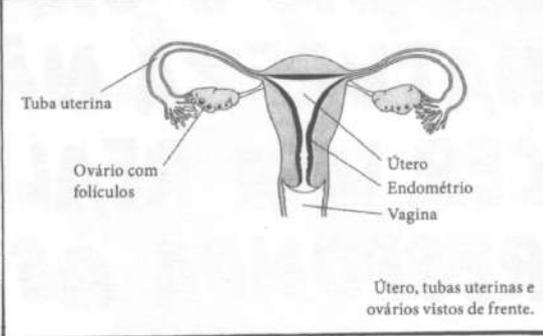
Se dermos uma olhada neste livro de biologia totalmente normal, publicado em 2002, vemos que os autores tampouco acham que há motivo para mostrar qualquer imagem das partes genitais externas, por isso se contentam em publicar as seguintes imagens intituladas "aparelho genital feminino":



Útero
Bexiga
Púbis
Uretra
Clitórís
Grande lábio
Pequeno lábio

Tuba uterina
Ovário
Colo do útero
Intestino
Vagina

Aparelho genital feminino visto de lado.



Tuba uterina

Ovário com folículos

Útero
Endométrio
Vagina

Útero, tubas uterinas e ovários vistos de frente.

Livro de biologia, Gleerups, 2002, p. 288.

Figura 74: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 39

A forma como a genitália feminina é culturalmente definida, como em “meninos têm pingulim e meninas não têm pingulim”, “a mulher tem um tufo de pelos com um buraco que vai para dentro”, ou chamar todas as partes desse órgão apenas de vagina pode, na superfície do discurso, parecer inofensiva, mas revela o pensamento social que advém a partir dele, como vemos no relato de Sartre.

A partir dessa construção cultural que se coloca como concepção natural, “os anatomistas do século XIX, ampliando o discurso dos moralistas, tentam encontrar no corpo da mulher a justificativa do estatuto social que lhes é imposto, apelando para oposições tradicionais entre o interior e o exterior, a sensibilidade e a razão, a passividade e a atividade.” (BOURDIEU, 2020, p.32)

O apagamento semiótico da vulva como um mecanismo de violência simbólica não é visto apenas na linguagem do dia a dia, mas também na literatura médica e em livros didáticos. Uma vez que “o discurso é mais o lugar da reprodução que da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer.” (FIORIN, 1995, p.32), os discursos cotidianos estão apoiados e em conformidade com um discurso maior, de maior credibilidade - o científico.

Porquanto, como já frisamos, há uma escolha cultural da definição dos órgãos sexuais femininos e masculinos, e essas escolhas constroem uma realidade que se impõe enquanto natural. A narradora elabora três hipóteses para essa construção cultural, a saber: “1) a cultura quer que haja dois sexos; 2) (quer que) eles sejam opostos; e 3) se complementem fisicamente como ‘a espada na bainha’, manifestada na relação heterossexual de penetração.” (STROMQÛIST, 2018, p.40) Somada a essas três hipóteses, acrescentamos mais duas, visto que acreditamos que apagar as partes externas da genitália feminina, metonimicamente chamando de vagina todo o conjunto de partes que a compõe, atende a outros dois interesses culturais: i) intensificar a ideia de complementaridade, o que reforça o padrão heteronormativo, aliado à opressão¹² feminina; ii) contribuir para a insegurança com relação a autoimagem, pois ao se deparar com a definição do que é considerado genitália feminina, meninas e adolescentes podem se sentir deformadas, anormais com a perpetuação desses discursos. Insegurança essa que leva mulheres e adolescentes a recorrerem a intervenções

¹² A heteronormatividade por si só não oprime as mulheres, mas uma mulher que não se identifica como heterossexual já rompe com o contrato social esperado, portanto já é vista como uma ameaça ao *status quo*.

estéticas e até mesmo cirúrgicas para se adequarem a um padrão culturalmente criado do que seria esteticamente¹³ correto para uma genitália feminina.

Uma das estratégias enunciativas para mostrar a construção cultural da estética daquilo que se costuma chamar de genitália feminina é a inversão dos padrões impostos às mulheres e aos homens.



Figura 75: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 32

¹³ O padrão estético acerca da genitália feminina também está em conformidade com as estruturas opressoras da classe dominante; logo a vulva perfeita, além de quase não existir, ser apagada e escondida, apresenta padrões e coloração eurocêntrica, não contemplando nenhuma pluralidade de formatos e cores.



Figura 76: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 33

O resultado dessa marca cultural é explorado pela quadrinista no relato de mulheres que recorrem à cirurgia plástica para reduzirem os seus lábios genitais, em busca de se encaixarem no padrão eufórico estabelecido socialmente, em que a vulva perfeita é pequena, escondida e apagada. Tal intervenção cirúrgica (ou volição por esta) pode ser interpretada, semioticamente, como “*imagem-fim*”. “Essa imagem é a que o sujeito faz de si mesmo; é aquilo que o sujeito sonha para si e imagina de si.” (DISCINI, 2003, p. 73). Ao tratar dessas disforias em relação à imagem de si, a narradora nos apresenta algumas das consequências que esta ‘confusão linguística’ acerca da forma de descrever a genitália feminina pode acarretar:



Figura 77: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 39

Por natureza meramente anatômica, os órgãos sexuais femininos não podem entregar o que a cultura espera - um órgão completamente oposto ao masculino, “pronto para ser preenchido por um pau.” (STROMQÛIST, 2018, p.40) E por essa quebra de expectativas, falamos principalmente do clitóris, que como vimos na figura 32, não se encaixa nessa lógica de complementaridade e de vulvas que se recusam a ser escondidas. Olhemos para os exemplos trazidos pela narradora:

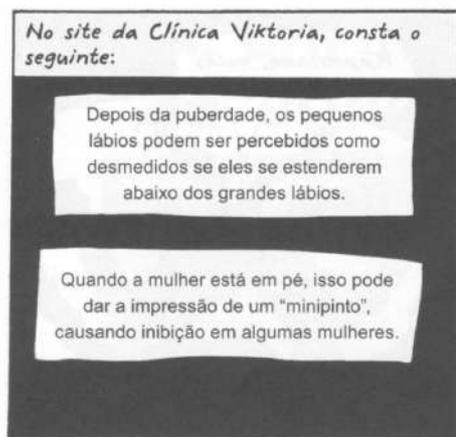


Figura 78: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 41

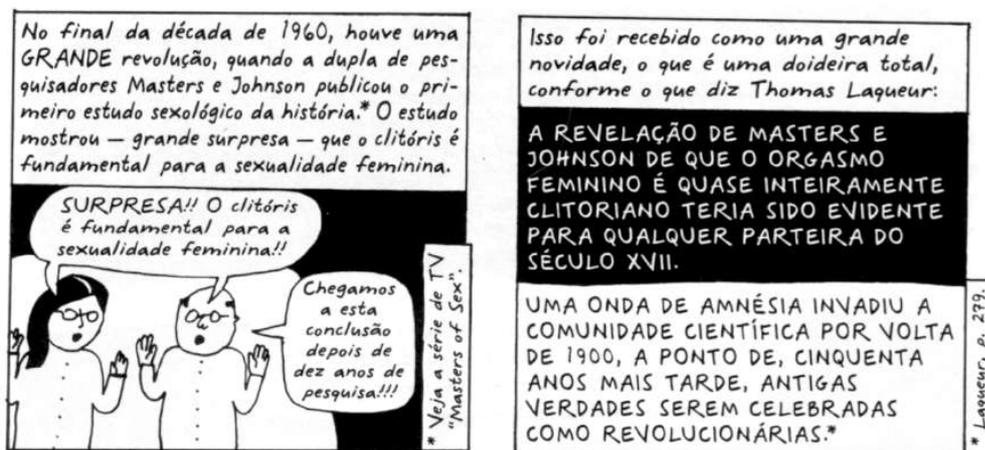


Figura 79: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 77

SOMENTE EM 1998, DEPOIS DE MILÊNIOS DE PESQUISA DE PÉSSIMA QUALIDADE, ACONTECEU PELA PRIMEIRA VEZ ALGO BEM INTERESSANTE.



Helen O'Connell, do Royal Melbourne Hospital, descobriu que a cabeça do clitóris é apenas a ponta de um iceberg e que o próprio órgão na verdade tem um comprimento de sete a dez centímetros e possui duas pernas que se estendem para trás abraçando as laterais da vagina. O órgão inteiro se dilata ao ser estimulado.

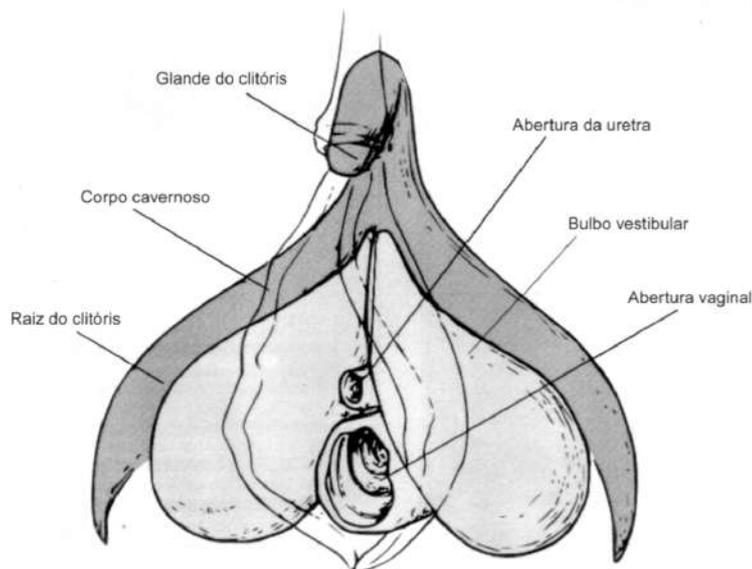


Figura 80: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 79

PARTE DA PESQUISA REALIZADA NOS ÚLTIMOS ANOS INDICA QUE O CLITÓRIS É AINDA MAIOR E SUAS TERMINAÇÕES NERVOSAS POSSIVELMENTE SE ESPALHEM SOBRE UMA GRANDE ÁREA DENTRO DO ORGANISMO.

*Isso torna toda a discussão sobre o orgasmo clitoriano/vaginal completamente sem sentido, já que todos os orgasmos têm sua origem no complexo clitoriano.**

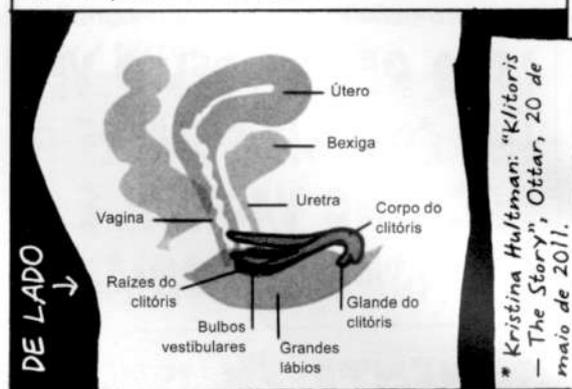


Figura 81: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 80



Figura 82: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 80

A construção cultural da oposição entre homens e mulheres, que partiu de discursos biologizantes e, como vimos, teve início no final do século XVIII e início do século XIX, atrasou em mais de 200 anos os estudos acerca da anatomia real de uma das partes da vulva, o clitóris. Com a ideia de um sexo cuja função é servir de aparato penetrante para o pênis - e não era visto como um órgão que existe por direito próprio, - a ciência ignorou até 1998 a real extensão do órgão feminino.

Se voltarmos na história e olharmos para a caça às bruxas descobriremos algo interessante: Antes de uma mulher ser acusada de bruxaria, era comum o exame de sua genitália para confirmar se ela era realmente uma bruxa:



Figura 83: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 18



Figura 84: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 19



Figura 85: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 19

A protuberância em formato de mamilo a que se referiam era o clitóris, que ainda levantava dúvidas sobre a sua existência. Mulheres foram queimadas em fogueiras, sob alegação de bruxaria por, entre outros motivos, terem um clitóris. O apagamento da vulva e todas as partes externas que a compõe, somado ao desejo de controle dos corpos femininos que de alguma forma desafiavam a ordem social, ou o desequilíbrio do status quo, contribuiu não só com séculos de atraso das descobertas acerca da genitália feminina, como também demonstrou como os discursos das classes dominantes é capaz de colonizar o corpo de sujeitos oprimidos, passíveis de moldar toda a construção social destes.

A violência simbólica se instaura na nossa sociedade como um produto da ordem do natural e, justamente por ser lida enquanto natural, passa a não ser questionada. Ao contrário, passa a fazer parte do repertório de mundo dos indivíduos, que a enxergam como parte da realidade. O apagamento semiótico das partes externas da genitália feminina contribuiu para a distorção da autoimagem, afinal “na nossa cultura, a vulva é escondida tanto na língua quanto nas imagens” (STOMQÜIST, 2018, p.42) e para a perpetuação da escolha em ressaltar as diferenças entre os sexos feminino e masculino. Segundo Butler, “a diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas.” (1999, p.110)

3.4. Menstruação como símbolo de vergonha

A capa da versão brasileira de *Kunskapens frukt - a origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado* - traz a imagem de uma patinadora em uma pose onde se vê a mancha de sangue (provavelmente menstrual) em sua calcinha. No espaço social do Brasil, onde a obra circulou, houve uma repercussão negativa na internet, por parte de pessoas que, em sua maioria, se identificavam e eram identificáveis como homens. Estes acharam a capa de mau gosto e desnecessária por abordar um aspecto fisiológico dos corpos das mulheres, considerados por esse grupo enquanto nojentos, impuros e motivo para vergonha e, conseqüentemente, com o dever de ser escondido, não mencionado, apagado.

Os discursos construídos socialmente em torno da menstruação embutem em seu interior - implícita ou explicitamente - o estado de alma vergonha. A vergonha pode estar relacionada a uma série de outros sentimentos: rebaixamento, humilhação, desonra, indignidade, vulnerabilidade etc. No entanto, para sentir vergonha o sujeito precisa de outro sujeito. A vergonha nasce de uma relação com o outro e segundo Harkot-de-La-Taille (1999, p. 17-18):

A vergonha exige alguém com consciência de si. Não é apenas da capacidade intelectual que depende essa paixão para eclodir. Ela é fortemente baseada na opinião de outrem. Na vergonha, o homem desloca sua atenção de si mesmo para o outro e para como o outro o vê; desloca sua atenção de sua imagem no espelho para a sociedade e seu papel nela. A opinião do outro pode ser manifesta, suspeita, ou suposta, mas sempre temida.

Tratemos neste estudo da vergonha enquanto uma paixão. Em síntese, “A Semiótica, ao examinar as paixões, não faz um estudo dos caracteres e dos temperamentos. Ao contrário, considera que os efeitos afetivos ou passionais do discurso resultam da modalização do sujeito de estado.” (FIORIN, 2007, p.10)

Ao tratar algo natural da fisiologia feminina como algo digno de vergonha, os discursos sociais constroem uma ideia de julgamento e, para fugir dos julgamentos sociais, a mulher precisa esconder a sua condição de menstruada. As propagandas de absorventes descartáveis reforçam essa ideia de que menstruar é vergonhoso ou algo que represente para a mulher algum tipo de ameaça e trazem em seu discurso construções como:

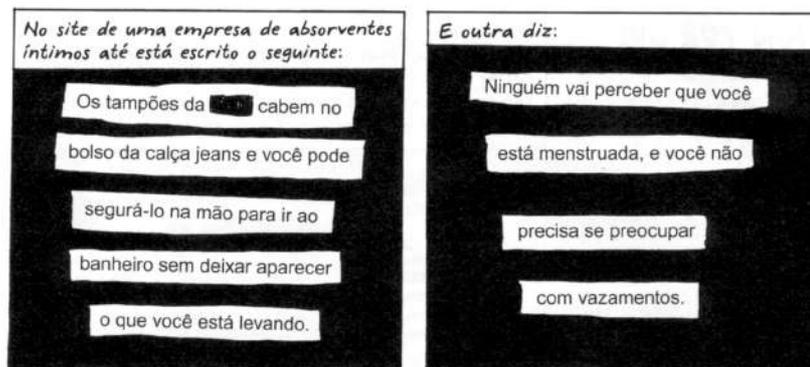


Figura 86: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 102

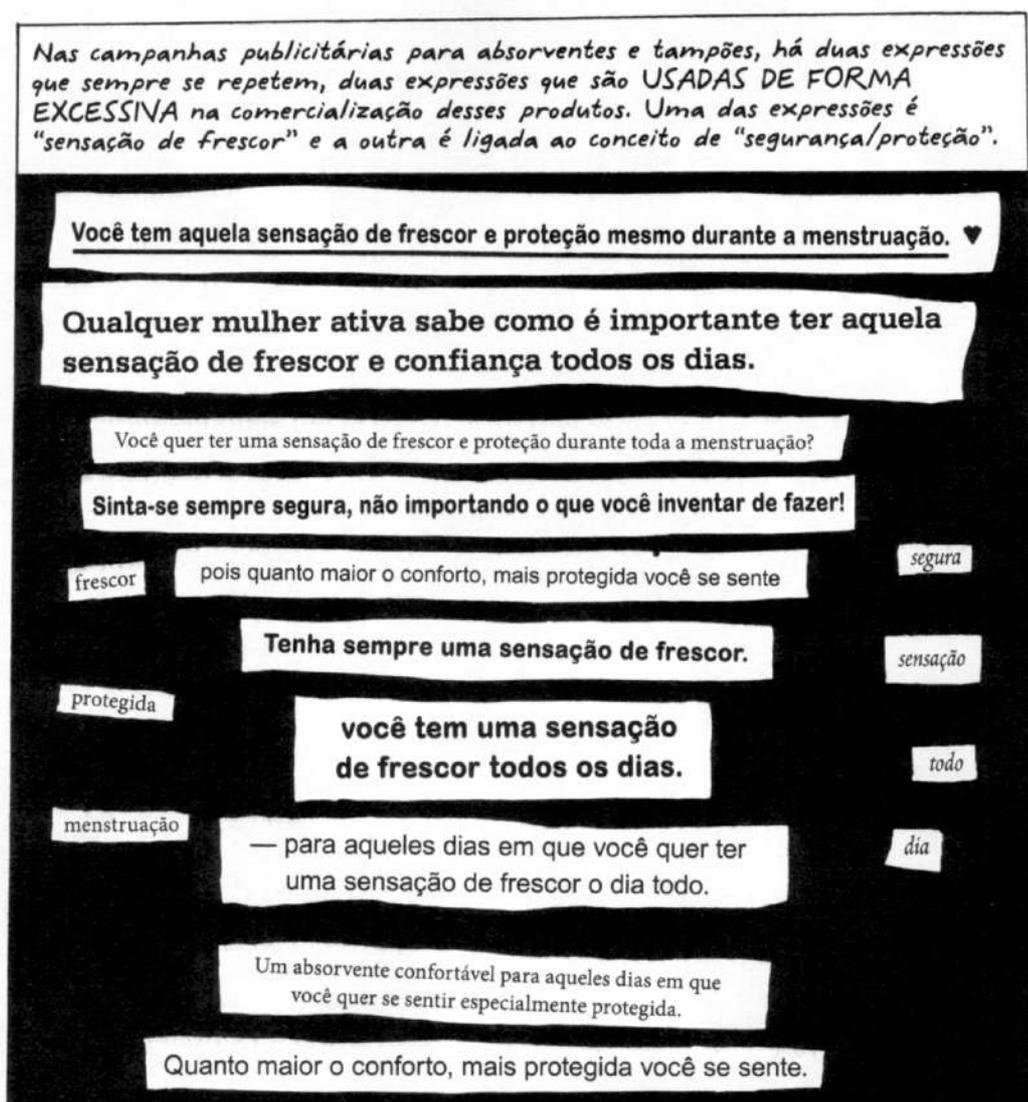


Figura 87: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 100

A figura 86 nos mostra como a vergonha está atrelada aos discursos que tocam no campo semântico da menstruação. Ao precisar esconder os absorventes descartáveis ou ter

que ter o cuidado para que ninguém perceba que você está menstruada, a mensagem é clara: ninguém pode perceber que você está menstruada porque isso é nojento, então você precisa esconder que está menstruada e qualquer menção a isso (carregar um absorvente até o banheiro, por exemplo), pode ser interpretado como um descuido e te coloca como alvo de julgamentos.

Já a figura 87 mostra como a sociedade interpreta a menstruação como algo desagradável e sujo ao frisar a sensação de frescor e vê como uma ameaça o processo natural de menstruação, ao se colocar como uma alternativa 'segura' para a mulher.

O processo cultural de embutir a vergonha no processo de menstruação pode ser visto no exemplo abaixo:



Figura 88: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 101

Segundo Harkot-de-La-Taille (IDEM, p.21), a vergonha:

Trata-se de uma paixão intersubjetiva, originada no cruzamento de outras configurações, em que o Destinatário assume a perspectiva de um Destinator julgador, exercendo um fazer cognitivo reflexivo que gera uma sanção negativa. É um sujeito desdobrado em dois simulacros existenciais conflitantes: num, ele tem, ou pensa ter uma certa competência modal positiva, pensa ser - ou melhor, projetar-se - de um determinado modo; noutro, ele vê que não possui tal

competência, que não é como pensava ser. Tudo isso acrescido do olhar real ou virtual de um espectador legitimado pelo sujeito, supostamente em conjunção com o sistema de valores do Destinator julgador. Em suma, por um lado, um mesmo ator sincretiza os actantes Destinatário e Destinator julgador; por outro, o actante Destinator julgador é “encarnado” por mais alguém: um espectador legítimo, real ou virtual.

No percurso passional da vergonha, o sujeito envergonhado é cindido. Ao mesmo tempo em que tem uma imagem de si, é confrontado pelo outro como em disjunção da competência para desfrutar de tal imagem. O sujeito cindido legitima a visão do outro para julgar, negativamente, a imagem de si. (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999).

No exemplo acima, temos o percurso passional manifestado a partir da construção da imagem que a mulher tem de si, perpassando pelas construções culturais cravadas nos símbolos do que se espera dela: limpa, higiênica, discreta etc. e de suas próprias simbologias que podem ir na contramão desse discurso. Nesse caso, tem-se a busca pela igualdade com os homens e a não relação com a TPM (tensão pré menstrual), por exemplo, e seus comportamentos, ou uma junção de ambas as ideias, ou apenas uma etc. Tendo essa imagem confrontada com os olhares alheios, em especial os olhares masculinos, que, por não terem vivência da menstruação, não a compreendem, essa imagem é quebrada, seja a da higiene e a da discrição, seja a do desejo de igualdade. Embora não experienciem a natureza da menstruação, os homens, nesse contexto, transformam-se em sujeitos sancionadores. É-lhes permitido julgar e sancionar negativamente a mulher que cometer o deslize de deixar-se perceber menstruada ou, pior ainda, a que deixar que sua menstruação saia do domínio de seu corpo - aqui, privado, embora na sociedade seja lido em diversos contextos como público - para um domínio externo, como um sofá, uma cadeira etc. Neste segundo caso, além de ser sancionada negativamente e ser assolada pela vergonha de romper com o contrato social de esconder e de ‘manter-se segura’ durante a menstruação, o sujeito cindido provoca no outro a vergonha, conhecido culturalmente como vergonha alheia. O sujeito destinator e sancionador passa a experimentar a mesma paixão que desperta no sujeito cindido, instaurando-se no seio de uma complexa relação actancial e actorial. Tem-se o despertar da vergonha pela relação simbólica em torno da qual a menstruação é uma ameaça e a mulher deve manter-se segura em relação a ela, como também é acometida pela vergonha quando é posta em contato com algo que culturalmente vê-se como repugnante.

O dicionário Houaiss define vergonha como:

1. desonra que ultraja, humilha; opróbrio. 2. sentimento dessa desonra, ultraje, humilhação ou opróbrio. 3. sentimento penoso causado pela inferioridade, indecência ou indignidade. 4. sentimento de insegurança causado por medo do ridículo e do julgamento dos outros; timidez, acanhamento, recato, decoro. 5. sentimento da própria honra, dignidade, honestidade, brio. 6. atitude ou situação indecorosa ou vexatória. 7. órgãos sexuais humanos.

A vergonha é uma paixão que, segundo Harkot-de-La-Taille, “recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.” (IDEM, p.26) O percurso passional da vergonha, orientado pela perspectiva do sujeito patêmico, decorre no exemplo da figura 88 da ação anterior ao vazamento da menstruação. A vergonha manifesta-se então como um sentimento intenso de desonra, humilhação e inferioridade diante do julgamento do outro em relação a sua exposição sobre o estar menstruada. Da mesma forma, o sujeito cindido preocupa-se em não se expor, porque tem honra, dignidade - vergonha - e empenha-se em cobrir suas vergonhas (órgão sexual) e portanto qualquer evento que ocorra nele (como a menstruação). Resulta daí o lado ambíguo da vergonha nessa perspectiva.

Sendo a vergonha resultante de um ato anterior, como o vazamento do absorvente, não é o ato em si que desperta essa paixão no sujeito mulher, mas a interpretação que culturalmente é dada para a exposição do sangue menstrual, homologado à símbolos como privado, impuro, malcheiroso etc. Para comprovar que a vergonha está no ato de menstruar e não em manchar objetos e assentos, a narradora propõe a seguinte comparação:



Figura 89: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 101

Em sociedades onde o discurso acerca da sexualidade feminina e de seus órgãos sexuais é construído disforicamente, assumindo o caráter de negativo, definido pela falta, pela ausência, pelo não-ser e não-possuir, a menstruação retorna para o lugar metonímico da exposição não de uma mancha de sangue ou de um processo fisiológico do corpo, mas do órgão em si, o da vagina. Ao revelar a menstruação, a mulher vê-se em uma relação quase desesperadora de desonra e humilhação, pois deixou-se ver, por descuido - aos olhos da sociedade - as situações específicas do seu sexo¹⁴. No livro, lê-se o seguinte: “Certa vez li num livro que a diferença entre culpa e vergonha é que sentimos culpa pelo que fazemos, mas sentimos vergonha pelo que somos.” (STRÖMQUIST, 2020, p.89)

Bourdieu (2020) diz que há partes do corpo que são vistas como públicas, como face, fronte, olhos, bigode, boca e que esses compõem os órgãos de apresentação, enquanto que os órgãos sexuais seriam as partes privadas, escondidas ou vergonhosas cuja a honra manda dissimular. A mulher passa então a querer não se expor diante dos olhares do sujeito julgador.

¹⁴ Nesse estudo, como já colocado nas notas introdutórias, a autora considera a mulher cisgênero e não contempla os corpos não-binários ou transsexuais; mas ressaltamos aqui que o simples ato de menstruar não está atrelado ao corpo da mulher. Uma mulher transexual pode não menstruar, assim como um homem transexual pode menstruar. E a esses corpos está reservado outras vergonhas que são construídas socialmente e que tem relação direta com seus órgãos sexuais.

A construção da vergonha sobre a menstruação a transformou em um tabu cultural e pode ser entendido na própria etimologia da palavra tabu. Na obra *A história cultural da menstruação*, as autoras chamam a atenção para o fato de que “alguns (estudiosos) até acham que a palavra *tabu* vem da palavra polinésia *tapua*, que significa justamente menstruação.” (STRÖMQUIST, 2018, p.102)

A base dos discursos contemporâneos que colocam a menstruação enquanto impura, vergonhosa, portanto um tabu, tem fundamento em diversos outros discursos históricos de cunho religioso, cultural e pseudocientífico, como é mostrado nos exemplos abaixo:

Ao longo da história, um monte de culturas comprou a ideia de que o fluxo menstrual seria impuro.

POR EXEMPLO, NO LIVRO DO LEVÍTICO TEM UMA PASSAGEM EXTREMAMENTE LONGA SOBRE A TREMENDA IMPUREZA DA MENSTRUÇÃO:

Está escrito assim:



Figura 90: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 103



Figura 91: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 104



Figura 92: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 105

A visão da menstruação enquanto um tabu pode ser explicado em tempos remotos como o não entendimento do sangramento sem ferimento e sem danos à mulher. A menstruação por muito tempo foi associada às fases da lua e à maré, construindo um imaginário mítico, sagrado e perigoso em torno do corpo da mulher e conseqüentemente, em sua figura como um todo. Esse imaginário construiu uma ideia de essência feminina que a afastava do humano, (homem) e a construía como algo divino, mítico, incompreensível. Justamente por ser desapessoada, não precisava ou não merecia ser estudada, ter os mesmos direitos humanos que os homens e assim por diante.

A negligência acerca dos estudos da anatomia feminina por eles mesmos, e não em formas de comprovação de uma oposição aos órgãos masculinos, carregou estigmas que fizeram da menstruação algo a ser escondido, um fenômeno velado em nossa sociedade.

A menstruação acompanha outro fator que foi homologado ao seu status de inferior ou de não confiável: a TPM. A partir do momento em que a sociedade determinou como importante que o corpo da mulher fosse biologicamente visto como diferente (ou oposto) ao do homem para a implementação das mudanças sociais, a TPM começou a ser usada como um mecanismo para limitar os espaços sociais que as mulheres teriam acesso.



Figura 93: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 123

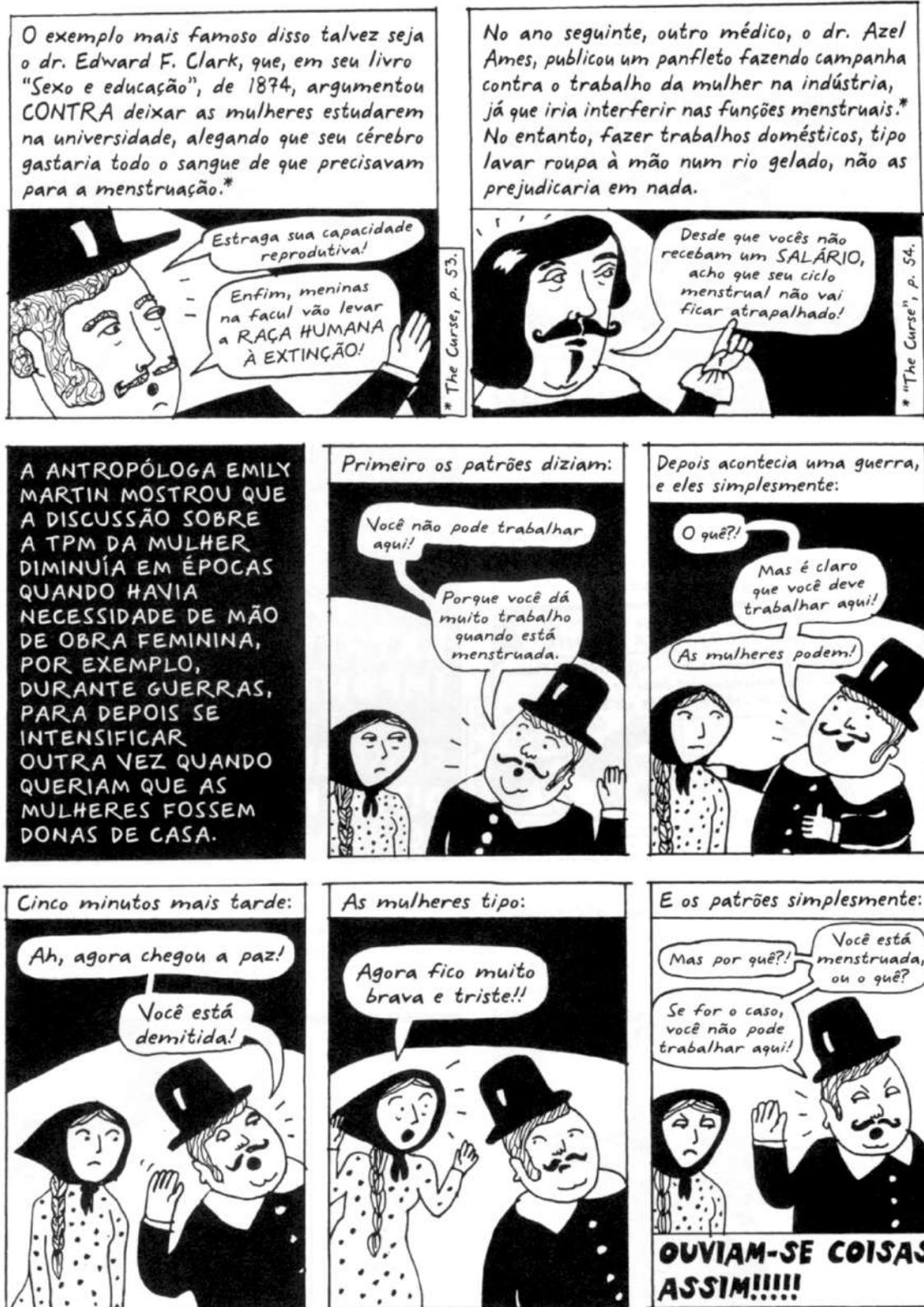


Figura 94: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 124

Com os exemplos das duas figuras acima vemos que a menstruação foi usada como desculpa para privar as mulheres do acesso à educação e empregos remunerados, sob o pretexto de que isso influenciaria em suas capacidades reprodutoras, ou que a TPM a tornaria instável demais para desempenhar funções remuneradas. No entanto, a enunciadora nos chama atenção para o fato de que:

Curiosamente, não encontrei nenhum cientista ou médico na história que chegasse à conclusão de que as mulheres não fossem aptas, por exemplo, a cuidar de crianças por causa de suas perigosas flutuações hormonais. Ninguém escreveu relatórios de pesquisa argumentando que mulheres com TPM brigam demais com seus filhos e, portanto, seria melhor que os homens ficassem em casa com os filhos e as mulheres saíssem pra trabalhar. (STRÖMQUIST, 2018, p.125)

Podemos inferir com essa análise que a menstruação é vista não enquanto um processo natural do corpo, mas enquanto algo abominável e nojento que precisa a qualquer custo ser escondido, servindo como um mecanismo opressor para as mulheres de duas formas distintas: em tempos anteriores, como uma forma de privá-las do acesso público; posteriormente, com o decorrer dos anos, como um ‘lembrete’ de seu sexo: inferior, vazio, que não existe por si, mas para o preenchimento do sexo por excelência (o pênis).

Analisaremos a seguir como os discursos opressores cristalizados nas isotopias temáticas propõem papéis temáticos para a atuação da mulher na sociedade.

3.5. Papéis temáticos

Nas sociedades patriarcais, são incutidos papéis de gênero que carregam a expectativas que a sociedade tem sobre aptidões, comportamentos, pensamentos e características que acompanham o sexo atribuído a uma pessoa. Esses papéis de gênero pressupõem o modelo de vida que um indivíduo ‘escolherá’ de acordo com o sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

Neste estudo, pela perspectiva semiótica, homologamos os papéis de gênero aos papéis temáticos. Partimos da definição de papel temático como a manifestação isotópica, mas disseminada de um tema. É na semântica discursiva que os temas e as figuras emergem e é a partir delas que os papéis temáticos são definidos.

Retomando as palavras de Barros:

No ator, juntam-se elementos da sintaxe narrativa (um papel actancial, ao menos) e da sintaxe discursiva (a projeção de um 'eu', ou de um 'ele', por exemplo). O resultado desse casamento 'sintático' recebe preenchimento semântico, sob a forma de um ou mais papéis temáticos, e pode, dependendo do texto, ser especificado ou concretizado pelo revestimento figurativo. (2005, p.70)

No tema da opressão feminina, há dois atores em jogo. Na sintaxe narrativa é representado por um que oprime e por outro que é oprimido. Na sintaxe discursiva, o sujeito da enunciação é estabelecido por meio da debreagem interna, pelo interlocutor que toma a palavra. Estabelece-se um eu que fala para um tu (actantes da enunciação) sobre um ele (actante do enunciado). Relembremos algumas ocorrências:



Figura 95: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 13



Figura 96: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 103

Os dois exemplos selecionados mostram um padrão na estratégia discursiva. Há, tanto no plano da expressão quanto do conteúdo, homens que se estabelecem como os actantes da enunciação (*eu*), proferindo seus discursos enquanto cumpridor do papel actancial de ‘detentor do conhecimento sobre o corpo da mulher’, ‘dotado de libido’, ‘racional, inclinado aos estudos filosóficos’ e assim por diante. São homens que comunicam não às mulheres, mas a outros homens, estabelecidos na semântica discursiva pelo dêitico de actorialização *tu*, enquanto se referem à mulher como *ela*, que não está presente no momento da enunciação, demonstrando que seu lugar social não é em conversas que dizem respeito a si. Ela é actante do enunciado, colocada fora da enunciação, sendo manifestada apenas no produto desta e não em sua produção.

A partir dessa lógica de não-produção dos discursos acerca de si, mas de ter sua projeção enunciativa dada como ela, a terceira pessoa, o outro de quem apenas se fala, a mulher recebe recobrimentos semânticos que se cristalizam enquanto papéis temáticos, indicando o modo como devem expressar-se tanto no âmbito privado (casa, relacionamentos etc.) quanto no âmbito público (quais lugares pode ou não acessar e de que forma se dá esse acesso e participação). Abaixo recortamos alguns exemplos trazidos no *corpus* sobre os papéis temáticos que eram impostos ou sugestionados às mulheres.

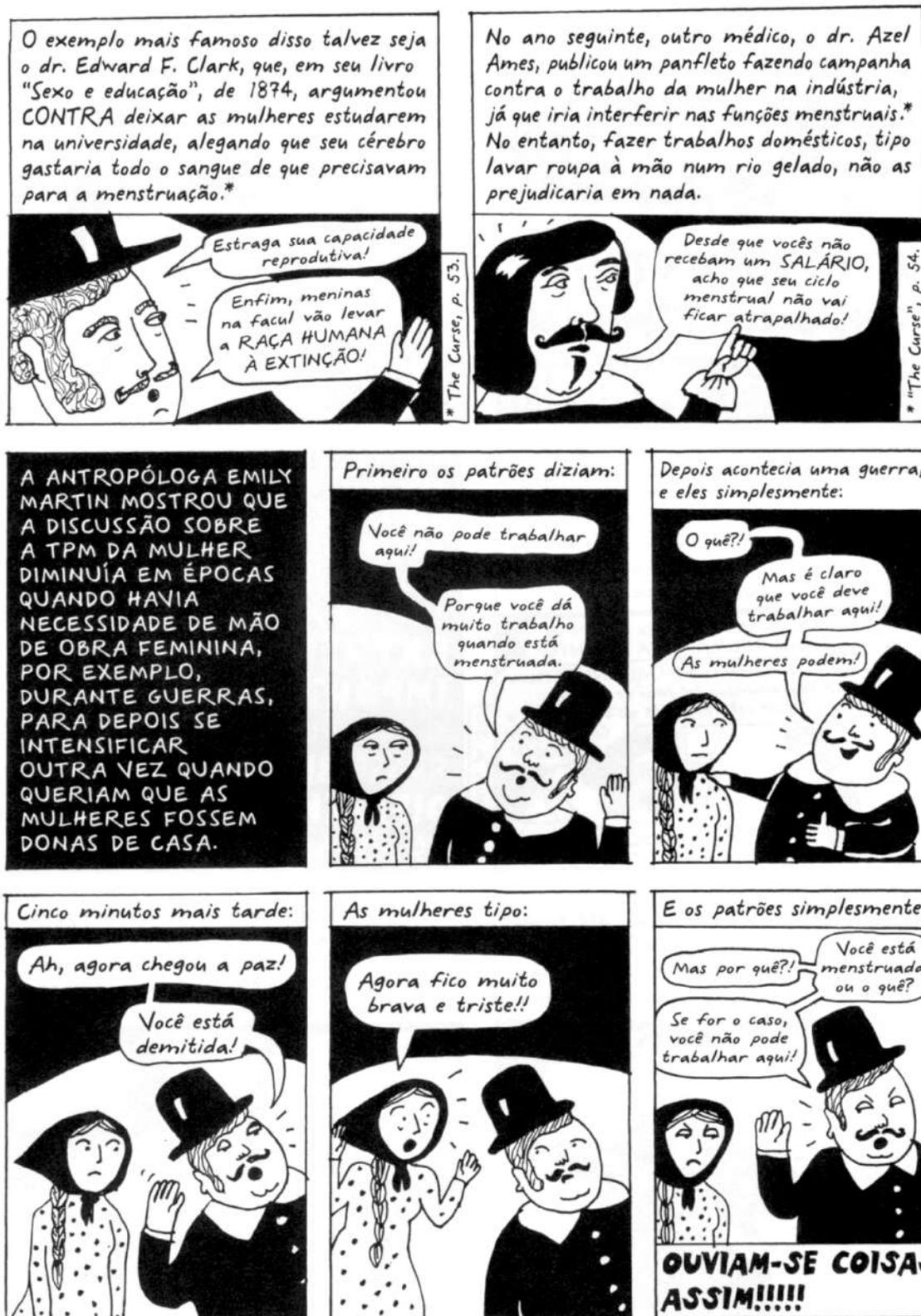


Figura 97: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 124

Na figura 97, temos esse diálogo entre uma mulher e um possível empregador - homem. Inferimos, nos tópicos anteriores, que a construção do sujeito mulher está relacionada

com as demandas sociais e que essa construção vai se ajustar de tempos em tempos, de acordo com as necessidades que surgem em sociedade. O diálogo entre as personagens mostra que o ingresso da mulher no mercado de trabalho nunca foi uma condição equânime. As mulheres¹⁵ precisaram reivindicar o direito ao ingresso no mercado de trabalho e só tiveram a oportunidade de assumir cargos na indústria e comércio em períodos de guerra.

O enunciado desse diálogo traz ainda uma intertextualidade discursiva com o texto “*We can do it!*” que foi o slogan de uma propaganda de guerra que visava atrair as mulheres para o mercado de trabalho, uma vez que os homens não estavam lá para ocupar as funções.

As mulheres trabalharam durante a Segunda Guerra Mundial por falta de mão de obra masculina, mas foram convidadas, para sermos eufêmicos, a voltarem para os lares para receberem os soldados. Carreira, estudo ou qualquer outro tipo de ambição não era algo acessível à mulher. Qualquer que fosse o desvio do roteiro previsto para a vida desses sujeitos era mal visto pela sociedade vigente. (OLIVEIRA;SALIBY, 2020, p.150)

Por conta da escassez de recursos do período, as mulheres eram remuneradas de forma diminuta quando comparadas a um homem pela mesma função. No entanto, após o retorno do homem da guerra, o mercado passou a não considerá-las mais como mão de obra apropriada, e as que continuaram a trabalhar no pós-guerra não tiveram seus salários equiparados aos dos homens na mesma função. Essa divisão sexual do trabalho ressalta a ideologia da superioridade masculina. Sobre isso, Bourdieu diz que:

Longe de as necessidades da reprodução biológicas determinarem a organização simbólica da divisão sexual do trabalho e, progressivamente, de toda a ordem natural e sexual, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus uso e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos. (2020, p.45)

A partir desse cenário, a mulher assume o papel temático de trabalhadora inferiorizada: menos reconhecida, menos respeitada e menos confiável, sob o pretexto de que é porque menstrua; portanto, se contratada, deve ser tida enquanto mão de obra barata.

Esse papel temático é concretizado pelo revestimento figurativo esparso da remuneração não justa e relaciona-se com o tema da *inferioridade feminina*.

¹⁵ Nos referimos aqui às mulheres brancas, pois as mulheres negras nunca tiveram a opção de não trabalhar. Enquanto as mulheres brancas estavam reivindicando o direito ao estudo e ao ingresso ao mercado de trabalho, as mulheres negras estavam trabalhando em condições análogas à escravidão ou sendo ainda escravizadas.



Figura 98: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 69

Quando falamos da opressão feminina, temos em mente que ela se materializa em diversos aspectos da vivência da mulher. No caso da opressão por meio da sexualidade, temos um mecanismo que visa o controle dos corpos desses indivíduos. No exemplo que trazemos acima, tem-se afluído o papel temático esperado para uma mulher bem educada, física e mentalmente 'normal': a frigidez. Ser uma mulher frígida, com pouco desejo sexual é visto, neste ponto da história, como imperativo para o matrimônio e vida familiar e o valor da mulher enquanto ser humano era homologado a manter-se virgem, antes do casamento e ser frígida durante o casamento. Ser possuído de libido, expressar-se enquanto sujeito desejante era inaceitável para uma mulher de 'boa família' e poderia significar que ela tinha alguma anomalia, já que é usado o termo normal para indicar que esse é o estado natural da mulher.

Usar a sexualidade para constranger a mulher é um procedimento bastante comum na história da humanidade e que ainda hoje se faz presente na maior parte dos xingamentos direcionados a elas, o que demonstra que a visão estereotipada da mulher sem libido e que não deve se interessar por sexo ainda é presente nas sociedades. O exemplo trazido abaixo, embora se relacione com o período pós-iluminista, ainda é atual. O papel temático de frígida perpassa a esfera da sexualidade e se condensa em todo e qualquer comportamento feminino. O desvio de qualquer comportamento esperado, a insubordinação desta em relação ao homem em algum momento, o desejo de expressar preferências e opiniões que estejam em desacordo com o esperado (ou permitido) para elas, resulta em ataques contra a sua sexualidade, de

forma a tornar a sua figura imoral. É uma moral construída para tornar o sexo para elas enquanto uma experiência de dominação masculina e não de prazer e liberdade.



Figura 99: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 71

A enunciadora usa com frequência no enunciado a estratégia enunciativa de inverter os sujeitos para argumentar sobre a construção social dos papéis temáticos que recaem sobre as mulheres. Ao ilustrar cenas de um matriarcado, ela expõe o funcionamento da lógica sexual patriarcal. O sexo, enquanto um ato penetrativo, tem por finalidade o gozo masculino.

Nessa lógica, o papel temático da mulher frígida é novamente apresentado, com a diferença de que neste exemplo das figuras invertidas transparece o desejo pelo gozo feminino, mas não como uma afirmação do prazer feminino, mas enquanto uma afirmação da performance masculina, do que ‘faz gozar’, como lemos no diálogo “Minha namorada é superlegal, para me satisfazer sexualmente, ela continua por um TEMPÃO depois de ela mesma gozar!”, enquanto que os outros sujeitos da enunciação estão em conjunção com o papel temático da frígida, da que é insegura com o corpo, da que tem dificuldade em relaxar e sentir prazer.



Figura 100: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 78

PARTE 2

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS E INTERDISCURSIVAS

“Um discurso sempre cita outro discurso. Um texto pode citar outro texto. As relações entre os textos podem também ser contratuais ou polêmicas.”

José Luiz Fiorin, 1995, p.45

1. ALGUNS APONTAMENTOS INICIAIS

Embora as relações dialógicas e intertextuais possam ser analisadas no âmbito do nível discursivo, optamos em nossa pesquisa por apresentar a análise principal da formação discursiva e ideológica, portanto fazer a análise referente à sintaxe e semântica discursiva, e apresentar as relações interdiscursivas e intertextuais separadamente.

A escolha de tal apresentação visa uma melhor compreensão dos conceitos apresentados de forma separada. Dito isso, a análise que discorreremos a seguir é uma continuação da análise apresentada até este ponto.

A semiótica discursiva não fala em exterioridade textual, ainda que não deixa de examinar com outros nomes o que seria em outras correntes teóricas, chamado de exterioridade textual. (BARROS, 2009). Barros explica que três considerações devem ser feitas a esse respeito:

O termo ‘exterioridade’ não faz parte da metalinguagem semiótica, mas pertence ao campo da Análise do Discurso Francesa (AD), em que o texto, considerado na perspectiva do discurso, tem relação ‘com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).’ (ORLANDI, 1998, p.54); a semiótica discursiva não trata a ‘exterioridade’ discursiva como ‘exterioridade’, ou seja, como algo exterior ao texto ou ao discurso, mas não deixa de examinar, sob outro prisma e com outros nomes, aquilo que, em outros quadros teóricos, é denominado ‘exterioridade’, pois, para a teoria semiótica, os procedimentos que constroem os sentidos de um texto são de dois tipos: procedimentos linguístico-discursivos e relações com a sociedade e a História; as origens da teoria semiótica nos estudos de Saussure, Hjelmslev, Propp, Lévi-Strauss, Merleau-Ponty explicam a preocupação da teoria com os sentidos construídos nos textos e discursos e o ‘apagamento’, no discurso fundador, de questões teóricas e de objetos de análise, tais como a oralidade, a enunciação, o plano da expressão e o contexto.

É por conta dessas questões exploradas por Barros que a leitura do adágio de Greimas, “Fora do texto não há salvação”, precisa ir em direção que considere a ‘exterioridade’ do texto enquanto parte de uma mesma grandeza textual. Isso porque não se enxerga o ‘fora’ do texto, uma vez que não há o extralinguístico na forma de se apreender e analisar tal objeto. Segundo Fiorin (2020, p.65): “a historicidade dos enunciados é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição. É na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a História que perpassa o discurso.”

Isso posto, podemos inferir que as relações intertextuais e dialógicas não são exteriores aos textos, mas imanentes a eles. “A História não é exterior ao sentido, mas é

interior a ele, pois ele é que é histórico, já que se constitui fundamentalmente no confronto, na contradição, na oposição de vozes que se entrecrocaram na arena da realidade.” (IDEM; IBIDEM)

2. INTERTEXTUALIDADE

O quadrinho de Strömquist apresenta muitas relações intertextuais em seu interior. Algumas dessas relações se dão de forma contratual, enquanto a grande maioria se relaciona de forma polêmica, estabelecendo uma discordância e rejeição com o texto citado.

Segundo Barros (2009, p.355), “os textos estabelecem diálogos com outros textos, seja no nível apenas dos conteúdos discursivos dos temas e figuras, seja no nível propriamente textual, em que as relações incluem também as aproximações entre plano da expressão.” O próprio título da adaptação brasileira possui relação intertextual com a pintura “*L’Origine du monde*”, de Gustave Courbet. Não se trata apenas de uma construção no segmento verbal, mas também no visual, uma vez que a ilustração apresenta uma patinadora revelando a mancha do sangue menstrual em suas roupas íntimas, enquanto que o quadro de Courbet apresenta uma mulher com os órgãos sexuais expostos. Se a origem do mundo se dá a partir do nascimento e a menstruação é o processo fisiológico pelo qual é possível a ovulação para que haja a fecundação e o nascimento posterior, originando a vida, temos aqui um exemplo de relação discursiva de sentido que se dá na imanência.



Figura 101: L’Origine du monde - Gustave Courbet



Figura 102: Capa da adaptação brasileira do livro de Liv Strömquist

Já o título original - fruto do conhecimento, em tradução livre - faz menção à passagem bíblica onde Adão e Eva comem do fruto do conhecimento do bem e do mal: ambos passam a ter consciência da nudez de seus corpos, sendo expulsos do paraíso. No segmento visual, temos a fotografia da própria autora, que com as mãos faz o símbolo triangular em frente à própria genitália, evidenciando o órgão sexual feminino.

Em outros trechos do livro, a referência bíblica é retomada, tanto no segmento verbal quanto no visual. Há trechos de monólogos de Eva, que contemporaneizada, reflete sobre o impacto psicológico da primeira menstruação. Interessante observar também que a adaptação brasileira conserva ainda, em seu título, a referência bíblica. Tem-se que a origem da humanidade, ou seja, do mundo que conhecemos, no discurso religioso, está homologada à mulher, que tentada pela serpente, cedeu, comeu e fez Adão experimentar junto consigo o fruto proibido, o que os conduziu a, em linhas gerais, povoar a terra.

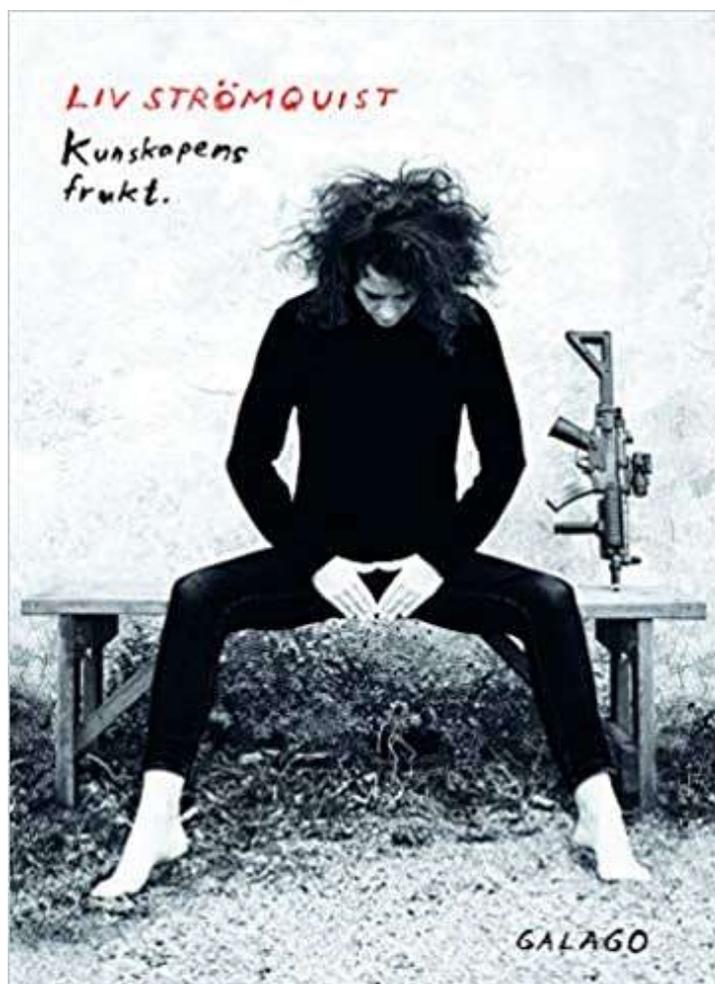


Figura 103: Capa original em sueco



Figura 104: Exemplo de referência bíblica presente na obra p.91

Tais referências não são exteriores ao texto, pois se apresentam na imanência do discurso, revelando lastros da significação dentro do texto-objeto, o que possibilita o

estabelecimento das relações discursivas com os outros enunciados apresentados. O que se procura com tal análise é encontrar as estruturas e recorrências nos discursos com os quais o texto-objeto mantém relação significativa.



Figura 105: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 61

A intertextualidade no exemplo acima se relaciona com a frase “*Veni, vidi, vici*” (vim, vi, venci, em tradução livre) proferida por Júlio César no ano de 47 a.C. após uma rápida e indiscutível vitória na batalha de Zela. A relação intertextual apresentada pela autora visa mostrar como uma fala proferida por um homem em situação de poder pôde ser imortalizada enquanto uma recomendação sobre a forma de fazer uma mulher atingir o orgasmo, visto pela enunciadora como sendo tão importante quanto o feito de César, não recebeu nenhuma atenção, sendo brevemente esquecida na história.

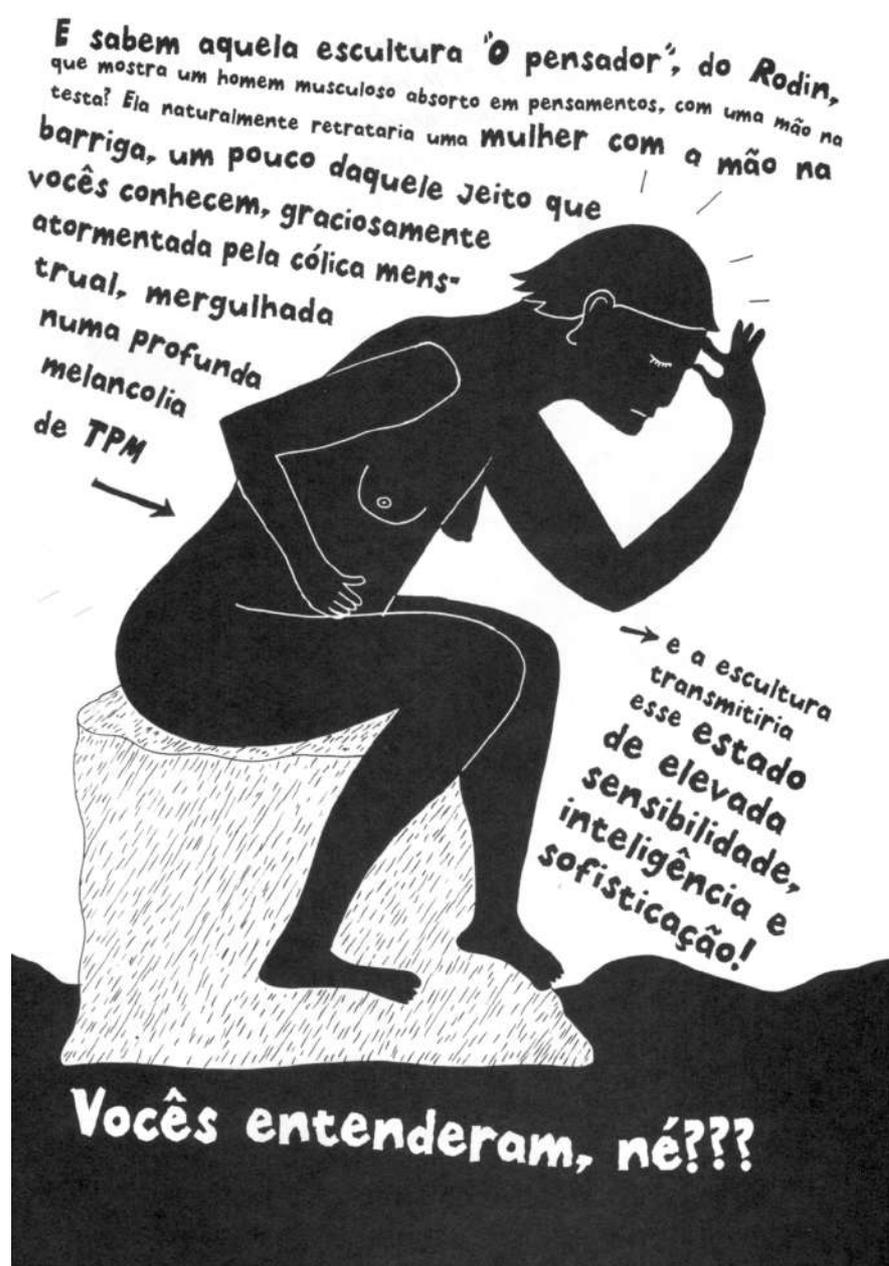


Figura 106: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 121

No exemplo acima exposto, temos a presença da relação intertextual entre a imagem da mulher e a escultura “o pensador”. A própria enunciadora cita esta relação intertextual. O que se quer relacionar neste caso é a visão contemplativa e introspectiva na visão patriarcal vs. a mesma visão num sistema matriarcal, que enxergaria na TPM e no período menstrual, um momento de recolhimento e introspecção feminina, homologado a algumas culturas, como o momento em que a mulher está mais propensa a enxergar questões interiores com mais clareza.

Outra figura bíblica trazida na obra da sueca é Eva. Eva aparece contemporaneizada, relatando além de questões menstruais, questões de abusos e assédio. Tirar uma personagem do contexto e colocá-la na atualidade faz parte do processo criativo da autora em mostrar que essas questões fisiológicas femininas são tratadas de forma equivocada desde os tempos remotos. Na imagem abaixo, vemos Eva refletindo sobre a visão da sexualidade feminina e como é visto de forma disfórica que as mulheres sintam (e demonstrem) maior apetite sexual do que lhes é imposto como conveniente. A enunciadora aproxima Eva, graças a esses relatos, das mulheres ‘comuns’, que passam por questões de constrangimento e assédio por serem mulheres.



Figura 107: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 95



Figura 108: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 89



Figura 109: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 90



Figura 110: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 91



Figura 111: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 92



Figura 112: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 93



Figura 113: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 94

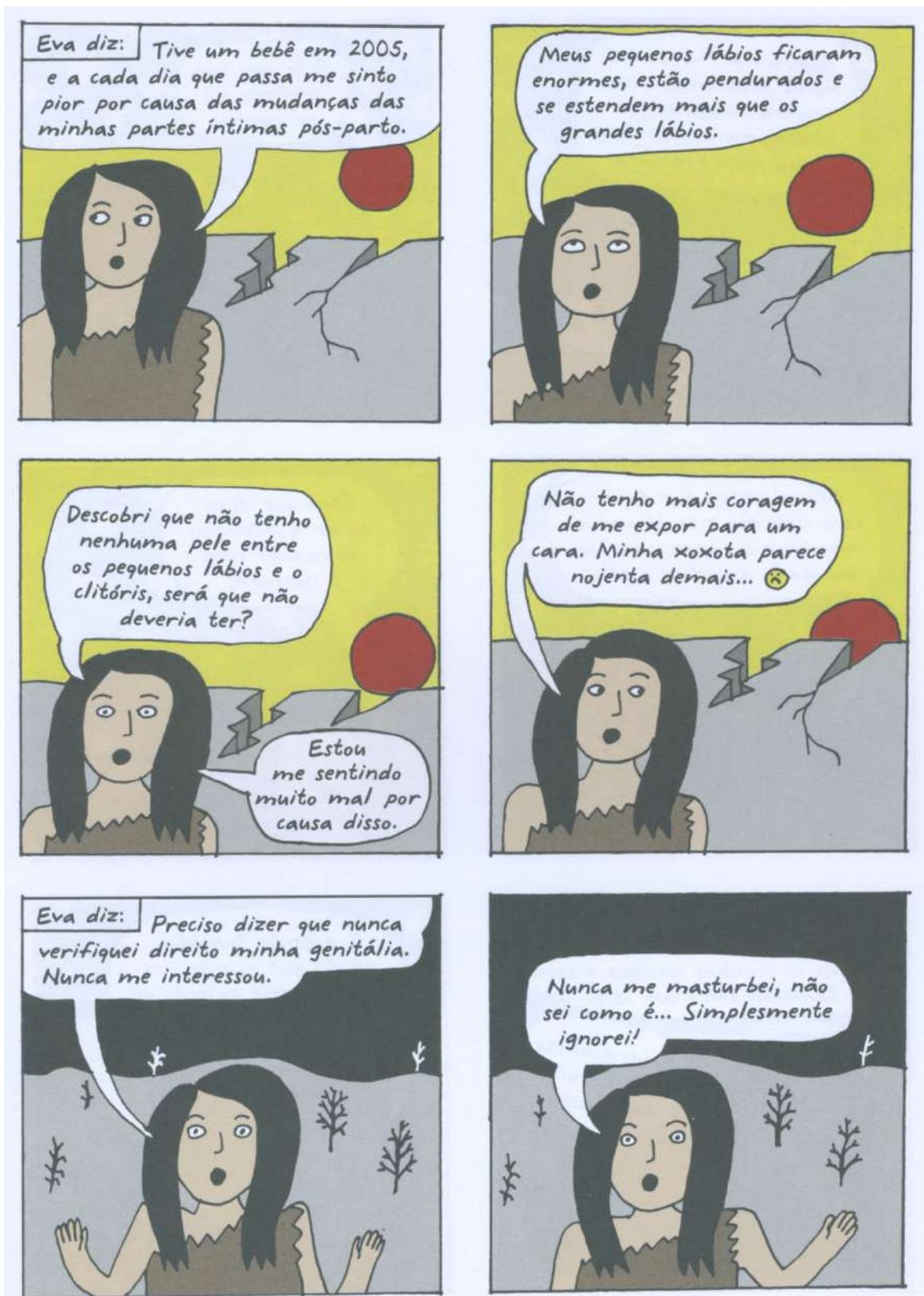


Figura 114: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 96



Figura 115: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 97



Figura 116: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 95

Sabemos que os relatos acima, embora sejam ditos por Eva, não se tratam de falas reais da personagem bíblica, mas de uma intertextualidade que atrela os relatos de mulheres reais aos da 'primeira mulher'¹⁶, mostrando o quão antiga é essa situação. Essa relação intertextual é bastante interessante por alguns aspectos: a enunciativa atrela os relatos de vergonha da vulva (própria ou alheia) e da menstruação ao discurso religioso, onde já vimos que se falava o quão impura era a menstruação e a mulher nessas condições. A vergonha de menstruar, o ato de tentar esconder de quem quer que seja que a menina já atingiu o estágio menstrual é um fator recorrente na vida de muitas garotas. A vergonha em ver outra mulher exposta numa situação menstrual (como o sangue provocado pelo acidente de bicicleta e que

¹⁶ A expressão aparece entre aspas pois, em algumas traduções bíblicas, a primeira mulher criada por Deus foi Lilith, mas esta por ser insubordinada a Adão é substituída por Eva.

foi imediatamente associado à menstruação) ou a vergonha de ver a vulva de outra mulher exposta mostram o quanto a ideia da menstruação ser nojenta (e impura, uma vez que mesmo o banheiro limpo não voltou a ser usado), além da questão da vulva precisar ser escondida, apagada, algo que, como trabalhamos anteriormente, inferimos ser um fenômeno ainda presente na nossa sociedade.

Relatos de problemas em explorar a sexualidade numa relação com o outro, ou até mesmo consigo própria, seja na forma da masturbação, seja no autoconhecimento do próprio aspecto da vulva, também aparecem nessa relação intertextual. O que pode ser homologado à ideia de pecado que as religiões cristãs associam ao sexo e à masturbação. Se uma mulher não conhece a aparência da própria vulva e a única referência que se tem dela são os livros didáticos e a forma editada em que ela aparece em fotos eróticas e vídeos pornográficos, provavelmente vai ter estranheza ao se deparar com a própria. A falta de conhecimento da pluralidade de formas, cores e aspectos que uma vulva pode assumir, fará com que se sinta desconfortável com a sua.

Nesse aspecto, a enunciadora traz o relato de 'Eva' que não sabe o que fazer, pois decidiu submeter-se a uma cirurgia íntima puramente estética, mas não sabe como abordar essa questão com seu namorado. Ela não sabe se conta a ele, se adia a cirurgia ou se rompe o relacionamento. As religiões ocidentais cristãs não estimulam a liberdade sexual e o autoconhecimento do corpo. Pelo contrário, atrelam o ato sexual ao casamento heteronormativo e algumas a veem apenas como meio para reprodução, proibindo assim métodos contraceptivos.

Há ainda relatos de problemas de ordem sexual (dor durante o ato) ou vergonha da exposição em consultas ginecológicas que colocam a mulher em uma situação onde não há espaço para dialogar sobre essas questões, o que aumenta o tabu em torno da sua sexualidade e corpo, distanciando ainda mais as mulheres do autoconhecimento.

Também aparecem nesse cenário intertextual uma situação de assédio sexual, quando 'Eva' nos conta que um homem desconhecido colocou a mão no meio de suas pernas em um ônibus. Pela contextualização do relato, sabemos que este também é um testemunho que poderia ser contado por uma garota nos dias atuais ou do começo do século passado, ou ainda do primeiro dia em que ônibus começaram a circular e as mulheres puderam andar neles desacompanhadas.

Outro aspecto bastante interessante dessa relação intertextual diz respeito à plasticidade. O formante cromático na página inteira aparece apenas onde há a presença da relação intertextual religiosa, com a figura de Eva. Podemos inferir que essa estratégia enunciativa foi usada para criar uma distinção entre uma intertextualidade real, com as falas proferidas pelo interlocutor, das falas criadas para Eva pela enunciativa.

3. INTERDISCURSIVIDADE

A Semiótica discursiva utilizou como base o pensamento dialógico de Bakhtin, teórico russo da linguagem, para a análise das relações entre discursos. Segundo o autor:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.” (1988, p.88)

Posto que “o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado, todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado.” (FIORIN, 2020, p.27) Desta forma, um discurso sempre está dialogando com outro e estão constantemente numa arena de disputa, onde um só faz sentido considerando o outro, pois “no enunciado ouvem-se sempre, pelo menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, elas estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói.” (IDEM; IBIDEM).

No texto em análise, o discurso feminista, que se estabelece na imanência ao longo da obra, está em oposição ao discurso machista que se manifesta na aparência. O dialogismo se mostra como constitutivo, pois não há lastros diretos da teoria feminista na obra. O que se observa é eco de suas ideias, apreendido pela forma como o discurso machista é colocado, com a reprodução de suas falas com tom distinto do que podemos imaginar que foi utilizado. A enunciativa apresenta as ideias por vezes de forma indignada, reprovadora, irônica ou com tom zombeteiro, infantilizando os interlocutores, o que marca uma clara polêmica entre o discurso citante e o citado. Vejamos alguns exemplos:



Figura 117: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 8

Ao apresentar John Kellogg, a narradora dá voz a personagem de Kellogg que repete com pouca alteração frástica a sua apresentação. O que se percebe é a modificação do tom entre a fala da narradora e a do interlocutor. Na gestualidade, temos a personagem com o dedo indicador erguido enquanto diz que além de médico, inventou os sucrilhos e tem tempo de sobra para se dedicar ao impedimento das mulheres em se autoerotizar. O gesto do dedo indicador erguido em alguns contextos e culturas é homologado à arrogância, em alguém que quer impor suas ideias, mas a postura autoritária é rebaixada com a fala da personagem que se assemelha a uma criança que quer contar vantagem de seus feitos “não sou apenas médico - eu também inventei os sucrilhos!”. Ao passo que “e além do mais, tenho tempo de sobra para impedir as mulheres de tocarem suas próprias genitálias” marca a polêmica clara entre os valores da enunciadora e do interlocutor, ao mostrar que havia um interesse excessivo por parte de Kellogg na genitália feminina e que isso poderia se dar ao fato de que ele poderia, sem grande esforço, preencher seu tempo com algo mais produtivo.

O próprio discurso do médico que utilizava a aplicação de ácido no clitóris das mulheres para qualquer queixa, como já mencionamos na parte 1 desta pesquisa, também dialogava com outros discursos, neste caso, o discurso protestante. Kellogg, em conjunção com o discurso religioso, via a masturbação como onanismo ou pecado abominável da autopolução.



Figura 118: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 10

No exemplo acima, temos a figura do Dr. Baker-Brown que repete a frase “tire o clitóris” três vezes depois da narradora dizer os motivos pelos quais ele prescrevia a clitoridectomia (histeria, dor de cabeça, depressão, perda do apetite e desobediência), nos remete a ideia de descontrole, de pessoa não-centrada e irracional, que prescreve um mesmo prognóstico para diferentes queixas.



Figura 119: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 12

Santo Agostinho, precursor da ideia de que sexo é uma traição a Deus, ao ser apresentado pela narradora, também tem o tom de sua fala colocada como forma irônica e provocativa. Ao dar voz em discurso direto a Agostinho, lemos: “gente, minhas ideias são

superfora da caixa para o século IV!!". Essa fala, com tom contemporâneo, retira a formalidade do que seriam as ideias de Agostinho e as coloca em tom de conversa informal. O que demonstra uma separação de valores entre os da enunciadora e do interlocutor.



Figura 120: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 14



Figura 121: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 14

Nos dois exemplos acima, temos a fala dos interlocutores ditas em um tom menos formal e mais infantilizado. Na figura 120, temos John Money repetindo o que a narradora disse, num ar mais informal e na figura 121, temos o diálogo entre um médico e uma possível figura de autoridade que descreve sua visão acerca do sistema binário de gêneros sem qualquer embasamento, mas pautado em uma opinião, que remete à construção social sobre o sistema binário de gêneros. Da mesma forma que nos outros exemplos expostos, a enunciadora mostra, pela forma como introduz o discurso patriarcal, que se opõe a ele, mesmo que não deixe as marcas do discurso feminista na superfície do texto.



Figura 122: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 15

No exemplo acima, vemos o discurso indireto sendo utilizado para introduzir o discurso médico sobre as cirurgias que recém nascidos são expostos para se encaixarem ao sistema binário de gêneros. A escolha de palavras da enunciativa não deixa dúvidas de seu posicionamento contrário ao do discurso citado. Ao comparar a distração dos médicos no ato da cirurgia para transformar genitálias destoantes do padrão esperado em vulvas com o tempo gasto em redes sociais, a enunciativa denuncia o descaso e a indiferença com a pluralidade de corpos, bem como a forma violenta que esses procedimentos são realizados.

No mesmo exemplo, temos o discurso direto que confirma esse relaxamento e essa postura irresponsável de apenas tirar os excessos de uma genitália saudável para encaixá-la em algo mais aceito socialmente. Novamente temos a confirmação a partir das escolhas enunciativas da clara polêmica que se pretende com esse dialogismo.



Figura 123: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 19



Figura 124: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 29

Nos dois exemplos acima, temos o discurso alheio inserido com tom indignado ou zombeteiro, o que mostra uma reprovação. No primeiro caso, na figura 123, ao narrar os desentendimentos sobre a inspeção de três mulheres acusadas de serem bruxas por possuírem 'tetos estranhas', a narradora introduz palavras de baixo calão e infantiliza o diálogo, colocando os desentendimentos próximos de uma briga de colégio. No exemplo da figura 124, essa infantilização dos interlocutores é ainda mais clara. A narradora dá voz aos interlocutores, os chamando de "caras velhos", mas o discurso destes se assemelha a uma birra infantil, como uma criança contrariada que faz chantagem para obter o que quer.

O que procuramos mostrar com a seleção de exemplos expostos é que, embora o discurso trazido na aparência do texto seja o discurso patriarcal, que homologamos neste estudo ao discurso machista, a enunciadora não está em conformidade com este discurso. O discurso que se manifesta na imanência do texto é contrário às ideias apresentadas pelo discurso que aflora na aparência, não deixando dúvidas acerca da polêmica que estabelece com ele.

A polêmica entre os dois discursos pode ser explicada pelo fato da enunciadora se colocar enquanto uma mulher no texto. Ela se projeta enquanto uma figura feminina, que mostra indignação pela forma como a história foi conduzida pelos homens.

Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. O que é constitutivo das diferentes posições sociais que circulam numa dada formação é a contradição. O contrato se faz com uma das vozes de uma polêmica. (FIORIN, IDEM, p. 28)

Enquanto organização binária, homens e mulheres apresentam interesses diferentes, sendo os destas o da emancipação e o da liberdade e os daqueles a dominação e a opressão, que garantem a manutenção de seus privilégios. O discurso a que se propõe a obra visa libertar as mulheres por meio do conhecimento da própria história e constitui-se em oposição polêmica ao discurso opressor, denunciando-o na materialidade do texto; por isso pode-se inferir que “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.” (FIORIN, IDEM, p.22)

Embora o dialogismo principal seja constitutivo, uma vez que o discurso que emerge é o machista, enquanto o discurso feminista se mostra em oposição a ele, outros procedimentos dialógicos são marcados no texto para compor essa disputa de vozes.

Segundo Bakhtin (1988), o discurso que incorpora em seu interior vozes de outros enunciados, constitui um dialogismo de forma composicional. Bakhtin chama essa estratégia discursiva de “concepção estreita de dialogismo”, (FIORIN, 2020, p. 37). O dialogismo não está apenas na marcação de outra voz no discurso, como forma composicional, mas é o próprio modo constitutivo dos discursos. Em outras palavras, “essas formas de absorver o discurso alheio no próprio enunciado são a maneira de tornar visível esse princípio constitutivo dos discursos.” (IDEM; IBIDEM)

A ironia é também um recurso bastante explorado pela quadrinista para marcar a polêmica que faz com o discurso machista. Seja infantilizando o discurso, como vimos, seja mostrando o quão absurdos são alguns dos estereótipos e tabus em torno do corpo da mulher, como podemos ver abaixo.

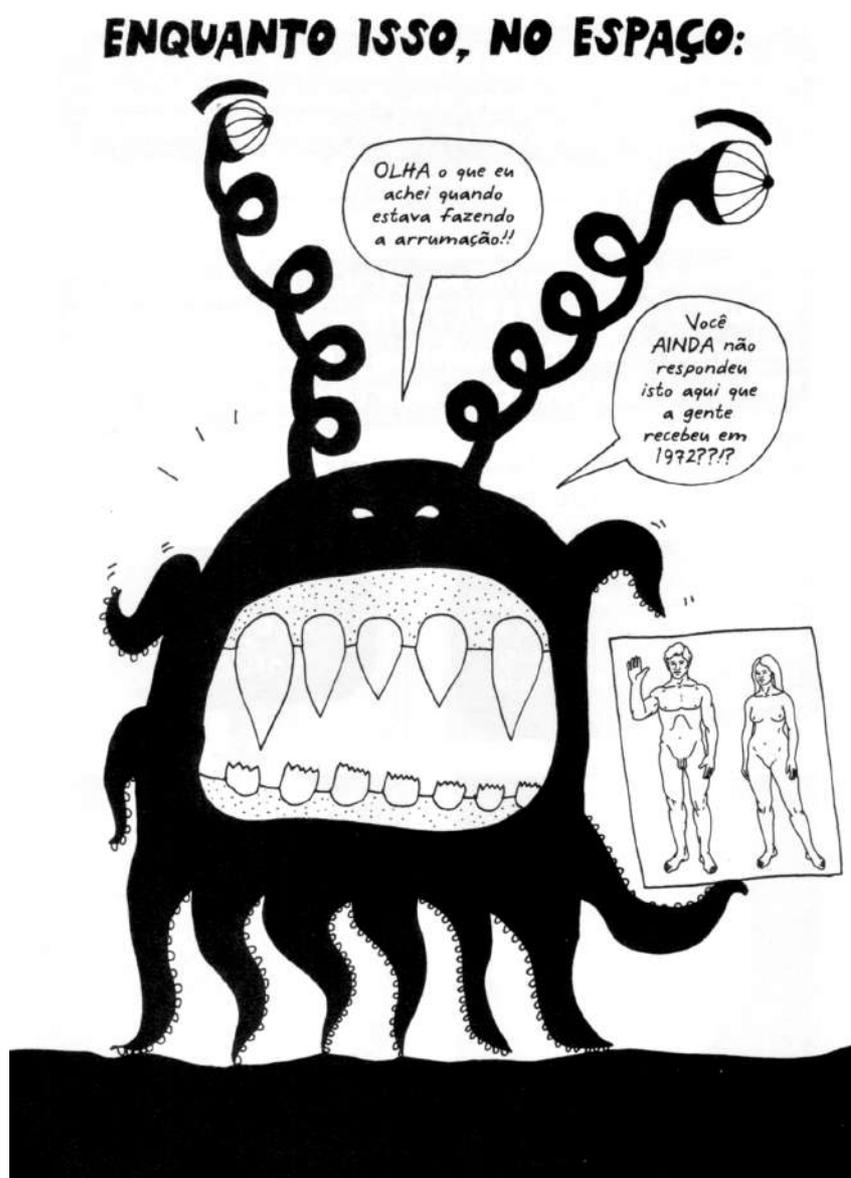


Figura 125: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 54

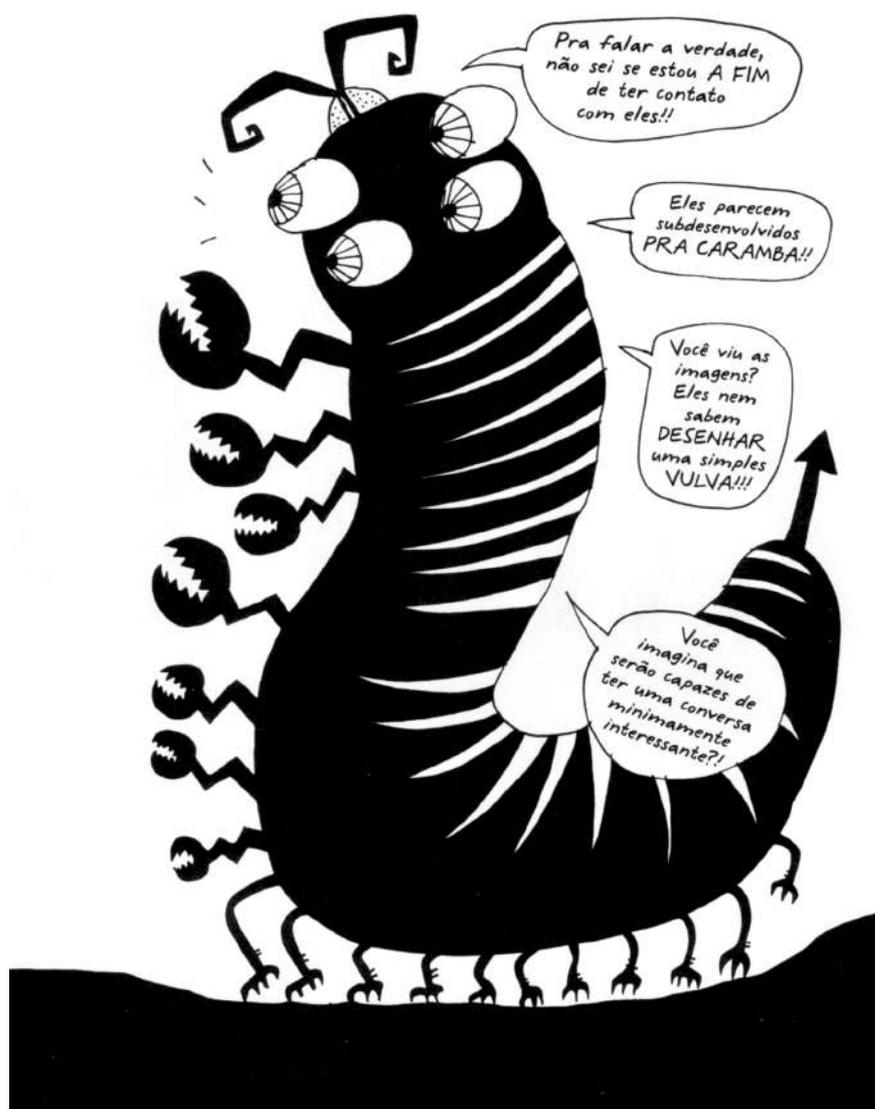


Figura 126: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 55

A enunciativa, por meio de hipérboles visuais, ironiza o fato de que um simples traço, que representaria a vulva, seja motivo de tabu na nossa sociedade. Isso nos permite inferir que a enunciativa acaba por salientar o fato de que em nossa sociedade esse apagamento ocorre tanto na linguagem quanto nas imagens, e é por isso que falamos em apagamento semiótico. A representação dos extraterrestres, reagindo ao envio das placas da Pioneer, ironiza essa cultura social do apagamento das partes externas da genitália feminina.

Analisaremos, pois, quais outras formas de dialogismo são encontradas na obra de Strömquist.

3.1. Discurso objetivado

O discurso objetivado é aquele cujo discurso do outro é expressamente citado e nitidamente separado do discurso citante. Este recurso é utilizado com bastante frequência pela enunciadora, que o introduz com recursos como discurso direto, discurso indireto e por meio das aspas. Alguns exemplos abaixo:



Figura 127: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 7

O uso das aspas no exemplo da página 7 marca a separação de vozes entre o discurso da sociedade que não distingue as partes da genitália feminina e faz alusão ao apagamento semiótico da vulva. Esse discurso está intrinsecamente separado do discurso da enunciadora, cuja obra se propõe a denunciar esse apagamento e tratamento que a sexualidade feminina teve ao longo da história.



Figura 128: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 10

No exemplo acima, as aspas em “buscar o consentimento de seus maridos”, além da introdução do discurso alheio, no caso, o discurso que fala sobre a necessidade do consentimento marital para a realização da clitoridectomia, a enunciadora marca seu posicionamento contrário a essa ideia, separando seus valores do discurso citado. Em outras palavras, esse procedimento de inserção das aspas deixa claro que se trata de um discurso de outrem, uma vez que o vemos reproduzido em discurso direto no balão de fala abaixo, mas também marca uma separação entre os valores do discurso citado e do discurso citante.

A inserção do discurso direto também é uma estratégia enunciativa para inserir o discurso do outro no interior do próprio e ao longo da análise, várias figuras mostraram essa estratégia em uso. Nos dois próximos exemplos, vemos o recurso do discurso direto sendo aplicado como forma de marcar o discurso do outro no interior do discurso citante. No primeiro caso, não há uma relação polêmica entre ambos os discursos, uma vez que a enunciadora traz o discurso direto como forma de apresentar uma visão acerca da menstruação que não destoia de seus valores, portanto temos uma relação conformativa. Esse discurso alheio foi introduzido como forma de reforçar o seu sobre a mudança de sagrada para a antítese do divino, acompanhando a visão sobre a menstruação.

Já no segundo exemplo, figura 128, essa estratégia visa separar o discurso citado (a forma errônea de se referir aos órgãos sexuais femininos) do discurso citante, formando com este uma relação de oposição clara.



Figura 129: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 109



Figura 130: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 38

O discurso religioso também entra em relação dialógica com a obra de Strömquist e o procedimento para se contrapor a ele é o mesmo utilizado pela enunciativa para se opor ao discurso machista: discurso direto, mudança do tom do discurso proferido pelos interlocutores e infantilização das falas. Essas estratégias discursivas servem para marcar um posicionamento polêmico entre os dois discursos, como podemos ver nos exemplos abaixo:

Ao longo da história, um monte de culturas comprou a ideia de que o fluxo menstrual seria impuro.

POR EXEMPLO, NO LIVRO DO LEVÍTICO TEM UMA PASSAGEM EXTREMAMENTE LONGA SOBRE A TREMENDA IMPUREZA DA MENSTRUÇÃO:

Está escrito assim:



Figura 131: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 103



Figura 132: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 104



Figura 133: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 109



Figura 134: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 110

Há, nos exemplos das figuras 131 a 134, alguns recursos utilizados para introduzir o discurso religioso no interior do discurso citante. É o caso do emprego do discurso indireto,

em que a narradora expõe sobre a forma como a religião vê a menstruação e há ainda o discurso direto, onde esse relato é transferido para os interlocutores, que separa os valores do discurso citado do citante por meio do tom irônico e provocativo, que demonstra não só o motivo do tabu em torno do corpo feminino (a menstruação é vista como algo sagrado, portanto precisamos desmistificar isso para tirar o poder feminino e manter a forma divina masculina), mas também dialoga com as propagandas de absorventes que criam o simulacro do segredo da menstruação, ao apostar em absorventes que ‘cabem no bolso e não expõem que a mulher está menstruada’, como já analisamos anteriormente.

3.2. Discurso bivocal

Já no discurso bivocal, não há uma separação nítida entre o enunciado citado e o citante, pois é internamente dialogizado. Os recursos utilizados pela enunciativa neste tipo de dialogismo são de duas ordens: a paródia e a polêmica clara.

Vemos a estratégia da paródia sendo utilizada quando é necessário provar que os discursos acerca da sexualidade feminina são formados culturalmente em ideias baseadas em estereótipos e má-informação. Nesses casos, a autora inverte os gêneros no interior dos mesmos discursos para mostrar como soam de forma inadequada ao sexo masculino. Com isso, ela cria uma argumentação acerca das diferenças culturais do que se é conceituado sobre a sexualidade feminina e masculina, bem como elucida o fato dessa construção estar enraizada nos discursos produzidos socialmente. Nos recortes trazidos por ela, não há qualquer embasamento científico sobre essas ‘diferenças’, o que prova que são meras especulações sociais que se estabelecem a partir de uma construção discursiva.

Vejam abaixo dois exemplos de paródias encontrados no texto:

SE INVERTERMOS OS SEXOS NESTES TEXTOS, VEMOS QUE AS NARRATIVAS DA SOCIEDADE SOBRE O ORGASMO FEMININO E O ORGASMO MASCULINO SÃO MUITO DISTINTAS. É difícil imaginar textos de educação sexual dizendo o seguinte:

Para alguns homens, curtir sexo *não* é sinônimo de ter orgasmo, já que certos homens tiram mais proveito de outras coisas que não o orgasmo.

Existem homens que são incapazes de atingir o orgasmo, não importando as ferramentas e os truques a que recorram.

Nem a melhor amante do mundo pode dar orgasmo a um homem se ele bem no fundo de sua consciência genital não tiver coragem de se soltar.

O homem não quer necessariamente ter orgasmo toda vez que tiver relação sexual.

Às vezes, ele está contente em só sentir proximidade com a mulher, sentir intimidade e carinho.

Coito interrompido

O coito interrompido significa que a relação termina antes de a mulher atingir o orgasmo.

POR QUE SERÁ QUE É ASSIM?

ENFIM, POR QUE A NARRATIVA DA SOCIEDADE APRESENTA O ORGASMO FEMININO E O ORGASMO MASCULINO COMO DUAS COISAS DISTINTAS, O FEMININO SENDO COMPLICADO, DIFÍCIL DE Atingir e NÃO NECESSARIAMENTE IMPORTANTE PARA A MULHER,

ENQUANTO O MASCULINO É FÁCIL (DEMAIS) DE Atingir, INCONTESTAVELMENTE DESEJÁVEL PELO HOMEM, ALÉM DE SER UMA PARTE ÓBVIA DAQUILO QUE CHAMAMOS DE "FAZER SEXO"?

Figura 135: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 59

Esses discursos foram vistos na figura 41 e são homologados às mulheres. Tal estratégia, por meio do recurso da paródia, visa mostrar como estes discursos são uma construção cultural que coloca mulheres e homens como eixos diferentes. O homem seria o detentor da libido, em que vê no sexo uma fonte de prazer inquestionável e a mulher, em contrapartida, é naturalmente frígida, sem apetite sexual e que vê a intimidade como mais importante do que o prazer sexual. Ao inverter os gêneros e reproduzir os mesmos discursos,

a enunciadora nos mostra como estes constroem o imaginário da sexualidade feminina e seu esforço em moldar uma identidade feminina.

A paródia também pode ser vista no exemplo abaixo para se opor ao discurso que pretende regular a estética da genitália feminina. A narradora edita falas sobre cirurgias íntimas, mudando o aspecto que incomoda as mulheres.

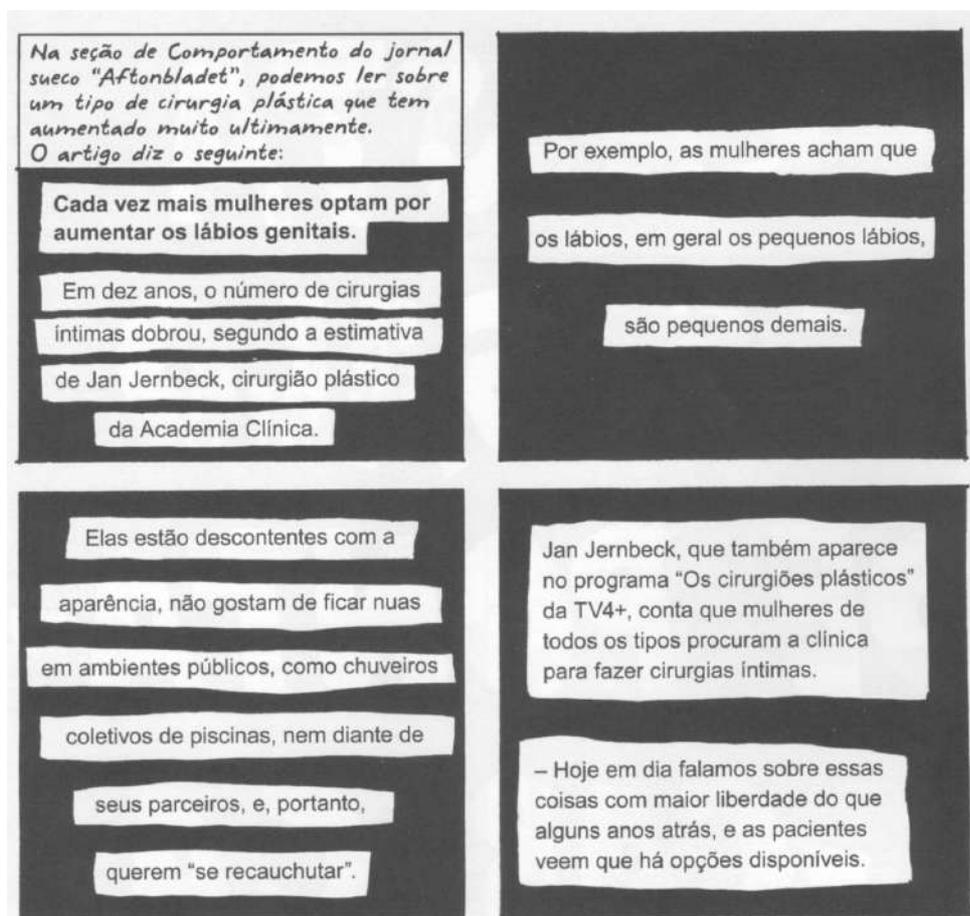


Figura 136: A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado, pg. 32

A enunciadora faz com esses discursos uma polêmica clara, bem marcada no discurso. Seja pela forma que coloca o discurso machista, como já analisamos, seja explicitando o descaso com o qual o corpo e a sexualidade da mulher foram tratados historicamente.

A obra de Strömquist estabelece uma polêmica clara com os discursos patriarcais, tanto que qualquer leitor consegue identificar que se trata de um texto que se propõe a denunciá-lo. São dois discursos que não se confundem, mas estabelecem entre si uma disputa discursiva. Segundo Fiorin:

Se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução. Um discurso pode aceitar, implícita ou explicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repeti-lo num tom irônico ou reverente. Por isso é que o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade. As relações interdiscursivas podem, assim, ser contratuais ou polêmicas. (FIORIN, 1995, p.45)

Ao abarcar em seu discurso tantas vozes, a enunciadora consegue estabelecer uma relação interdiscursiva polêmica, que confronta o discurso machista e patriarcal, rejeitando a forma como a sociedade constrói a visão da sexualidade feminina. A interdiscursividade também é uma estratégia enunciativa para firmar com o enunciatário pressuposto um contrato de veridicção, pois incorpora ao seu, o discurso do outro, amparando o seu com fontes.

Neste estudo, que chega ao fim, procuramos demonstrar as estratégias discursivas presentes nos discursos dominantes e que impactam diretamente na construção da mulher em sociedade, moldando a forma como elas podem se desenvolver socialmente.

CONCLUSÃO

*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes
e totalmente livres.”*

Rosa Luxemburgo

A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs o patriarcado é uma obra instigante e provocativa, que constrói a partir de momentos históricos, resultado de uma pesquisa sagaz, uma linha do tempo (não tão linear) da história da sexualidade e da anatomia genital da mulher.

Em nossa pesquisa, nos propomos a investigar os impactos de uma história da sexualidade feminina cujos protagonistas e autores eram homens. A mulher não era o objeto de pesquisa, o *corpus* da investigação.

Nos propomos, dessa forma, a desvelar a ideologia marcada nos discursos patriarcais e os impactos destes na construção do sujeito mulher na sociedade, a partir da obra de Strömquist.

Podemos inferir que as diferenças biológicas entre homens e mulheres serviram como base para alicerçar uma distinção social. Essa diferenciação social, assumida como construída socialmente, se ampara nas diferenças ditas biológicas para se afirmar enquanto natural. Bourdieu apresenta essa ideia da construção do natural, e é a partir dessa construção cultural do natural que esses discursos percorrem a sociedade como formas de estereótipos, uma vez que lidos enquanto naturais e não como construções, são legitimados socialmente. A cultura “(...) legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria, uma construção social naturalizada.” (BOURDIEU, 2020, p. 45). O impacto dessa lógica é a da superioridade de um sexo em relação a outro. Beauvoir mostra como a sociedade patriarcal enxerga os dois sexos:

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos. (...) A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, 1949, p.11, 12)

Investigar a forma como a linguagem é utilizada enquanto mecanismo opressor na construção dos sujeitos sociais e, sobretudo, à condição da mulher, é refletir sobre o tipo de sociedade em que vivemos e quais as transformações que queremos atuar enquanto sujeitos coletivos. Assumimos, desta forma, que as determinações ideológicas se materializam na linguagem e se afloram socialmente na forma de estereótipos ou imposição de papéis sociais e temáticos para atuação na vida social. Tal afirmação se ampara em Fiorin, ao elucidar que:

O campo das determinações inconscientes e ideológicas é a semântica discursiva, pois o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social. Esses elementos surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção foram apagadas. Esses elementos semânticos, assimilados por cada homem ao longo de sua educação, constituem a consciência e, por conseguinte, sua maneira de pensar o mundo. (Fiorin, 1995, p.19)

Ao analisarmos o nível discursivo, procuramos demonstrar como se dão as formações discursivas e ideológicas, bem como as formas que moldam o modo de ver o mundo e o modelo de atuação que recai sobre os sujeitos.

Também investigamos as estratégias enunciativas empregadas por Strömquist para firmar um contrato de veridicção e persuadir o enunciatário pressuposto. Seja pela oscilação entre aproximação e distanciamento da enunciação, com o uso de discurso direto e indireto, seja pela inserção das referências bibliográficas incorporadas ao fluxo de leitura ou mesmo a reprodução de fotografias ao invés da ilustração, firmam a oposição que se faz com os discursos machistas. Reconhece uma enunciação que nos faz refletir sobre o quanto os discursos femininos precisam se reforçar de recursos veridictórios, visto serem colocados constantemente à prova e, com certa frequência, desacreditados.

Procuramos ainda mostrar o quanto os sujeitos não são produtores de discursos livres, mas sim reprodutores de discursos alheios. Assume-se se tratar de uma formação discursiva em que recai toda uma influência de outros discursos que circulam na sociedade. Nas palavras de Fiorin (1995, p.44):

Deve-se contestar essa liberdade absoluta do ser humano, pois, como já mostrado, sendo ele produto das relações sociais, age, reage, pensa e fala, na maior parte das vezes, como os membros de seu grupo social. Além disso, as ideias que tem à disposição para tematizar seu discurso são aquelas veiculadas na sociedade em que vive. É claro que, com isso, não se exclui a possibilidade de o homem elaborar um discurso diferente, portanto, dos discursos dominantes. No entanto, esse discurso crítico não surge do nada, do vazio, mas se constrói a partir dos conflitos e das contradições existentes na realidade.

Na segunda parte da pesquisa, analisamos as relações intertextuais e interdiscursivas que compõem a obra. A partir da noção de dialogismo, investigamos de que forma a relação polêmica entre o texto citado e o citante se estabelece ao longo do quadrinho. A forma como a quadrinista apresenta o discurso do outro, incorporando-o ao seu, foi o indicador mais enfático de mostrar a forte oposição ao discurso que citava.

A partir das formações discursivas e ideológicas que circulam na sociedade, inferimos que o impacto desses discursos na construção do sujeito mulher é negativo em vários aspectos: por determinar seu destino em alguns períodos históricos, por sugestioná-lo em momentos supostamente progressistas, por negligenciar a sua anatomia e peculiaridades, por homologar à sua figura estereótipos e tentar impor papéis sociais pelo seu gênero.

Outro aspecto que se sobressaiu em nossa análise diz respeito ao fato de que a visão acerca do papel social da mulher, ou a imagem que se tem dela, se transformou socialmente para atender às demandas sociais. A mulher foi colocada enquanto um eterno sujeito inacabado, mas não por si, uma vez que seu inacabamento não está relacionado com a sua própria construção identitária e de seu modo de ser-no-mundo. É uma incompletude socialmente imposta, cuja exigência era de que ela performasse o que a sociedade precisasse. Exigência essa que culminou em violência física e simbólica, silenciamento e negligência, materializadas enquanto uma diferenciação que as colocou não como destinadoras de si mesmas, mas sendo a cultura e a sociedade suas destinadoras. Quando Butler diz que “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”, (2019, p.18) concluímos que a sujeição das mulheres está relacionada com a demanda social ao qual ela se insere.

De acordo com essa perspectiva, a estrutura patriarcal vai continuar moldando as mulheres não enquanto sujeitos livres, mas enquanto serviçais a serviço dos homens. Todavia, deveria ser de interesse geral que tal estrutura fosse repensada, justamente por assumirmos que o machismo não priva somente as mulheres, mas os próprios homens. São podados em muitos aspectos, abrangendo sobretudo aspectos emocionais.

Sendo “a humanidade masculina, o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” (BEAUVOIR, 1949, p.12) Mostramos em nossa análise que a construção dos sujeitos é pautada em um projeto. Projeto este que determina que um ser é absoluto e o outro é inessencial. “Um homem está em seu direito sendo homem. Há um tipo humano absoluto que é o tipo masculino.” (IDEM; IBIDEM).

O caminho para a mulher construir-se enquanto sujeito autônomo é o de transcender sua condição, projetando-se pela liberdade, saindo da imanência. O grande desafio é compreender como fazer com esses discursos oposições não apenas em discursos individuais, mas coletivos, capazes de gerar transformações na sociedade. Precisamos olhar para esses

discursos e produzir novos, que proponham mudanças a serem incorporadas socialmente, uma vez que as oportunidades que a mulher recebe são díspares das do homem. A forma como a sociedade está estruturada hoje torna para as mulheres um desafio à parte se desenvolverem como humanos e sujeitos autônomos. Barros aponta um caminho para essa transformação social por meio dos discursos:

Para a aceitação social das diferenças, é preciso que os discursos sejam elaborados com narrativas, paixões, temas, figuras e tensões contrários aos dos discursos intolerantes: os contratos narrativos devem ser os de multilinguismo, de mestiçagem, de diversidade sexual, de pluralidade religiosa; as paixões benevolentes sentidas pelos 'iguais' precisam ser estendidas aos diferentes e substituir o ódio e o medo do 'outro', que só assim deixará de ser visto como não-humano ou animalizado, antinatural e anormal, doente, sem ética e sem estética; a inclusão do diferente, deve ser, por conseguinte, considerada como uma mistura enriquecedora, como uma melhoria social. (BARROS, 2019, p.15)

Saussure, na formulação da dicotomia *sincronia e diacronia*, diz que do ponto de vista sincrônico, a língua é estável, mas torna-se mutável na diacronia, dado que incorpora as mudanças que ocorrem na fala. (2012, p.145-180). Em outros termos, as mudanças linguísticas que ocorrem no plano da fala podem ocasionar mudanças na língua e mudanças na forma de usar a língua - a linguagem - geram mudanças na sociedade. Uma vez que expressões com conotação pejorativa referente às mulheres ganharem outros significados, estes implicarão na forma como são vistas em sociedade.

Isso posto, ao repensarmos os discursos e os usos da palavra na fala, podemos promover uma mudança social que se estabelece a partir da linguagem. Nosso convite é o do debate aos modos como a linguagem é utilizada para se referir às meninas e mulheres. Outro ponto seria refletir sobre a produção de novos discursos que não coloquem homens e mulheres como seres opostos, em que atribuem-se duas culturas distintas, com duas vivências e modos de presença no mundo radicalmente discrepantes.

A sexualidade feminina é o ponto central da obra analisada e procuramos mostrar que o controle dos corpos femininos e a formação da identidade feminina passam pela sexualidade. A mulher é reprimida sexualmente desde muito pequena, seja na impossibilidade de explorar seu corpo, com comentários como “feche as pernas”, “tire a mão daí”, (já bastante conhecidos em nossa sociedade), seja na desmotivação de explorar a sexualidade, como a autoerotização feminina ou a repreensão da sensualidade, sempre associada ao vulgar. A

vigilância sexual e o controle sobre o corpo começa por meio da família, embora seu princípio não seja criado em sua instância.

A sexualidade humana é tão complexa quanto sua própria existência e se manifesta no indivíduo enquanto expressão interna e externa, possuindo tanto plano de expressão quanto plano de conteúdo. Sua manifestação individual, como forma de ser-no-mundo e de integrar os espaços públicos é uma potente ferramenta de libertação, pois possibilita na prática demonstrar que o individual é político. Perguntado sobre quem coordena a ação dos agentes de política de corpos, a biopolítica, Foucault (2014, p.73) nos diz que “é um conjunto extremamente complexo sobre o qual somos obrigados a perguntar como ele pode ser tão sutil em sua distribuição, em seus mecanismos, seus controles recíprocos, seus ajustamentos, se não há quem tenha pensado o conjunto.” Foucault (idem: ibidem) ainda nos alerta para o fato de que “precisamos entender de que corpo necessita a sociedade atual”, para atuarmos enquanto agentes de libertação de nossos próprios corpos e sexualidade.

Voltando às hipóteses da nossa pesquisa, concluímos que se mostram verdadeiras. Vimos nas isotopias temáticas a construção de um sujeito que tem seu corpo controlado, seu modo de operar socialmente delimitado por papéis temáticos. As próprias relações intertextuais e interdiscursivas foram utilizadas também como uma forma de marcar a oposição entre os discursos. Fechamos nossa pesquisa com a citação de Butler para que nos inspire a transformar a sociedade da qual fazemos parte:

O "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o "sexo" é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o 'sexo' é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o 'sexo' e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. (BUTLER, 1999, p.111)

Esperamos, por fim, que a pesquisa aqui apresentada tenha contribuído para levantar o questionamento sobre as práticas discursivas que impactam diretamente na construção dos sujeitos. Esperamos, ainda, termos mostrado como a Semiótica é uma teoria que dialoga com outros campos do saber e que apresenta potencial para promover esse debate acerca do uso da linguagem na formação de discursos, tão atual e necessário em nossos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich, **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**, Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo, UNESP/Hucitec, 1988

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso. Fundamentos teóricos**, 3ª ed., São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, 2002

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**, 4ª ed., São Paulo, Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de.; FIORIN, José Luiz (orgs.) **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**, São Paulo, EDUSP, 2003

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Uma reflexão semiótica sobre a Exterioridade discursiva**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2120>. Acesso em: 16 mar. 2021.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola**. Estudos Semióticos [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. dezembro de 2019. p. 1-14. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse . Acesso em 18/08/2021

BEAUVOIR, Simone, **O segundo sexo: fatos e mitos**, 3ª ed., Tradução de MILLIET, S., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

BEIVIDAS, Waldir. **Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica**. Por uma epistemologia discursiva. Cadernos de Semiótica Aplicada - CASA, Vol.6 n.2, dezembro de 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/1198> . Acesso em 14/05/2021

BENVENISTE, Émile, [1966] **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Pontes Editores, 1995

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo, Contexto, 2018

BLIKSTEIN, Izidoro. **Semiótica e Totalitarismo**. São Paulo, Contexto, 2020

BOURDIEU, Pierre, **A dominação masculina**. *A condição feminina e a violência simbólica*, 18. ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2020

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, 18ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, tradução de Renato Aguiar, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 1999 (tradução da introdução de BUTLER, Judith: *Bodies that Matter*. New York, Routledge, 1993)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0. 1 CD-ROM.

FIORIN, José Luiz, **Linguagem e ideologia**, 4ª ed., São Paulo, Ática, 1995.

FIORIN, José Luiz, **As astúcias da enunciação**. São Paulo. Ática, 2008.

FIORIN, José Luiz, **Elementos de análise do discurso**. São Paulo, Contexto, 2016

FIORIN, José Luiz, **Introdução ao pensamento de Bakhtin**, São Paulo, Contexto, 2020

FIORIN, José Luiz, **Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas**, Gragoatá, 22(44), 970-985. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v22i44.33544> . Acesso em 29/09/2021

FOUCAULT, Michel, **Microfísica do Poder**, 28ª ed., São Paulo, Paz & Terra, 2014

FOUCAULT, Michel, **Poder e Corpo** (1975), In Motta, Manoel Barros da (org.) *Ditos e Escritos X*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 67-82, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir** 42. ed. São Paulo: Vozes, 2014

GARCIA, Carla Cristina, **Breve história do feminismo**, 3ª ed., São Paulo, Claridade, 2015.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. [1979] **Dicionário de Semiótica**. Tradução de LIMA, A. D. L. São Paulo, Contexto, 2016

HJELMSLEV, Louis, **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**, 2ª ed. tradução de NETTO, J. T.C., São Paulo, Perspectiva, 2018.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado. História da opressão das mulheres pelos homens**. trad. Luiza Sellera, São Paulo, Cultrix, 2019

LHOMOND, Brigitte. **Dicionário crítico do feminismo**, São Paulo, Unesp, 2009

MILL, Stuart. **A sujeição das mulheres**, trad. Débora Ginza, São Paulo, LaFonte, 2019

OLIVEIRA, Taís de et SALIBY, Gizelia Mendes: **A violência estrutural de gênero nas obras Mrs. Dalloway e As Horas, Actes Sémiotiques** [En ligne], 125, 2021, Acesso em: 28/08/2021, URL : <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/7291>, DOI : 10.25965/as.7291

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos, Claraluz, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916] **Curso de linguística geral**. Tradução de CHELINI, A., PAES, J. P., BLIKSTEIN, I. São Paulo, Cultrix, 2016

STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado**. Tradução de Kristin Lie Garrubo. São Paulo, Quadrinhos na Cia., 2018

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa. São Paulo, Tordesilhas, 2014

